

II Seminário de AutoFormação Docente

Organização: Edilane Oliveira e Rosane Tesch



*○ que vejo nas minhas
práticas sustentáveis
com a educação infantil?*

C.M. ELZA MACHADO DOS SANTOS – TIA ELZA

II SEMINÁRIO DE AUTOFORMAÇÃO DOCENTE:

O que vejo nas minhas práticas sustentáveis
com a educação infantil?

Organização
Edilane Oliveira e Rosane Tesch

R. Tesch

Rio de Janeiro
2020

2020, autoras.
Direitos para esta edição cedidos à R. Tesch.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto gráfico
Ranah Tesch
Normalização
Rosane Tesch
Revisão
Edilane Oliveira e Rosane Tesch
Ilustração da capa
Catavento, Ranah Tesch

ISBN 978-65-00-10325-0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

II Seminário de autoformação docente [livro eletrônico] : o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a educação infantil? / organização Edilane Oliveira e Rosane Tesch. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Rosane Tesch, 2020. PDF

Vários autores
ISBN 978-65-00-10325-0

1. Educação 2. Educação - Finalidades e objetivos
3. Educação infantil 4. Educação - Brasil
5. Prática de ensino 6. Professores - Formação
7. Sustentabilidade I. Oliveira, Edilane. II. Tesch, Rosane.

20-46441

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:

1. Sustentabilidade : Educação infantil 372.21

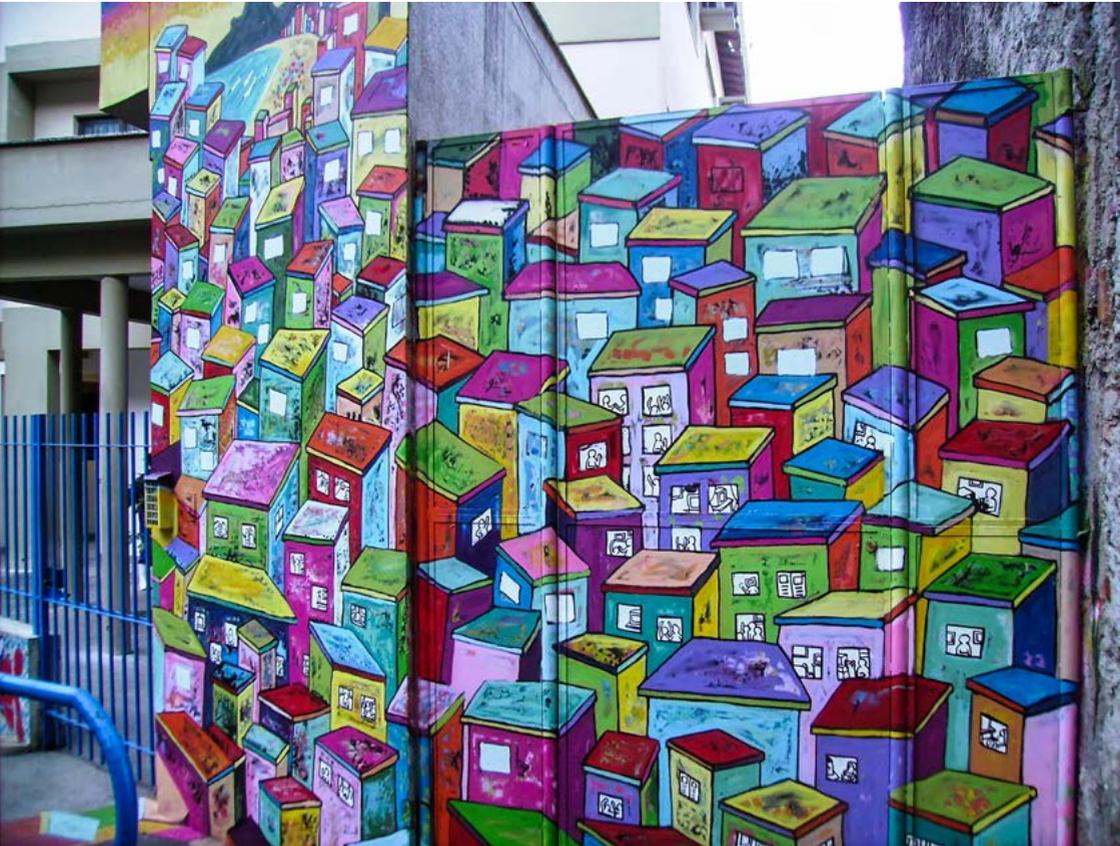
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro (SME/RJ)
2ª Coordenadoria Regional de Educação
C.M. Elza Machado dos Santos – Tia Elza
Rua Saint Roman, 173, Copacabana
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22071-060
Tel.: (21) 2267-9147

@cmtiaelza

Às crianças!





II SEMINÁRIO DE AUTOFORMAÇÃO DOCENTE:

O que vejo nas minhas práticas sustentáveis
com a educação infantil?

PREFÁCIO

Eis-me aqui, fazendo o prefácio do e-book *O que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil?*

Recebi o convite e o aceitei com alegria, porém com receio, pois nunca, antes, fiz um prefácio. Como deveria proceder para escrevê-lo?

Resolvi começar contando sobre os 12 anos de experiência com crianças de 4 e 5 anos, nas décadas de 1970 e 1980. Foi gratificante e desafiador. Cria-se um vínculo forte com os pequenos e seus responsáveis. A convivência proporcionou passeios, visitas aos museus, piqueniques, praias e muitas festas. Foram ações bem planejadas e que certamente enriqueceram o conhecimento e a habilidade das crianças. Ainda mantenho contato com alguns poucos alunos dessa época.

Sou pedagoga, em uma longa história com a educação pública, pois cursei o *normal*, com complementação em pré-escolar, na Escola Normal Inácio Azevedo do Amaral. Quando cursei pedagogia, na década de 1980, eu tinha uma vontade imensa de abrir uma creche, mas, percebi que era muito dispendioso e era exigida uma enorme quantidade de itens e documentos que tornavam o sonho inviável naquele momento.

Minha história no município do Rio de Janeiro também está ligada, entre outras experiências, à Escola Municipal Castelnuovo, na qual trabalhei durante 28 anos, além dos 10 anos com a pré-escola

na Escola Municipal Santo Tomás de Aquino. São mais de 50 anos, completados em 2019, que tenho dedicado à educação. Muitos dos alunos que fazem parte dessa história já estão formados e vários deles são muito bem sucedidos.

Tenho diversas fotos de atividades que fazíamos, tudo dentro do contexto dos planos pedagógicos bimestrais, que chamávamos de Unidade de Experiência. Vários dos meus cadernos de planejamento estão guardados até hoje. Lembro muito de uma experiência com meus alunos, quando fomos ao Parque da Cidade e forrei uma toalha no chão para fazermos um piquenique, depois da visita ao Museu. As crianças adoravam as visitas aos museus. Em Petrópolis, eles colocavam as pantufas e saíam andando, com aqueles pezinhos pequeninos, mais felizes do que com a própria observação dos objetos do museu. E muitas mães acompanhavam tudo de perto nos passeios que realizávamos.

Praia e pracinha também eram outros lugares preferidos das crianças. Mas, nesses espaços íamos sozinhos, como parte das atividades pedagógicas, e nunca precisei pedir autorização para sair com elas. Recebia ajuda do salva-vidas, na praia, e das próprias crianças, que ajudavam a manter o grupo dentro da marcação que fazíamos na areia e no parquinho. Nunca houve um incidente que pudesse marcar nossa diversão.

Este período reavivou minhas lembranças, pois, em 2008, por ocasião da inauguração da Creche Municipal Elza Machado dos Santos – Tia Elza, situada na comunidade Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, fui convidada pela então Diretora, Fátima Montenegro Duarte, a integrar o quadro de funcionários na função de Professora Articuladora. Me senti premiada, podendo trabalhar em uma creche, que era o meu objetivo. Chego a ter apego a ela por isso. Os anos de trabalho com a Fátima me remetem à disciplina e organização e muito dessa organização mantemos até hoje na direção.

Os anos se passaram e me tornei Diretora Adjunta na gestão da Diretora Norma Sueli Azevedo de Macedo, cargo em que permaneço até os dias de hoje com a atual Diretora Rosane Tesch. Os afetos compartilhados na gestão da Norma continuamos mantendo, todas nós, seja em encontros na creche ou nas saídas para um café.

Este e-book, idealizado pelas Professoras Rosane Tesch e Edilane Oliveira desde 2018, por ocasião da comemoração dos 10 anos da Creche, contou com a adesão das demais Professoras e Agentes de Educação Infantil que, também, se mobilizaram com o objetivo de organizar um Projeto Pedagógico, reformulando atividades dos anos anteriores. O trabalho foi intenso e surgiram contratempos, mas, com garra e perseverança culminou no belíssimo Seminário de 2019, o *II Seminário de Autoformação Docente: o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil*.

O e-book é um reconhecimento a todas as pessoas que se empenharam com sucesso na apresentação de experiências inovadoras e bem sucedidas, incluindo os nomes que não constam nos textos aqui publicados, mas que fizeram parte de todo o processo.

Concluo, dizendo que a Creche Tia Elza possui uma equipe criativa, afetuosa e que apresenta como característica mais notável a sensibilidade aos valores e necessidades da Educação Infantil.

Sonia Madeira

Pedagoga e Professora (SME/RJ)



APRESENTAÇÃO

Para contarmos a história da construção deste e-book é preciso falar de um grupo de profissionais que têm prazer em compartilhar experiências, inquietações, anseios, conquistas e reflexões. Logo, oportunizar processos de autoformação na Educação Infantil construídos coletivamente, especialmente na Creche, se sustenta em uma concepção de que não há uma verdade única, mas diferentes modos de conhecer, ver, ser, pensar e interpretar o mundo (SANTOS, 2019). Nesse sentido, e compreendendo que os saberes são plurais, trazemos os textos-imagens que compõem este e-book, cada qual encharcado de histórias e marcas advindas das singularidades das autoras, da subjetividade das escritas, dos repertórios, dos temas, dos percursos ímpares, que trazem à tona uma poética muito particular.

Esta coletânea faz parte do *II Seminário de Autoformação Docente: o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil*, realizado em 2019, na Creche Municipal Elza Machado dos Santos – Tia Elza, situada no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, em que um dos objetivos principais era debruçar-se sobre a temática da sustentabilidade atrelada às práticas com a Educação Infantil. Sua concretização se deu a partir de um movimento autoformativo organizado pela equipe que atua na instituição, iniciado no ano anterior (2018), quando foi realizado o I Seminário de Autoformação Docente: práticas com os cotidianos da Educação Infantil. Nesse ano, a equipe estava no processo de comemoração do aniversário de dez anos da Unidade Escolar e em uma das reuniões em que se tinha o intuito de planejar e pensar temas possíveis para a elaboração do Projeto Pedagógico Anual (PPA), a partir das práticas com as crianças, a ideia foi gestada. Era importante estar em consonância com a Secretaria Municipal de Educação (SME/RJ), mas havia, também, a necessidade de preservar a identidade da instituição e do grupo que a constitui. Ao longo da conversa ficou decidido que seria interessante visitar projetos e práticas dos anos anteriores, dando continuidade a um olhar

que se voltasse para dentro, para nossas escritas, práticas, vivências, ações e reflexões e que mostrasse que, mesmo internamente, há o estranho, o pouco revelado, o invisibilizado. Os Seminários foram criados e pautados nessa reflexão, como espaço de troca, de formação, de partilha de experiências e narrativas compartilhadas.

O Seminário de 2019 foi realizado nos meses de setembro e outubro, totalizando seis encontros, e contou com a participação de professoras de outras duas unidades de Educação Infantil: a Creche Municipal Doutor Sobral Pinto e a Creche Municipal José Vieira da Silva. Em novembro, tínhamos planejado mais dois encontros para finalizar as apresentações e trocas entre os grupos, mas não foi possível devido ao cancelamento dos Centros de Estudos Parciais (CEPs), horários em meio turno quinzenais reservados para planejamento das aulas na própria Unidade Escolar e cujo tempo não só nos permitia planejar as atividades a serem desenvolvidas com as crianças, as famílias e a comunidade, mas, sobretudo, refletir, analisar e reelaborar nossas práticas com elas. O cancelamento dos CEPs materializou a impossibilidade de darmos prosseguimento às apresentações, aos planejamentos e avaliações como processos formativos com a docência no espaço-tempo escolar.

Superada essa impossibilidade, o lançamento do nosso e-book foi planejado antes de entrarmos na pandemia provocada pelo coronavírus, uma experiência inédita no mundo, se considerarmos que o isolamento social proposto pelas autoridades para combater a propagação do vírus foi atravessado por uma virtualidade visual-digital que o transformou em isolamento físico, com possibilidades de manter as interações e os laços afetivos para uma grande parte da população. Com essa nova realidade, apresentamos o livro, composto por onze textos-imagens que trazem diferentes expressões e narrativas pertencentes a cada professora-autora. Rose (2007) chama a atenção para o fato de que não se pode esquecer que a imagem visual nunca deve ser tomada como inocente, pois ela está sempre construída por várias práticas, tecnologias e conhecimentos. Ainda segundo Rose

(2012), olhar as imagens somente como “imagem” é negligenciar como estas foram produzidas e interpretadas pelas práticas sociais. Nessa proposição, do total de textos-imagens publicados oito foram apresentados no Seminário de 2019 e três não. Apesar de não ter sido possível fechar o II Seminário com todas as propostas inscritas, o que mais nos motiva, nesse momento, é poder compartilhar a riqueza dessa experiência, trazendo os diferentes modos de contar as histórias e valorizando, assim, os saberes diversos, premissa de nosso pensar-fazer docente.

O primeiro grupo de textos foi apresentado no II Seminário e traz, inicialmente, a *Importância das experiências sensoriais para as crianças de Berçário I*, de Andrea Machado de Souza, Clarinete Targino Gonçalves e Thaís de Oliveira Trindade. No texto, as autoras abordam a importância das atividades sensoriais para a faixa etária do Berçário I, que inclui crianças de 6 meses a 1 ano e 11 meses de idade. As narrativas e expressões das crianças são compartilhadas em experiências que mostram como, nesta etapa do desenvolvimento, o bebê está descobrindo o mundo ao seu redor com todo o seu corpo e, principalmente, a partir do tato e do paladar. Buscando dialogar com autores do desenvolvimento infantil, Andrea, Clarinete e Thaís descrevem práticas realizadas com 25 bebês, na Creche Municipal Elza Machado dos Santos – Tia Elza, no primeiro semestre de 2019.

O segundo texto, *Valorizando as diferenças, provocando mudanças*, de Ana Lúcia Roballo, explora uma questão muito discutida na contemporaneidade, a pressão exercida pelos padrões ditados pela sociedade, onde até mesmo as crianças se veem diante de situações que as colocam no meio de exigências estéticas e desvalorização de suas características físicas que carregam em si muito preconceito. Ana destaca que a falta de aceitação, muitas vezes por pessoas que, tendo sofrido os mesmos preconceitos os reforçam, demonstra uma ausência de reflexão sobre nosso papel no mundo. No texto, a autora narra uma situação vivida com uma criança, no refeitório da Creche, que a fez criar um projeto em que as crianças fossem valorizadas em

todos os seus aspectos físicos e até emocionais, utilizando o livro *O Cabelo da Lelê*, de Valéria Belém.

Em *Brincar e reciclar por um mundo melhor*, Andreia Fernandes Costa fala sobre a importância de praticar e refletir sobre a coleta seletiva e a reciclagem com as crianças, na Educação Infantil, tendo em vista que elas próprias já trazem questões para uma organização sustentável da vida dentro e fora da Creche. Andreia faz contribuições importantes sobre as diversas formas de identificar os materiais recicláveis, os tipos de resíduos, a separação por cores, o reaproveitamento, mostrando que brincar de reciclar é coisa séria, com práticas lúdicas diversas realizadas com as crianças da turma de Maternal I, que tinham entre 2 e 3 anos no ano de 2019.

Artes na educação infantil: rememorando nossos pilares por meio das escutas e experiências, de Edilane Oliveira e Mary Lane Martins, problematiza algumas práticas sustentáveis pelo viés da Arte, compartilhando vivências com crianças de várias turmas da Creche Elza Machado dos Santos – Tia Elza. As autoras exploram a potência das práticas coletivas e da formação nos espaços da Creche, ressaltando a importância da escuta e das interações com as crianças. As práticas sustentáveis são rememoradas de forma lúdica e prazerosa ao longo do texto, mostrando que a arte está em cada gesto do fazer pedagógico.

De Jane Napoleão, *Ver e ouvir nas brincadeiras e interações das crianças* é uma poesia dentro do livro. Ressaltando como o ver e o ouvir é de extrema importância quando se trata de crianças pequenas, Jane observa e registra, de forma poética, pequenas situações cotidianas que se tornam imensas quando vivenciadas com as crianças. Momentos lúdicos, do brincar, das atividades de rotina, das interações, falas, expressões, tudo é capturado. O texto revela um pouco dessa poesia registrada em fotografias feitas com o celular, uma ótima ferramenta de trabalho, segundo a autora, pois as crianças gostam demais de se ver nas filmagens e nas fotos.

Educação Inclusiva e Sustentabilidade foi o tema da apresentação e do texto trazidos por Larissa Santos e Simone Gomes. Defendendo a importância da inclusão, com qualidade, de crianças especiais nas redes de educação, as autoras dizem como pensam a construção de um mundo sustentável onde todas as pessoas, sem nenhuma discriminação, possam viver em harmonia e equilíbrio com a natureza. Para estimular a reflexão elas trazem uma leitura de Leis e documentos oficiais sobre o tema da educação especial, compartilhando práticas que consideram sustentáveis no processo de inclusão escolar.

Rosane Tesch propõe uma prática de (re)desconstrução do olhar com o texto *Cultura visual e práticas docentes em transformação*, que foi escrito a partir da análise coletiva de fotografias de interações com os espaços-tempos da Creche realizada pelas participantes durante a apresentação no II Seminário. A autora ressalta a importância de estarmos atentas às visualidades que nos cercam, cotidianamente, e o quanto a escuta e a reflexão coletiva e compartilhada expõe o que, sem um olhar mais sensível, muitas vezes tomamos como naturais.

O segundo grupo de textos se inicia com *Brincando com elementos da natureza para um mundo melhor*, de Agda Oiticica. Brincar com a natureza, de forma lúdica, para o desenvolvimento da coordenação motora fina, da criatividade, entre outras possibilidades de interação com as crianças é o que a autora destaca em sua narrativa, enfatizando, também, como a exploração de diversos materiais como argila, sementes, pedras, conchas, galhos de plantas, folhas secas, gravetos etc. chamam a atenção das crianças e despertam seu interesse e curiosidade pelas formas e texturas. Imagens e referências literárias compõem as práticas sustentáveis com as crianças e dinâmicas que podem ser percebidas ao longo da leitura.

Graciele Andrade Rangel nos brinda com o texto *Reflexões e ressignificação da minha prática docente*, compartilhando experiências em busca de um processo de formação contínuo em que a Creche

Elza Machado dos Santos contribuiu para aprimorar sua trajetória com a educação. A autora traz questionamentos, fala das minúcias que as crianças trazem cotidianamente, do seu processo em busca de formações para as docências e do desejo de afetar o outro que mantém a esperança de uma educação de qualidade.

Para realçar a importância da oralidade no desenvolvimento dos bebês, Julia Gama Andrade compõe o e-book com o texto *Berçário II: natureza, reciclagem e reutilização de materiais*, mostrando como se pode incentivar a oralidade da criança em qualquer atividade proposta e em quaisquer situações cotidianas, muitas vezes imprevisíveis. Passando pelos vários campos de experiências, algumas dessas situações são narradas em detalhes ao longo do texto cujas imagens falam por si.

E, para fechar nosso e-book, o texto *Oficina Sementeira na Educação Infantil*, de Laís Somberg e Simone Gomes, propõe uma prática com as crianças, as docências e as famílias, utilizando a plantação de sementes como uma forma de refletir sobre a construção de um mundo mais fraterno e mais humano. Como dizem as autoras, sustentabilidade é uma palavra comprida que precisa ter significado para as crianças, e como as crianças atribuem significado por meio das ações, as práticas em educação para uma vida sustentável, sem dúvida, começam na Educação Infantil.

No momento delicado que estamos vivendo, esperamos poder contribuir não com uma, mas com várias práticas formativas docentes, de forma reflexiva, inclusiva, em toda sua pluralidade, diferenças e culturalidades que enriquecem a vida humana sustentável. Boas práticas-leitoras!

Edilane Oliveira e Rosane Tesch
(SME/RJ-UNIRIO)

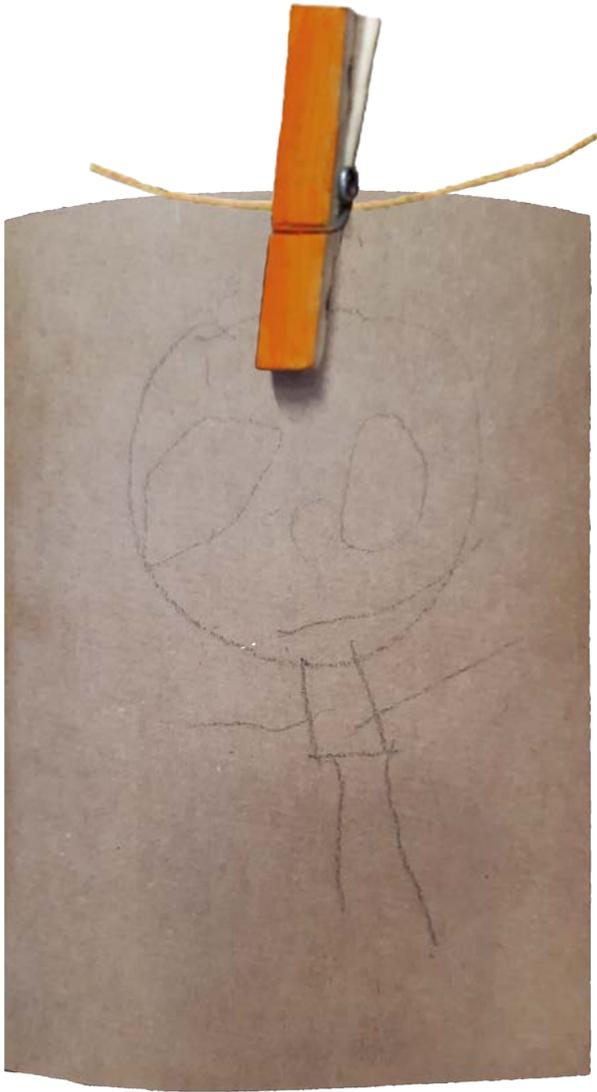
**AQUI
CABEM
TODAS
AS
CULTURAS**



SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	12
TRABALHOS INSCRITOS COM APRESENTAÇÃO NO SEMINÁRIO	23
VALORIZANDO AS DIFERENÇAS, PROVOCANDO MUDANÇAS <i>Ana Lúcia Roballo</i>	27
IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS PARA AS CRIANÇAS DE BERÇÁRIO I <i>Andrea Machado de Souza</i> <i>Clarinete Targino Gonçalves</i> <i>Thaís de OliveiraTrindade</i>	43
BRINCAR DE RECICLAR POR UM MUNDO MELHOR <i>Andreia Fernandes Costa</i>	56
ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REMEMORANDO NOSSOS PILARES POR MEIO DAS ESCUTAS E EXPERIÊNCIAS <i>Edilane Oliveira</i> <i>Mary Lane Martins</i>	71
VER E OUVIR NAS BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS <i>Jane Napoleão</i>	86
EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SUSTENTABILIDADE <i>Larissa Santos</i> <i>Simone Gomes</i>	94

CULTURA VISUAL E PRÁTICAS DOCENTES EM TRANSFORMAÇÃO	118
<i>Rosane Tesch</i>	
TRABALHOS INSCRITOS SEM APRESENTAÇÃO NO SEMINÁRIO	134
BRINCANDO COM ELEMENTOS DA NATUREZA PARA UM MUNDO MELHOR	137
<i>Agda Oiticica</i>	
REFLEXÕES E RESSIGNIFICAÇÃO DA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE	153
<i>Graciele Andrade Rangel</i>	
BERÇÁRIO II: NATUREZA, RECICLAGEM E REUTILIZAÇÃO DE MATERIAIS	165
<i>Julia Gama Andrade</i>	
OFICINA SEMENTEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	178
<i>Laís Somberg</i> <i>Simone Gomes</i>	



Trabalhos
inscritos
com
apresentação
no
seminário



Lara

Clara

Gabriel

Isac

Hilary

Sofia

Anna Alice

Kelvin

Dan Lucas

Arthur

Misael

Jólío

Mat II B
2019

Abel

Misael

Jólío

**VALORIZANDO AS DIFERENÇAS,
PROVOCANDO MUDANÇAS**



U B U N T U

VALORIZANDO AS DIFERENÇAS, PROVOCANDO MUDANÇAS

Ana Lúcia Roballo¹

INTRODUÇÃO

Diante da pressão exercida pelos padrões ditados pela sociedade, até mesmo as crianças se veem diante de situações que as colocam no meio de exigências estéticas e de desvalorização de suas características físicas, que carregam em si muito preconceito. A falta de aceitação, muitas vezes por pessoas que têm sofrido os mesmos preconceitos, reforça atitudes de não aceitação de si mesmas e uma ausência de reflexão sobre seu papel no mundo. Sei que tais atitudes são repassadas e se perpetuam através de vivências culturais, mas acredito que podemos interferir quando as percebemos, porque a Educação nas interações de nossas crianças no ambiente escolar é capaz de causar mudanças.

O primeiro dia do *II Seminário de autoformação docente: o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil?*, da C. M. Elza Machado dos Santos – Tia Elza, em 04 de setembro de 2019, seguiu uma sequência em que três grupos se apresentariam. Na primeira apresentação, anterior à minha, havia uma foto de um Sr. muito parceiro da nossa creche. Nessa foto, há um passarinho livre, que vem pegar o alimento em sua mão, enquanto sobre um carro estacionado,

¹ Professora de Educação Infantil, Graduada em Arquitetura (UFRJ) e em Pedagogia (UNILEYA).

no nosso lado da rua, há uma gaiola que lhe pertence, na qual ele mantém um passarinho preso. Pegando um gancho no que foi explanado pelo grupo, iniciei minha apresentação fazendo uma comparação entre as duas atitudes antagônicas, mencionando que, talvez, esse senhor nunca tenha tido um olhar crítico, uma reflexão sobre essas ações e que, por isso, acabe perpetuando certos comportamentos, que, nesse caso, é a cultura de manter passarinhos engaiolados para usufruir do seu canto. Assim justifiquei, naquele momento, a escolha da atividade e do tema que iria apresentar, partindo do princípio que a repetição de certos comportamentos, sejam eles politicamente incorretos ou preconceituosos, podem, às vezes, ser transformados pela educação e que, mesmo numa creche, onde as crianças são bem pequenas, podemos desenvolver atividades que venham a causar essa transformação.

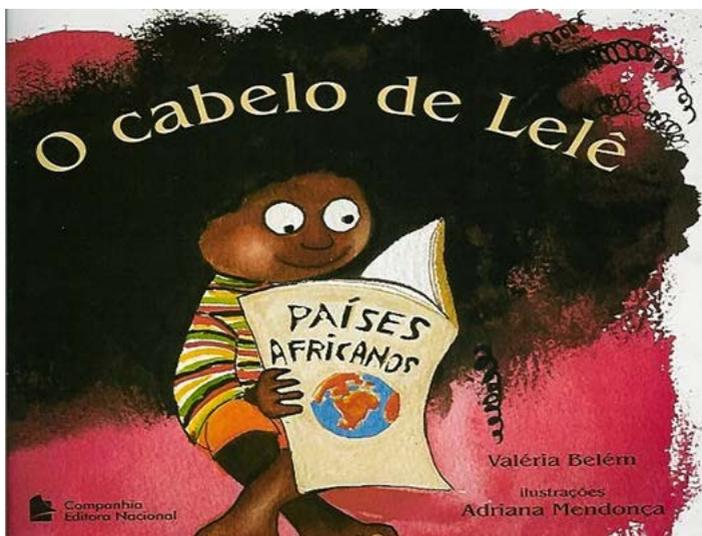
Após essa justificativa, iniciei a apresentação do projeto, parte integrante do Projeto Pedagógico Anual – PPA, desenvolvido em minha turma de Maternal II, que era composta por crianças de idade entre três e quatro anos, no ano de 2015. Conteí como eu, vivenciando um fato da nossa rotina, resolvi elaborá-lo. Na verdade, no ano em que o fato se deu, eu fiz uma atividade me utilizando da história *O cabelo da Lelê*, de Valéria Belém, e, como desdobramento, desenvolvi uma atividade de colagem em que as crianças formavam um rosto com o *cabelo da Lelê*, utilizando pedaços de lã e de papel crepom. Mas, isso não me satisfaz, fiquei com aquilo na cabeça, já que tenho por hábito refletir sobre as minhas práticas e, quando julgo adequado ou interessante, reutilizo, reinvento, renovo, aproveitando partes ou acrescentando novas propostas às antigas soluções dadas, adequando-as ao novo momento e circunstância.

Compartilhando experiências

Então, foi assim que tudo começou: no horário do lanche, uma das minhas alunas acordou e se dirigiu ao refeitório - lembro que esse era um momento muito corrido na Creche, já que o tempo ficava muito apertado, por conta dos horários do refeitório e o número de refeições ao dia. Com isso, a menina que havia sido acordada do soninho da tarde, desceu para o lanche calçando só o chinelinho rapidamente porque já estávamos atrasadas. O cabelinho dela estava solto e, quando chegamos ao refeitório, uma senhora que era cozinheira e morava na comunidade próxima à Creche, conhecendo, assim, muitas de nossas crianças, e essa especificamente, ficou “chocada” e falou: “Tia Ana, como a senhora deixa essa menina descer com esse cabelo?”. Eu é que fiquei chocada, então. Para ela, eu ter deixado o cabelo da minha aluna solto foi como tê-la deixado exposta. Expliquei que estava atrasada e que eu tinha que cumprir o horário e que logo após o jantar arrumaríamos as crianças para irem embora. Mas, aquilo me intrigou e pensei: a criança está no espaço dela, um espaço infantil e tinha o cabelo crespo que, quando solto, após dormir fica mais volumoso e eu não via nisso o menor problema. Mas, ela era uma senhora negra, talvez tenha se sentido envergonhada, igualmente exposta, acabei supondo. A filha dela estava na Creche e sugeriu que eu aceitasse sua ajuda para fazer um penteado na minha aluna. Subimos todos para a sala e ela nos acompanhou, cumprindo o que foi sugerido por sua mãe. Deixei que isso acontecesse naturalmente porque era isso que fazíamos antes da saída das crianças, as penteávamos e trocávamos suas blusas se estivessem sujas de comida após o jantar.

A partir do que havia acontecido, desenvolvi esse projeto, que acabou por se tornar uma interferência ao que julguei necessário, uma vez que, como mencionei anteriormente, nossas atividades com as crianças podem causar transformações e assim levá-las a desenvolver sua autoestima e aceitação das diferenças. O livro *O cabelo da Lelê* foi o norteador. A história me inspirou a fazer um desfile, que seria nossa culminância, pois concluí que a melhor forma de trabalhar a autoimagem é realçá-la, valorizá-la. Acrescento que, nesse caso, direcionei mais minha ação às meninas, uma vez que julgo que elas sofram mais com a imposição de padrões de beleza do que os meninos. Queria que elas se sentissem empoderadas.

Figura 1. Capa do Livro O cabelo de Lelê.



Fonte: Internet. 2019.

Assim, fiz a leitura do livro na *rodinha* e conversamos a respeito da protagonista e suas angústias, a parte preferida pelas crianças, e tudo o mais que foi surgindo conforme a conversa avançava. Contei da intenção de fazer um desfile, combinando que faríamos penteados como aqueles que aparecem na história, que faríamos maquiagem e unhas. As meninas ficaram empolgadíssimas! A participação dos meninos ficaria direcionada às atividades e como acompanhantes das meninas no desfile. Em seguida propus a construção de uma *Lelé* para ser afixada na porta da sala, decorando-a e dando início ao projeto. Escolhi a criança menorzinha para desenhar seu contorno no papel quarenta quilos. Quando desejei que as crianças estabeleçam uma identificação mais direta com a personagem procuro criar uma situação em que elas participem fisicamente da atividade. Acredito que, como centro dessa ação, a identidade logo se estabelece. Posteriormente, outras atividades foram desenvolvidas com a intenção de decorar e “dar vida à nossa *Lelé*”. Pintamos o papel com a silhueta usando rolinhos de espuma para colorir sua pele; carimbamos outros papéis com pecinhas de jogos e tinta guache compondo sua roupa; usamos outros elementos decorativos para a porta obtidos através da pintura com moldes ou carimbos de formas geométricas e outras formas livres a partir de uma sequência combinada. Na atividade de pintar tiras de papel, feita individualmente, as crianças iam identificando a forma seguinte na sequência. Lamentavelmente as fotos de algumas dessas atividades não foram encontradas.

Imagem 1. Dando vida à nossa Lelê.



Fonte: Autora. 2015.

No decorrer do projeto estava prevista a confecção de roupas e adereços. Ainda não tinha concebido muito bem como faríamos isso, mas, lembrei que, perto da minha casa, há uma rua com muitas lojas de fábricas de malha. Fui até lá fazer uma visita e achei uma loja que vendia peças de malha de algodão. O algodão aceitaria a pintura e os preços cabiam dentro do que me dispus a pagar, já que havia uma banca com retalhos vendidos a peso. Escolhi alguns, imaginando que poderiam ser cortados em pedaços menores e pintados pelas crianças. Não poderia haver costuras e a malha se adequa bem ao corte, amarrações e ausência de acabamentos, era preciso que fosse fácil e simples. Ainda precisei comprar tintas para pintura em tecido, *xuxinhas*, fivelas e chita estampada para a criação de faixas e laços para os cabelos. *O Cabelo da Lelê* ganhava força, e as próprias crianças iriam vivenciar a oportunidade de se valorizar e desenvolver a autoestima pensei, animada com a solução encontrada. Para o cabelinho, enrolamos uma lã em torno de um tubo e passamos cola. Todos adoraram o resultado. A porta ficou lá durante o tempo em que o projeto se desenrolou.

Imagem 2. Porta com a Lelê.

Fonte: Autora. 2015.

Levei as peças de malha para a Creche e, lá, cortei os pedaços de acordo com as medidas das crianças, de modo que pudesse dar uma solução na preparação para o desfile, me baseando nas túnicas, pareôs e cangas. Iniciamos o período de pintura dos tecidos, o trabalho demorou um tempo um pouco maior do que o previsto, como é comum aqui na Creche, mas foi um período muito divertido e prazeroso para as crianças. Como a rotina é muito pesada, pois

as crianças são bem pequenas e em grande número por turma, requerendo cuidados redobrados e um longo período de tempo para executá-los, é comum estendermos os tempos planejados. Devemos, nessas situações, ter cuidado para não desanimar e perder o foco. É muito bom ter uma equipe envolvida no projeto, de forma presente e colaborativa.

Para a pintura das malhas, optei pela técnica de carimbo com sucata (garrafas, tampas de amaciante), pecinhas de jogos e espuma. As crianças já estavam mais familiarizadas com a técnica e os elementos utilizados, juntamente com as diferenças no padrão das malhas e a troca das cores, garantiria uma variedade de roupas e o colorido do resultado.

Imagem 3. Tecidos pintados.



O fundo da garrafa PET, quando carimbado, forma uma florzinha, inicialmente esse efeito ficou prejudicado porque a garrafa sobre a mesa estava borrando, então lembrei que os carimbos normalmente são de borracha, o que amortece de alguma forma o impacto do movimento, assim, coloquei uma lâmina de espuma entre a mesa e a malha, resolvendo o problema. Outro ponto a resolver era o de garantir a participação de todos. O número de meninas e meninos era equivalente e eles não iriam ser produzidos da mesma forma para o desfile, usariam as próprias roupas enviadas à Creche pelos responsáveis após a solicitação através de bilhete na agenda. Decidi, então, cortar os pedaços de acordo com o número de meninas e cada duas crianças pintavam o pedaço de tecido.

Imagem 4. Estampando os tecidos.



Fonte: Autora, 2015.

Procurei não interferir muito nas pinturas, apenas ia fazendo as trocas de cores e de objetos a serem carimbados, ajudando no deslocamento do tecido sobre a mesa. Nas fotos dá para ver como estão todos muito compenetrados, felizes, executando a pintura. Para o dia do desfile convidei outras colegas, além da equipe permanente, era um evento somente da nossa turma e a ser realizado na própria sala, mas o tempo era curto para a equipe dar conta sozinha.

Imagem 5. Preparação para o desfile.



Tudo deveria ser feito dentro dos horários, é assim que deve acontecer na Creche. Escolhi um dia de planejamento das Agentes de Educação Infantil – AElS, em que o horário de trabalho é um pouco mais estendido. Assim, contei com a colaboração de algumas delas para a produção dos *looks*, dos cabelos, das unhas e da maquiagem, além de outras colegas que me ajudaram com a música e com o microfone utilizado no momento do desfile, e com a manutenção da rotina de cuidados com as crianças para o jantar, a troca de roupa dos meninos e a utilização dos banheiros. Para a passarela estendi um papel de parede vermelho, cujo rolo havia sido doado à Creche e havia quantidade suficiente. A Diretora, na época, pôde comparecer, pois, quase sempre as Diretoras estão muito ocupadas com as obrigações da sua função ou precisam se apresentar na CRE com muita frequência. Ela convidou outras colegas da Creche, que estavam no horário de planejamento. A presença delas me deixou muito contente, mas algumas crianças ficaram muito tímidas no seu momento de desfilarem e para dar mais segurança, dei a mão a elas ou solicitei que algum menino as acompanhasse. Muito poucos meninos quiseram desfilarem, mas um deles, o mais solicitado pelas meninas, nunca se negava a brincar e foi o mais participativo. Durante o desfile de cada menina eu ia narrando alguma característica da roupa, um pouco da história de sua confecção ou procurava comentar as qualidades da modelo que se apresentava na passarela. O importante era estimular, trabalhar a autoestima, positivamente, garantir a superação de qualquer manifestação de desvalorização ou timidez. Uma das alunas quis vestir uma fantasia que tinha levado e isso também foi permitido, já que a intenção era dar voz e vez às manifestações individuais e a valorização da diversidade.

Imagem 6. Desfile.

Fonte: Autora. 2015.

Considerarei este um projeto que deu início a outra visão do meu ofício, no dia a dia do nosso trabalho com os pequenos. Ele trouxe muitos desdobramentos e me deu muitas ideias para projetos posteriores. Foi um projeto muito bem sucedido porque foi prazeroso, abrangeu vários aspectos da Educação Infantil e seus objetivos, indo além do que podem sugerir as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2010). Foram muitos os ensinamentos. As crianças amaram, os meninos, mesmo não desfilando em sua totalidade, gostaram de participar e a gente logo percebeu como estavam atentos e dando força às meninas, observando o comportamento que apresentaram.

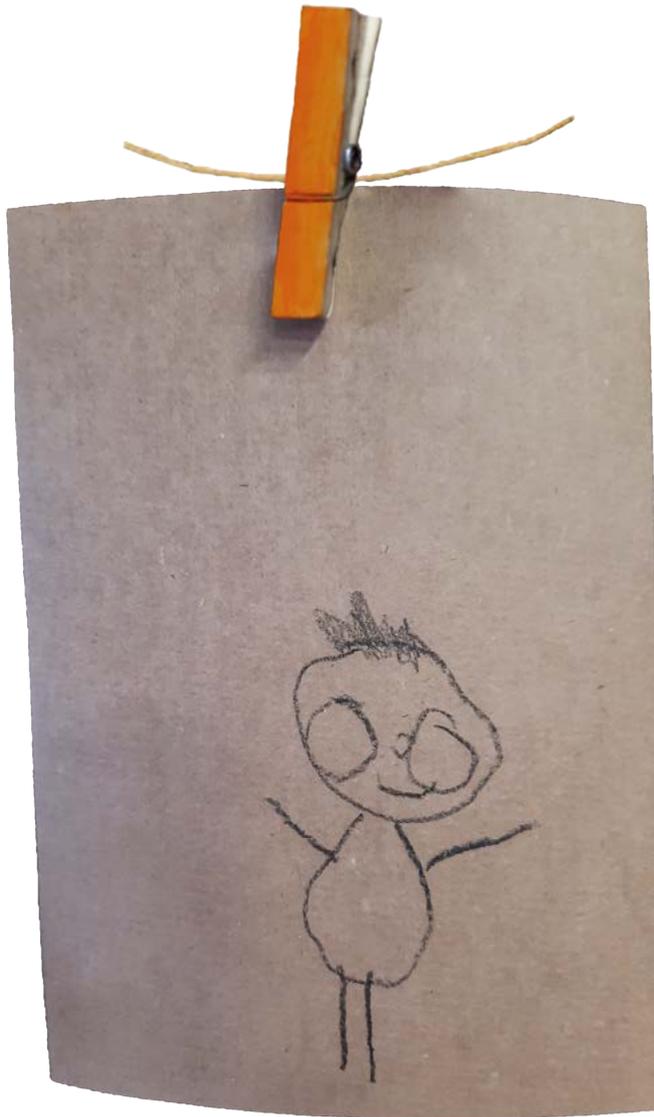
O que mais me gratificou foi a oportunidade de trabalhar a vida com eles, os sentimentos e as possibilidades de quebrar tabus, quebrar hábitos que, às vezes, prendem os indivíduos a padrões, estéticos ou não, capazes de levar a sentimentos de inferioridade, mesmo na atualidade em que muitos meios de comunicação divulgam novas atitudes da sociedade em geral. Achei o máximo conseguir, com essa ação, que o trabalho de outras pessoas da Creche fosse englobado, sonho que alimento há muito tempo. A vibração que essa participação traz é diferente porque é espontânea e acredito que parte do mesmo desejo de provocar transformação, de quebrar olhares viciados e de mudar velhos paradigmas.

Referências

BELÉM, Valéria. *O cabelo de Lelê: Países Africanos*. São Paulo. Editora: Companhia Editora Nacional. 2007.

RIO DE JANEIRO. *Orientações Curriculares para a Educação Infantil*. Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro, 2010.

_____. C. M. Elza Machado dos Santos – Tia Elza. *Projeto Pedagógico Anual – PPA. Redescubro espaços, revejo materiais, ressignifico imagens... Brincando, crio novos passos nos velhos caminhos*. 2015.



IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS PARA AS CRIANÇAS DE BERÇÁRIO I

An abstract painting on a white background, featuring a vibrant mix of colors. The top half is dominated by various shades of blue, from light sky blue to deep, dark navy. Below this, there are large, textured areas of orange and yellow, interspersed with brown and grey tones. The brushstrokes are visible and expressive, creating a sense of movement and depth. The overall composition is dynamic and visually rich.

LIVRO SENSORIAL
SUSTENTÁVEL

IMPORTÂNCIA DAS EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS PARA AS CRIANÇAS DE BERÇÁRIO I

*Andrea Machado de Souza¹
Clarinete Targino Gonçalves²
Thais de Oliveira Trindade³*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo abordar a importância das atividades sensoriais para a faixa etária do Berçário I, isto é, crianças de 6 meses há 1 ano e 11 meses. Com base nos documentos legais da Prefeitura do Rio de Janeiro, Planejamento na Educação Infantil (2011), Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2010) e na Base Nacional Comum Curricular (2017). Nesta etapa do desenvolvimento o bebê está descobrindo o mundo ao seu redor com todo o seu corpo, principalmente, a partir do tato e do paladar. Desta forma, buscando corroborar com os principais autores do desenvolvimento infantil (Vygotsky, 2007; Bronfenbrenner 1998, 1999, 2011; Harkness & Super, 1986, 1994, 2009). Neste trabalho serão apresentadas práticas realizadas no primeiro semestre de 2019, em uma turma de Berçário I, com 25 bebês, na Creche Municipal Elza dos Santos – Tia Elza, localizada no bairro de Copacabana.

1 Agente de Educação Infantil, Normalista (Colégio Imperial).

2 Agente de Educação Infantil, Graduada em Normal Superior (PróSABER).

3 Professora de Educação Infantil, Mestre em Psicologia Social (UERJ) e Doutoranda em Psicologia Clínica (PUC-Rio).

No início de nossa apresentação no *II Seminário de autoformação docente: o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil?*, pensamos em fazer uma dinâmica para demonstrar o que vivenciamos no primeiro semestre. Para isso, pedimos a participação de duas voluntárias. Começamos explicando como iríamos fazer, em seguida pedimos que a voluntária 1, sentasse na cadeira que estava em frente a um caixa de papelão. Dissemos: “Vamos vendiar seus olhos, você colocará a mão dentro da caixa e escolherá um objeto para retirar”. Quando a voluntária 1 pegou o objeto, dissemos a ela: “Agora que você escolheu, diga o que está sentindo, o que você acha que é isso? Qual a sensação você está tendo? “Um negócio duro”- Respondeu a voluntária. “Você está achando bom tocar nisso? Está prazeroso?”, continuamos perguntando. “Faz um barulhinho gostoso” – Disse a voluntária. O que você acha que tem aqui? O que você sente com isso? A voluntária não conseguiu responder o que era, dizendo “Ai, que nervoso”, mas observamos que suas expressões comunicavam outras respostas, que vão além do verbal,. Vamos trocar, propusemos. E esse? O que você acha? O que você está sentindo ? “Um cheirinho de sovaco, só que está vazia, isso fica no pensamento. Esse é meio nojento”, completou. “vergoento” e meio “sujento”. Aqui podemos perceber, a partir do tato e olfato, que a voluntária traz sensações, experiências que fazem parte de sua história, pois fez associações de acordo com seu repertório de vivências, de conhecimento de mundo. Assim, inferimos que na Educação Infantil, especialmente com bebês, se faz necessário e primordial que sejam proporcionadas experiências com diferentes materiais com o objetivo de ampliar sentidos por meio do sensorial.

Decidimos realizar essa dinâmica pelo que vivemos juntas no Berçário I, que foi a necessidade da questão sensorial. Desta forma, buscamos muitos elementos, exatamente como fizemos nesta apresentação, só que com os bebês. Com eles, não precisa tapar os olhos, porque são totalmente sensoriais, então é corpo, é boca, é o tempo inteiro nesse processo.

Nós também produzimos um tapete com diferentes materiais, que ficamos matutando diversas formas de compartilhar com as colegas, decidimos por fazer um vídeo pra ser um pouco mais rápida a apresentação no Seminário. Mas, só para explicar, esse tapete foi explorado pelas crianças, que tocaram nos elementos, principalmente, os da natureza, sendo eles: terra, folhas, galhos, além de outros materiais. Antes de montarmos o tapete, ao longo da semana, fomos apresentando cada material separadamente. Eles exploraram bastante, tanto de pezinhos descalços, pegando com as mãos, espalhando no chão. Assim, trazemos aqui, dois momentos: o primeiro com o adulto, que ele vai tocar, vai dar nome ao objeto, e aquela sensação vai ficar só na imaginação. Na proporção que a criança vai trocando os objetos ela vai percebendo que existe uma diferença muito grande de um para o outro, e, assim, ela vai construindo e desenvolvendo seu pensamento, é onde a criança começa a aprender a diferença das coisas. A gente se torna quase que um mediador de todos, para essa relação acontecer, porque no Berçário nos divertimos assim. Às vezes estamos naquela época das despedidas e chamamos: “fulano!” e é muito engraçado que elas ignoram, solenemente, quando falamos à distância, mas ao chegarmos bem perto, abaixando, olhando nos olhos, com uma escuta atenta e falando: “olha só! O que é que está acontecendo?”, só aí ela te olha e te percebe, porque senão você é apenas um som no meio de todos aqueles sons e, aqui, a ideia é explorar, pegando o material e depois fazer a próxima atividade.

Imagem 1. Tapete sensorial.



Fonte: Autora. 2019.

Se pensarmos no que Daniel Siegel e Tina Payne Bryson escreveram no livro *O cérebro da criança apud* Disciplina Positiva para as crianças de 0 a 3 anos (2018):

Tudo o que nos acontece afeta a forma como o cérebro se desenvolve. Esse processo de conectar e reconectar é o que define a integração: dar aos nossos filhos experiências para criar conexões entre as diferentes partes do cérebro. Quando essas partes colaboram, elas criam e reforçam as fibras integrativas que ligam diferentes partes do cérebro. Como resultado, elas estão conectadas de maneira mais poderosas e podem trabalhar juntas de forma ainda mais harmoniosa (p.33, 2018).

Pensando que estamos tratando de crianças de 6 meses de idade a 1 ano e 11 meses, faz-se importante olharmos para essas experiências ditas pelos autores. Em uma turma de Berçário 1, principalmente, todas as experiências vividas tornam-se parte daquela criança ou daquele bebê. Desta forma, objetivamos trazer uma atividade que contemplasse esse olhar para as experiências e para o desenvolvimento global das crianças. Em conjunto com a conexão e interação dos adultos responsáveis por elas.

Imagem 2. Experimentando texturas com folhas secas.



Fonte: Autora, 2019.

Algumas experiências

Em uma das experiências, que tinha como objetivos: explorar o campo sensorial, apresentar diferentes elementos da natureza, estimular o desenvolvimento sensorio motor, estimular a relação saudável com a natureza, conhecer diferentes texturas, primeiro exploramos jornal, revistas, e depois o universo do corpo, embora saibamos que o corpo está em conexão em todas as propostas, mas aqui queríamos explorar com outros suportes. Fizemos um desenho do corpo, as crianças colaram o jornal e a revista, já explorados sensorialmente, nesse molde de papel. Durante essas atividades muitas crianças se interessaram pelo processo, ou seja, quando elas se deparavam com os materiais dispostos dando a ideia de um convite para a atividade e não uma imposição. Desta forma, damos escolhas limitadas para as crianças, isto é, poderia estar com uma professora naquela atividade ou com outra pessoa da equipe. Tanto que não foram todas que se interessaram pela atividade e isso vai acontecer o todo tempo dentro de uma turma de Berçário 1. As crianças dessa faixa etária apresentam um tempo curto de concentração (ADLER, 1998), com isso, algumas ficaram conosco até o final da proposta, enquanto outras apenas no início. Pois, como trazido anteriormente, elas tem o direito de observar se é algo do interesse delas ou não, se preferem a outra atividade proposta no outro grupo. Esse fato é importantíssimo de nós, professoras, termos ciência e não ficarmos frustradas quando uma atividade planejada não for do interesse delas. Cabe, neste momento, uma reflexão se o que foi planejado é propício à faixa etária e se foi feita uma observação sobre os temas de interesse das crianças previamente.

Imagem 3. Experimentando texturas com revistas.



Fonte: Autora. 2019.

Dentro do subprojeto *Sentindo com o corpo*, este tratou sobre experiências sensoriais. foi realizada mais uma atividade, a produção de massinha caseira e comestível. Utilizamos farinha de trigo, sal, óleo, água e cacau em pó. Muitas crianças se interessaram, porém uma criança demonstrou agonia ao encostar na massinha pronta, ela colocava só um dedinho e logo pedia pra limpar passando a mão no jaleco da professora, além de demonstrar através da sua face o franzir do rosto e emitir um som de agonia, quase choro. Essa criança não gosta muito de mexer nesse tipo de textura, geralmente, ela inicia o seu processo exploratório com o dedo indicador e observa o que está naquele dedo. Na maioria das vezes, em seguida, pede para limpar e brinca com outras coisas na sala. Por outro lado, muitas crianças demonstraram estar gostando daquela experiência. Uma criança, em especial, demonstra muito prazer com essas experiências sensoriais mais táteis. Ela pega com a mão e explora pela boca, cabelo, perna e braço, ou seja, utiliza o corpo como primeiro suporte. É um processo

interessante de se observar. Vygotsky (1984) nos diz que a criança inicia seu processo de linguagem através do corpo para após o desenvolvimento completo da mandíbula expressar-se oralmente. Além disso, Bronfenbrenner (1993) e Harkness e Super (1992) mostram em seus estudos sobre o desenvolvimento bioecológico e o nicho de desenvolvimento, que cada criança pertence a um ambiente com regras, espaços, pessoas, dentre outros que influenciam o seu desenvolvimento. Desta forma, pensando nas duas crianças citadas anteriormente, possivelmente os contextos onde elas permeiam para além do espaço escolar devem apresentar diferentes elementos sensoriais que as estimulem a terem tais comportamentos.

Imagem 4. Massinha caseira de cacau.



Durante esse subprojeto fizemos mais duas atividades: a primeira foi uma pintura coletiva em papel 40kg branco e a colagem de cascas de ovos. Colocamos todas as crianças, abrimos o papel branco e a pintura foi feita com tinta guache, na sala. Rapidamente todas sentaram em cima dele. Neste dia tínhamos metade da turma, aproximadamente 12 crianças, sendo que a turma é composta por 25 crianças, isso foi consequência de um temporal e muitas crianças faltaram. Com isso, ficou mais viável realizar tal atividade. Aos poucos fomos colocando diferentes cores no papel e eles foram pintando, inicialmente, seus próprios corpos e depois no papel. É muito interessante esse processo de iniciar a pintura pelo corpo deles, pois é uma forma de reconhecimento e de desenvolvimento sensorial presente nessa faixa etária.

A segunda atividade foi realizada com a turma separada, uma parte estava no solário que se localiza na área externa, e a outra parte na sala. Essa atividade contou com a colaboração das merendeiras, que separaram várias cascas de ovos, levaram e deixaram para as crianças do Berçário usarem. Uma das agentes desenhou um coelho no papel 40kg e fomos juntos colando as cascas de ovos. A maioria das crianças, antes de colar, quis colocar na boca, no cabelo, apertar, quebrar, dentre outras ações. Após esse processo nosso coelho de cascas de ovos estava pronto.

Considerações Finais:

Durante o processo de desenvolvimento deste subprojeto, percebemos o quanto faz-se importante lembrarmos da faixa etária que estamos trabalhando. O Berçário torna-se desafiador quando esquecemos de usar todos os nossos sentidos, não apenas a fala ou a visão. Mas, também, o tato, audição e saber como é o processo inicial de desenvolvimento de uma criança. Ela vai observar, ouvir, explorar oralmente objetos, chorar para se comunicar, dentre outras ações. Com isso, quando nos conectamos com ela conseguimos interpretar e entender mais sobre ela.

Bronfenbrenner (1992) apresenta-nos seu estudo acerca dos diferentes sistemas que frequentamos no nosso processo de desenvolvimento. O primeiro deles é o microsistema da família e em seguida o mesossistema da escola, vizinhança e praças. Com isso, cabe ressaltar a importância de considerarmos os espaços os quais essas crianças estão inseridas, visto que muitas vezes tem-se comportamentos desafiadores ou comportamentos relacionados às regras da casa da criança que em alguns momentos o professor não tem acesso, mas através das observações e trocas com as famílias entende-se melhor esse contexto. Por exemplo, se é dentro de uma comunidade violenta, se é em um bairro da zona norte, dentre outros. Para além disso, trazemos também os pesquisadores Harkness e Super (1992), que trazem em seus estudos o *nicho* de desenvolvimento, espaço que a criança está inserida, considerando as crenças dos pais ou cuidadores principais. Este aborda a temática de que cada família é um nicho diferente, com suas regras, história e vivências do cotidiano deste grupo.

Enfim, esperamos que tais experiências e relatos auxiliem a muitas outras discussões no campo educacional e que possam trazer inspirações para outros profissionais de educação infantil da rede municipal do Rio de Janeiro.

Referências

ADLER, Alfred. *Social Interest*. New Ed. Edition. Oxford, UK: Oneworld Pub. Ltd. 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> (acessado em 13/02/2019). 2017.

BRONFENBRENNER, U. *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando seres humanos mais humanos*. Porto Alegre, Artmed. 2011.

Bronfenbrenner, U., & Moris, P. A. *The ecology of developmental processes*.

_____, U. Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. Em B. L. Friedmann & T. D. Wachs (Orgs.), *Conceptualization and assessment of environment across the life span* (pp. 3-30). Washington, DC: American Psychological Association. 1999.

Harkness, S. & Super, C. M. *The developmental Nicho: a conceptualization at the interface of child and culture*. *Internacional Journal of Development*, 9, 545-569. 1986.

Harkness, S.; Super, C. *The developmental niche: A theoretical framework for analyzing the household production of health*, 38 (2), 217-226. 1994.

Harkness, S.; Super, C; Bermúdez, M. R. ; Moscardino, U; Rha, J; Mavridis, C. J. ; Bonichini, S; Huitrón, B; Welles-Nyström, B; Palacios, J; Hyun, O; Soriano, G; Zylicz, P. O. *Parental Ethnotheories of children´s learning*. 2009.

In W. Damon & R. M. Lerner (Orgs.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (Vol. 1, pp. 993-1027). New York: John Wiley. 1998.

Nelsen, Jane. *Disciplina Positiva para as crianças de 0 a 3 anos. Como criar filhos confiantes e capazes*. 2018.

RIO DE JANEIRO. Prefeitura do Rio de Janeiro. *Orientações Curriculares para Educação Infantil*. 2010.

_____. Prefeitura do Rio de Janeiro. *Planejamento na Educação Infantil*. 2011.

Vigotsky, L. S. *A formação da mente humana: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes. 2017.

BRINCAR DE RECICLAR



POR UM
MUNDO MELHOR



BRINCAR DE RECICLAR POR UM MUNDO MELHOR

Andreia Fernandes Costa¹

Reciclando para brincar

O trabalho apresentado no *II Seminário de autoformação docente: o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil?* diz respeito à Coleta Seletiva, cujas atividades foram desenvolvidas pela nossa turma de Maternal I, com crianças entre 2 e 3 anos, no ano de 2019. O termo Coleta Seletiva é utilizado para o recolhimento dos materiais que são possíveis de serem reciclados, previamente separados na fonte geradora. Dentre esses materiais recicláveis, podemos citar os diversos tipos de papéis, plásticos, metais e vidros. Essa separação facilita a reciclagem, tornando-a mais fácil e viável, economicamente, pois cada tipo de resíduo tem um processo próprio de reciclagem. Como vocês podem ver na Figura 1, cada caixa corresponde a um material específico: o vermelho (plástico), o amarelo (metal), o azul (papel) e o verde (vidro).

1 Professora de Educação Infantil, Graduanda em Pedagogia (UNESA).

Figura 1. Lixeiras para recicláveis.



Fonte: Internet. 2019.

O título do nosso trabalho é “Brincar e Reciclar por um Mundo Melhor” porque acreditamos que tudo pode ser realizado através da Coleta Seletiva. Pena que, muitas vezes, pessoas e governantes não tenham consciência desse fato, infelizmente, mas a coleta seletiva é de extrema importância, pois através dela teremos menos lixo nas ruas, os mesmos serão separados conforme a sua origem e esse é o início de um processo muito amplo da reciclagem, o qual envolve reaproveitamento de alimentos e outros materiais para matéria-prima de vários níveis, proporcionando alimentação e emprego para muitas famílias.

Figura 2. Separação do lixo.



Fonte: Internet. 2019.

Muitos produtos são eliminados diariamente como, por exemplo, cascas de diversas frutas e legumes. Em relação às cascas que jogamos fora, na verdade, desperdiçamos uma quantidade muito grande de alimentos que são e podem ser reaproveitados. Quantas crianças, no Brasil e no mundo, não tem acesso à uma alimentação adequada, mas poderiam ter sua fome saciada com essa visão mais ampla da real necessidade do aproveitamento. Além disso, é comprovado por estudiosos que, com o aumento do consumismo - nós compramos muito, o tempo de vida desses produtos tem diminuído. Então, o que faremos com aquele celular que não queremos mais? E o computador? E a bicicleta? Esse consumismo contribui para o aumento do lixo. No entanto, se houver uma postura diferenciada, esses resíduos podem e devem ser transformados em matéria-prima para outros produtos que serão reaproveitados.

Conforme dados de 2019 do Ministério do Meio Ambiente e do Setor Reciclagem² nem todos os municípios brasileiros possuem coleta seletiva, mas os que possuem oferecem duas formas mais comum: a coleta porta-a-porta e a coleta por Pontos de Entrega Voluntária (PEVs).

A coleta porta-a-porta pode ser realizada tanto pelo prestador do serviço público de limpeza e manejo dos resíduos sólidos quanto por associações ou cooperativas de catadores de materiais recicláveis. Já os PEVs estão situados, estrategicamente, próximos de um conjunto de residências ou instituições para entrega dos resíduos segregados e posterior coleta pelo poder público. As empresas podem realizar a coleta seletiva e destinar os resíduos para terceiros que compram o material segregado. Como isso a organização lucra com a venda do resíduo gerado, são exemplos a venda de papel, plástico, sucata metálico e resíduo orgânico. (MMA, 2019)

Pensamos que a coleta seletiva é um projeto que deveria ser levado para todo o Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, pois temos problemas seríssimos na cidade. Quando chove muito, o que acontece? Alaga tudo ocasionando muitos problemas. Por causa do excesso de lixo nas ruas, nos bueiros e muito mais. Se cada um de nós fizermos a nossa parte, ou seja, retirar o lixo considerado como resíduo, e efetuarmos a respectiva separação, colocando no lugar certo, tudo pode melhorar. Como nem toda a nossa sociedade tem esse hábito e consciência do reaproveitamento, apresentamos essa proposta com o objetivo de trazer informação e esclarecimento para as crianças, as famílias da C.M. Tia Elza Machado dos Santos – Tia Elza e a comunidade.

2 [Sítio de divulgação de ações sustentáveis, atuante desde 2000. Disponível em: Setor Reciclagem <http://www.setorreciclagem.com.br>.](http://www.setorreciclagem.com.br) Acesso em 20 mar 2020.

Brincar de reciclar é coisa séria

No 2º Arraiá da Elzinha, evento cultural da Creche Tia Elza, realizado em julho de 2019, o qual teve como temática justamente a importância da Coleta Seletiva, apresentamos de forma lúdica todo o processo de separação de lixo e a importância do mesmo para as crianças e a comunidade. Começamos a apresentação, então, informando que o lixo não chega sozinho no chão, no parque, no mar e em outros lugares, na verdade, chega porque alguém, indevidamente, largou o lixo em local inadequado e essa atitude gera consequências graves para a natureza e para o próprio ser humano.

Imagem 1. Mural da Sustentabilidade.



Fonte: Autora. 2019.

A pescaria, uma das brincadeiras que as crianças mais gostam, foi diferenciada, pois, ao invés do mar e dos peixes, colocamos caixas com areia da praia e com diversos itens que representavam os lixos, e as crianças com as varas retiravam os resíduos e colocavam na caixa da coleta seletiva correspondente.

Na “pedagogia libertadora”, uma referência a Paulo Freire, entende-se que a educação tem um papel primordial de transformação da sociedade e é proposta uma educação crítica, sempre a serviço da transformação social. Este método educacional é qualitativo e não quantitativo, ou seja, não pode ser avaliado pela quantidade de conteúdo, mas pelo potencial dos educandos, sobretudo de transformação da própria realidade e do mundo que nos cerca.

A relação professor-aluno é transformada, ou seja, “quando se fala na educação em geral, diz-se que ela é uma atividade pela qual, professores e alunos, mediatizados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa mesma realidade, a fim de nela atuarem, num sentido de transformação social”. (LIBÂNEO, 1994, p.64 in Portal Educação).

Dessa forma, o professor não é o detentor da verdade, pois o mesmo aprende também com seus alunos dentro da realidade que vivem. Cabe ao educador estimular os seus educandos a pensar e questionar para construir um pensamento mais crítico. Para que as crianças cresçam ciente dos seus direitos e acima de tudo, direito de pensamento, podendo influenciar o mundo que as cerca, transformando a realidade que vivem, e não sendo impostas ideias contrárias aos seus entendimentos, arbitrárias ao seu bom senso e muito menos ideias autoritárias aos seus pensamentos. Uma criança que aprende a questionar, levantar hipóteses e analisar, será um adulto livre na sua mente e em seus ideais. Essa liberdade com propósitos bem específicos, tem como base uma transformação do

meio onde vive, é um processo amplo, do qual o educador passa de uma posição vertical para horizontal, proporcionando uma troca constante entre a unidade escolar e as crianças, as famílias e a comunidade local. Podemos concluir, que através da educação, de uma educação renovada, plantamos sementes que germinaram, frutos de respeito, ideais e princípios, com os quais essa nova geração terá uma base sólida, pois em sua infância aprenderam que podem ter um pensamento mais analítico sobre o mundo.

A Pescaria Educativa despertou curiosidade nas crianças, vontade de aprender e questionamentos que foram levados aos próprios familiares, para pensarem sobre o assunto. “Tia, eu não gosto de saco na cabeça”; “Praia suja, que feio!”; “Eu não deixo lixo no chão”; os próprios alunos compreenderam a importância da preservação do meio ambiente, como também, colaboraram com esse despertar da consciência, junto às suas famílias e à comunidade, pois a criança tem uma influência muito grande no meio em que vive, podendo ser estimulada, de forma lúdica, a combater problemas ambientais e sociais do nosso tempo.

As famílias se posicionaram a favor do projeto e valorizaram a importância do mesmo, informando que, muitas vezes, visualizaram pessoas jogando lixo na areia da praia, inclusive lixo cortante, como latas de bebidas, e ficaram indignadas com a atitude inadequada, pois na verdade esse resíduo prejudica a todos, natureza, população e, inclusive, a própria pessoa. Foi assim, através de uma brincadeira, que as crianças e, principalmente suas respectivas famílias, compreenderam como é desagradável pescar lixo, ou seja, nossa pescaria foi uma pescaria educativa.

Imagem 2. Coleta Seletiva na Brincadeira da Pescaria.



Fonte: Autora, 2019.

Os familiares também ressaltaram a importância da consciência e da reflexão na comunidade, pois os mesmos sofrem com as consequências de um comportamento inapropriado. Na região ainda existe acúmulo de lixo nas ruas, gerando uma proliferação de insetos e animais roedores para a localidade. Mesmo assim, muitos insistem no mesmo erro, alguns dizem. É necessário expandir esse projeto para a comunidade, em parceria com Associação de Moradores. E, dessa forma, proporcionar uma maior conscientização através de uma campanha educativa, interrompendo uma sucessão de erros de décadas de abandono, a fim de motivar transformações positivas e práticas para o dia a dia da população.

Houve, também, em sala de aula, a realização de uma atividade com as crianças em que foram colocadas as caixas da coleta seletiva com vários objetos expostos para que as crianças identificassem o objeto correspondente à caixa de coleta. Foi surpreendente como os pequeninos aprenderam rápido, com muita esperteza, um ajudando ao outro.

Imagem 4. Coleta Seletiva 2.



Fonte: Autora, 2019.



No projeto Coleta Seletiva, através dos campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, tivemos como objetivos de aprendizagem, manifestar atitudes de cuidado e solidariedade com o próximo, como também, demonstrar confiança em sua capacidade de enfrentar desafios, e compartilhar objetos e espaços com crianças da mesma faixa etária. Como experiências, apoiar a dificuldade dos parceiros, interagir com o próximo, respeitando a sua vez na atividade, falar de situações pessoais ou narrar histórias que envolvam fatos pertinentes com a atividade fizeram parte do processo. E, além dos objetivos de aprendizagem acima, também estimulamos, nas crianças, o diálogo para que expressassem suas emoções e opiniões. Relatar experiências e fatos, responder perguntas e hipóteses questionadas referentes ao tema, como também, despertar o momento da escuta, o momento de ouvir, para compreensão maior do assunto também foi muito explorado. E as reflexões das crianças sobre o assunto aparecem ao narrarem acontecimentos que as envolvem: “Tia, é feio jogar papel no chão.”; “Na praia, eu me machuquei com uma lata”; “Que nojo!”.

Imagem 3. Coleta Seletiva

Fonte: Autora. 2019.

Nessa perspectiva, o presente projeto cumpriu seu objetivo de conscientizar as crianças para que possam não só agir corretamente com a preservação do meio ambiente, como também, influenciar suas famílias e todos que vivem ao seu redor, transformando-as em cidadãos conscientes. Portanto, é preciso estimular a formação de valores, para que, no futuro, venhamos ver os frutos desse e de muitos outros trabalhos.



Reciclar é arte, aprender faz parte

O resultado dos trabalhos foi excelente, as crianças perceberam a importância de jogar lixo no lixo, no lixo correspondente, ao ponto de chamar as educadoras e dizer: “Tia, tem papel no chão, é no lixo, né?”.

É muito gratificante ver uma criança, que só tem 3 anos de idade, tomar consciência que aquele papel está no lugar errado, e não pode ficar no chão, e sim no lixo. Essa consciência muitos adultos ainda não possuem, chegando ao ponto de jogar lixo no chão, ao lado da lixeira.

Nossa esperança são as crianças, pois através delas, a construção de uma cultura mais consciente será levada para dentro de casa pelos nossos pequeninos. Por isso, plantamos essa semente, visando que dê frutos, pois foi plantada em boa terra (as crianças).



Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular - BNCC*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf> . Acesso em: 20 mar 2020.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Coleta Seletiva*. Disponível em <<http://www.mma.gov.br>>. Acesso em: 20 mar 2020.

INFOESCOLA. *Método de Educação Libertadora*. Pedagogia. Disponível em <<http://www.infoescola.com>>. Acesso em: 20 mar 2020.

NOVA ESCOLA. *Educação Infantil: planos de aula para trabalhar os campos de experiência (BNCC)*. Disponível em <<http://www.novaescola.org.br>>. Acesso em: 20 mar 2020.

SETOR RECICLAGEM. *Reciclagem*. Disponível em <<http://www.setorreciclagem.com.br>>. Acesso em: 20 mar 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. *Educação Já. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC*. Disponível em <<http://www.todospelaeducacao.org.br>>. Acesso em: 20 mar 2020.

**ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
REMEMORANDO NOSSOS PILARES POR MEIO
DAS ESCUTAS E EXPERIÊNCIAS**



ARTES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REMEMORANDO NOSSOS PILARES POR MEIO DAS ESCUTAS E EXPERIÊNCIAS

Edilane Oliveira¹
Mary Lane Martins²

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo compartilhar algumas experiências e reflexões tecidas a partir de nossas *experiências práticas*³ com as crianças, nos anos de 2018 e 2019, no *II Seminário de autoformação docente* vivenciado na Creche Municipal Elza Machado dos Santos - Tia Elza, intitulado *o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil?* Com base no título do Seminário, escolhemos caminhos que nos permitiram ampliar a questão do que em nosso entendimento se configuraria como “*sustentável em nossas práticas com a educação Infantil*”, para isso, optamos trazer para nosso encontro, algumas propostas que demonstrassem os pilares de nossas ações cotidianas. De acordo com o dicionário Aurélio, *sustentável* significa “que consegue se sustentar, em que pode ou há sustentação”, com essa definição, entendendo-a como base, fomos montando nossos caminhos metodológicos para compartilhar as experiências, com intuito de promover discussões reflexivas, por meio de nossos recortes das práticas na Creche. Acreditamos na potência do coletivo, no processo de autoformação na Educação Infantil, especialmente na Creche,

1 Professora de Educação Infantil, Graduada em Pedagogia (UERJ), Especializada em Docência na Educação Infantil (UFRJ) e Mestranda em Educação (UNIRIO).

2 Agente de Educação Infantil, Técnica em Processamento de Dados (BETEL) e Graduada em Pedagogia (CEDERJ/UERJ).

3 Graça Reis se utiliza desse termo por acreditar que a palavra e as práticas em sala de aula sempre geram uma experiência. http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2007_1-272-DO.pdf

por sabermos que não há uma verdade única, mas diferentes modos de conhecer, ver, ser, pensar e interpretar o mundo (SANTOS, 2019).

Assim, reconhecendo que os saberes são plurais, fomos fazendo escolhas que acreditávamos ser nosso fio condutor, que tem movimento, flexibilidade, e ao mesmo tempo é extremamente potente, para construção do trabalho na nossa creche. Portanto, elegemos como base a *escuta atenta, o olhar ampliado e a sensibilidade na construção das relações*, que são elementos fundantes de uma Educação estética e da creche que queremos. Como salienta Perissé (2014)

Desejar construir uma bela escola é passo importante na educação estética (...) designa uma exigência da profissão docente e um modo concreto de responder aos desafios pedagógicos (assim espero) para a busca do sentido da educação, em conexão com a busca do sentido da vida (...) eis como nos formamos esteticamente: alargando nossa, sensibilidades, por uma visão visionária, por uma visão clarividente, cuidando do sentimento não destituído de pensamento, abrindo roteiros não rotineiros e nossas observações e avaliações. (2014, p. 55)

O falado, o escrito, por nós duas, se transformando num texto reflexivo pelo coletivo.

Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória, coletiva, está todo brotado de pessoinhas. (Eduardo Galeano, 2002)

Ao iniciar nossa apresentação queríamos trazer questões para pensarmos nesse processo formativo, entendendo que escutar, compartilhar e refletir juntas, faz com que nossas experiências sejam expandidas, e assim, nossas práticas já não sejam mais as mesmas. Concordamos com Eduardo Galeano, quando afirma que “somos brotados de pessoinhas”. (GALEANO, 2002, p.16) no sentido de nos constituirmos com diferentes pessoas. Portanto, queremos que cada vez mais “pessoinhas” brotem em cada um de nós. Indagamos-nos; o que sustenta nossas práticas no dia a dia? E quando nos remetemos na questão da natureza? Que bases também sustentam a prática de cada uma de vocês? O que tem de singularidade na prática da cada profissional? Para nós, foi possível perceber ao rememorarmos nossas experiências, especialmente, com o exercício de revisitar nossas práticas por conta dos 10 anos da Creche, tema do projeto de 2018, o quanto estão encharcadas de práticas sustentáveis.

Aqui entendemos que tais práticas, estão intrínsecas em nosso trabalho, sendo um fio condutor de experiências potentes, que trazem consigo, emoções, memórias, sorrisos, cheiros, lugares, famílias, ou seja, eclodem carregadas de sentidos, sendo elas “uma

“abertura” para o mundo (SANTOS, 2019). “E o saber destas é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal.” (LARROSA, 2014, p.32) sendo que, o que toca , acontece em cada sujeito de maneira única, singular . Portanto, acreditamos que as práticas se sustentam se fizerem sentido, é assim que buscamos vivenciá-las.

Contudo, nesse texto, temos como recorte específico, a experimentação e a arte como livre expressão da criança. Na apresentação fomos trazendo registros fotográficos de momentos que dialogavam com o objetivo desse texto.

Imagem 1. Explorando a terra.



Fonte: Edilane. 2017.

Imagens 2 e 3. Conhecendo a cebolinha e Encantamento com as folhas.



Fonte: Edilane. 2015 e 2016.

Imagem 4. Horta na entrada da Creche.



Fonte: Edilane. 2017.

O que é sustentabilidade? É ter *contato com a natureza*, com terra, com verde, é cuidar e ser convidado a experimentar? Apostamos que sim! Assim, construímos um projeto ao longo de 3 anos (2016, 2017 e 2018). Fizemos uma horta em frente a nossa creche, o mais interessante da construção dela, foi o processo. Fomos pesquisando junto às crianças e suas famílias. Como construir uma horta! O que era? Como cuidar? O que plantar? Onde plantar? Já que não é simplesmente, colocar terra e plantar as sementes, como fomos descobrindo ao longo do nosso contato. Aos poucos fomos pesquisando, experimentando, explorando, tendo contato com terra, sementes, e fazendo descobertas junto às crianças, que se mostravam cada vez mais integradas e pertencentes no cuidado com o nosso cantinho verde. Confeccionamos nossos vasos com garrafas pets, tendo o cuidado que fossem práticos, sustentáveis, que não acumulassem água (por conta das arboviroses). Fomos construindo a horta em conjunto, construindo experiências significativas e sustentáveis, pois acreditamos que só ressoa quando faz sentido, toca de alguma maneira. Esse projeto foi mais uma tentativa de trazer o verde para dentro da creche. Percebemos, então, que começamos construindo num pequeno espaço, que hoje, já está bem maior, e continua crescendo.

Imagem 5. Alimentação saudável.



Fonte: Edilane. 2016.

Atrelado à questão da natureza, do verde, nossas ações sempre buscam a *coletividade*, pois não há como trabalhar com a Educação Infantil sem isso. Apoiando-se no coletivo, colocamos em prática outro viés da sustentabilidade, a questão da alimentação saudável; devemos por isso, agradecer a uma de nossas colegas de equipe, pois ela tem contribuído bastante com essa prática em toda a creche, pois sempre está atenta a essa questão, elegendo-a como fundamental. A nossa *escuta*, hoje, se potencializou, sendo muito presente na nossa prática, mas não é uma escuta qualquer, é uma escuta sensível, uma escuta atenta, uma escuta que deve nos fazer chegar até o bebê e o acolher, ver o que está acontecendo com ele, sentir aquela criança. Essa foto simboliza o que tentamos escrever em relação à escuta.

Vivenciando as artes no contexto da Creche Tia Elza

Quando se trabalha com a primeira infância, arte não é algo que ocorra isoladamente. Ela engloba: controle corporal coordenação equilíbrio motricidade sentir ver ouvir pensar falar ter segurança. E ter confiança, para que a criança possa se movimentar e experimentar. E que ela retorne ao adulto, tenha contato e crie junto. O importante é ter um adulto por perto, co-participando e não controlando. (HOLM, 2007, p.12).

Ao falarmos de arte na Educação Infantil, precisamos refletir que arte que queremos experienciar e propor para as crianças aqui dentro? Já que é comum encontrarmos nesse universo da Educação Infantil, ainda, aqueles trabalhos que já vem prontos, com direcionamentos: “você vai pintar desse jeito, dessa cor e aqui dentro”, bem demarcado, sem oferecer a possibilidade da criança expressar sua singularidade, seus traços, sua criação. Acreditamos que a arte, não tem que ser específica, delimitada. Arte na Educação é deixar a criança criar, oferecendo um espaço rico em possibilidades de expressão e criação, e ao direcionar a proposta, que essa faça sentido. Seguindo essa lógica, propusemos a seguinte atividade: Com o objetivo de desenvolver, aguçar o potencial humano criativo, oferecendo diferentes materiais dispersos na natureza (gravetos, sementes, folhas de diferentes texturas), para a exploração livre da criança, a princípio, e também criar “obras de artes” de maneira livre se utilizando de sua criatividade e livre expressão construímos, assim, maneiras outras de vivenciar experiências na Educação Infantil, fugindo da lógica, apenas, dos materiais industrializados.

A proposta se inicia com um passeio pela creche, explorando de perto nosso pequeno jardim que plantamos juntos no ano anterior. Exploramos folhas, as diferentes plantas, suas diferentes tonalidades, os cheiros e também conversamos sobre os cuidados que devemos ter com elas. Aproveitamos para colher algumas folhas e gravetos que estavam no chão e levamos para a sala. Mobilizamos as crianças, suas famílias e funcionários da Creche para que pudessem trazer no dia seguinte, folhas, gravetos e sementes que estivessem na natureza para a continuação de nossa proposta, desde que estivessem no chão. Enquanto recolhíamos o material coletado, fomos pintando as telas, as crianças escolhiam as cores e o suporte. Colocamos fitas na outra metade da tela para criarmos um cenário e à medida que a primeira parte secava, retirávamos as fitas e pintávamos a segunda parte. No dia seguinte, disponibilizamos folhas, gravetos e sementes para que as crianças pudessem explorar livremente. Elas rasgaram as folhas, quebraram os gravetos, construíram hipóteses; até cavalo de pau foi construído. Além disso, pediram que pegássemos as panelinhas para fazer comidas, ou seja, criaram possibilidades com aquele material que, a princípio, estava descartado. Após as telas secarem começamos a criar as artes, nesse momento individualmente, cada criança escolhia o material, o modo como iria dispor, a posição da tela, e o mais importante, tinha a liberdade de criar suas produções. Tirávamos fotos de cada montagem para podermos colar em seguida, para que não houvesse interferência em sua instalação. Depois de tudo pronto, foram expostas no mural externo para que todos pudessem apreciar as criações do Maternal I, onde as crianças têm entre 2 e 3 anos.

Com a ideia de que a sustentabilidade se constrói nas práticas cotidianas, ampliando assim, possibilidades de contato com diferentes materiais. A concepção de arte na Educação Infantil

que potencializamos é essa: deixar que as crianças experimentem e criem porque acreditamos que não existe o perfeito. A forma como a criança pinta, o jeito que ela se apropria dos materiais e executa a proposta, é a expressão, é a arte dela e não vai existir outra igual. Essa arte vai aparecendo nas nossas práticas de várias maneiras. Contudo, temos algo mais sustentável do que criar a partir de elementos que são descartados na natureza, pois o essencial é preparar o espaço para que essa criança, motivada, sinta-se livre para criar, visto que, se o espaço for “pobre”, delimitado e muito controlado pelas educadoras, como haverá a livre expressão, a criatividade da criança?

Imagem 7. Explorando texturas.



Podemos observar a delicadeza num movimento pequeno da criança, que pegou várias folhas e foi fazendo suas escolhas pelas texturas das folhas; ela não pegou qualquer folha, escolheu as iguais, e em seguida foi cortando. Como podemos observar na sequência acima, ela pega um palito e vai picotando, em seguida a folha em vários formatos de pequena folha e sua arte surge com toda a sua intenção, conforme o que queria criar. Logo depois, a arte se reinventa, pois pegou as panelinhas, fez comida e as serviu aos os amigos. Conseguimos registrar todo o processo, pois é fundamental o registro dos processos de construção na Educação Infantil.

Para viver essa arte na Educação Infantil, é preciso que toda a equipe também esteja envolvida com esta proposta junto às crianças, que não tenha medo de se sujar, de estragar as unhas; é preciso se doar para deixar as crianças livres, para que se sintam à vontade para se expressar, sem que haja cobranças ou sugestões com relação à execução da proposta por parte da criança. Trazer algo novo para crianças pequenas é sempre um desafio, é necessário estar atento para que elas possam experimentar sem nenhuma repressão à sua forma de se expressar. Prever um ambiente seguro, evitando que ocorreram acidentes com o material “novo”. O trabalho com as folhas também foi feito com a turma no Berçário I, em 2018, que pode ter crianças entre 6 meses e 2 anos, e teve-se o cuidado com as folhas, que foram previamente lavadas para que as crianças pudessem manuseá-las, assim como as tintas que essa turma experimentou foram tintas caseiras feitas com farinha de trigo e substâncias orgânicas como a beterraba, o repolho roxo, deixando para mais tarde, já no Maternal, o contato dessas crianças com a tinta industrializada.

Considerações finais

Buscamos em nossa apresentação ampliar o que entendemos por práticas sustentáveis, ampliando nosso olhar, para além da Natureza. E, ao revisitar os projetos, ficou claro que tal questão sustenta nossas práticas nesses anos de docência.

Ao caminharmos para o encerramento de nossa conversa, buscamos refletir sobre a importância e potência da construção no nosso Seminário, espaço este, planejado, vivenciado e feito por nós, dentro da instituição, problematizando que, às vezes, pode parecer pequeno, mas não é, é grandioso, pois é gestado e vivenciado coletivamente.

Ao observamos a apresentação anterior, onde se trouxe uma foto sobre a qual fomos indagadas a dizer o que estávamos vendo, cada uma de nós olhou por lentes diferentes, isso já nos indica alguma coisa, pois olhamos a partir das nossas experiências, que são singulares e plurais ao mesmo tempo. Com isso, a nossa prática se modifica, se amplia. Interessante perceber que, aqui, vamos pensando a partir de dentro, trazendo nossas experiências, refletindo e buscando soluções, com nossos pares. Nóvoa, em entrevista a Boto (2018), nomeia o que vivemos de colegialidade, que é a possibilidade de atuarmos em coletivo, implicando, assim, em espaços de reflexão e de trabalho. Imbernón (2010) também compartilha da ideia de uma formação que parte de dentro-das problemáticas das instituições. Não queremos, apenas, participar de formações que partam de fora, com metodologias rígidas, que não dialogam com o vivido e experienciado aqui, no contexto dos Berçários e Maternais da Creche Tia Elza, das comunidades do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho. Obviamente, também vamos compartilhar as informações e formações oferecidas pela rede, por outros espaços formativos, mas, que possamos refletir a partir do nosso contexto, que parta, também, de nós profissionais da educação e de nossas escutas e experiências das e com as crianças.

Referências Bibliográficas

BOTO, Carlota; *António Nóvoa. Uma vida para a educação*. Educ. Pesqui. vol. 44. São Paulo: Epub Nov 23, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201844002003>. Acesso em 20 abril 2020.

CAMPOS, Marina Santos Nunes; REIS, Graça Regina Franco da Silva. *Os materiais narrativos e a reconfiguração dos currículos: desafios e possibilidades*. *Currículo sem Fronteiras*, v. 19, n. 1, p. 396-417, jan./abr. 2019.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*; tradução de Eric Nepomuceno. - 9. ed. – Porto.

HOLM, A. M. *Baby - Art: os primeiros passos com a arte*. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação continuada de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

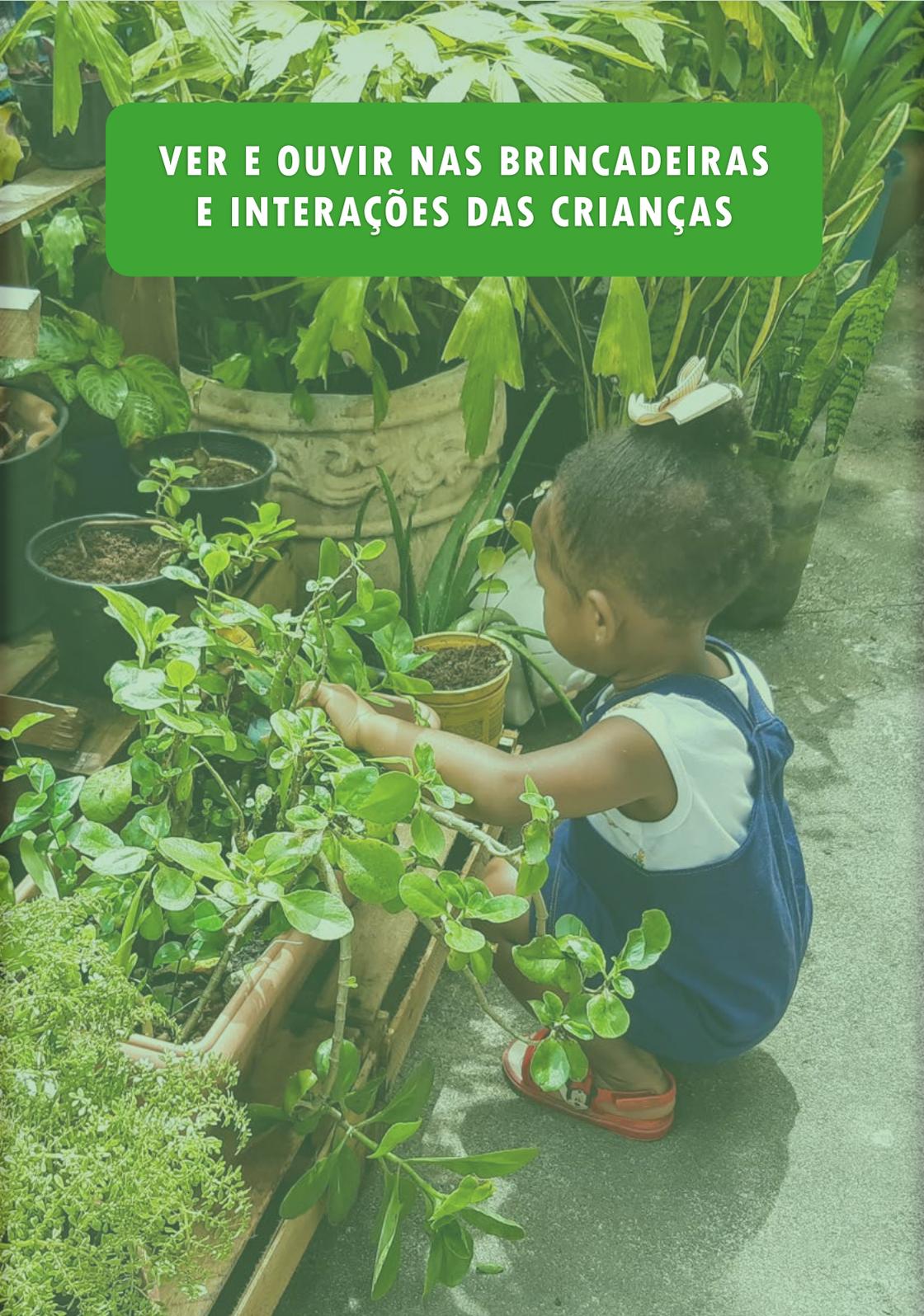
RIO DE JANEIRO. C. M. Elza Machado dos Santos – Tia Elza. Projeto Pedagógico Anual – PPA. Creche Tia Elza – 10 anos: *lugar de alegria, paz e transformação*. 2018.

_____. C.M. Elza Machado dos Santos – Tia Elza. Projeto Pedagógico Anual – PPA. *O Rio e a Creche Tia Elza, em busca de um planeta sustentável e harmonioso, recepcionam os diferentes continentes através das Olimpíadas numa cultura de paz.* 2016.

_____. C.M. Elza Machado dos Santos – Tia Elza. Projeto Pedagógico Anual – PPA. *Redescubro espaços, revejo materiais, significo imagens... Brincando, crio novos passos nos velhos caminhos.* 2015.

SANTOS, Boaventura Souza. *O fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul.* Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

**VER E OUVIR NAS BRINCADEIRAS
E INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS**





VER E OUVIR NAS BRINCADEIRAS E INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS

Jane Napoleão¹

Fotografando interações

Over e o ouvir é de extrema importância quando se trata de crianças pequenas. Até aprender a falar e andar a criança lê indícios e se formos atenciosos saberemos entender os pequenos e atendê-los em suas necessidades. Atualmente, observo as crianças da turma de Maternal IIA, que tem crianças entre 3 e 4 anos, na Creche Municipal Tia Elza Machado dos Santos, em Copacabana, Rio de Janeiro, nos momentos do brincar, nas realizações dos trabalhos, nas suas interações, suas falas e observações, momentos esses registrados nas fotos. O celular virou uma ótima ferramenta de trabalho. Os pequenos gostam demais de se ver nas filmagens e nas fotos. São esses momentos registrados durante o tempo em que estivemos juntos na Creche, em 2019, que eu trouxe para apresentar no *II Seminário de autoformação docente: o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil*.

Toda vez que vem uma criança me pedir para amarrar os tênis, pergunto qual a palavrinha mágica. Então, amarrei o tênis do Arthur Gabriel² (depois dele ter me pedido por favor), e limpei o nariz dele. Pedi a ele que colocasse o papel de meleca na lixeira. Então, ele olhou pra mim com um sorriso maroto e perguntou: Qual a palavrinha mágica?! E assim é a educação infantil, onde mesmo sem percebermos estamos sendo imitados, nas nossas falas, atitudes, gestos e afetividade. Servimos de exemplo para essas cabecinhas em formação, as quais absorvem um mundo de

1 Agente de Educação Infantil, Graduada em Normal Superior/Educação Infantil (ISEPS).
2 Os nomes das crianças utilizados no texto são fictícios.

informações numa rapidez incrível. Além do mais, a criança tem um olhar generoso, uma alegria gerada pelas coisas simples, uma gargalhada desprentensiosa, na frase citada por Mia Couto: “Apenas as crianças sabem rir com perfeição”.³

Por que será que nos sentimos tão bem quando rimos de uma piada ou fato engraçado? Acho que porque deixamos aflorar o nosso lado criança que adormece em nós. Às vezes me pego imaginando situações, coisas de «gente grande» que uma criança resolveria em dois tempos. São seres imediatistas: Tudo tem que ser agora, xixi, cocô, sono, adquirir o brinquedo ou o doce que gosta, ir para a rua e etc. Às vezes, eu gostaria, se fosse possível (é claro!) de entrar na máquina do tempo e voltar a ser criança. Sim! Você pode cometer seus erros que haverá sempre quem diga: - É apenas uma criança, não sabe o que faz! Ser criança tem lá suas vantagens e, também, suas desvantagens, mas, “não os subestimem”, disse uma vez, durante uma aula, a professora Madalena Freire⁴: se você se sentar e conversar com uma criança, ela te entenderá. E o entendimento dela pode ir além das suas expectativas. Vou citar um exemplo: Um dos *aluninhos* do Maternal II, de 2019, não queria comer, sempre tínhamos alguma dificuldade em fazê-lo almoçar. Um dia, sabendo do fascínio dos meninos por super heróis, disse para ele: - Come a comida toda pra você ficar forte que nem o Hulk! E então ele me respondeu: - Mas, eu quero ser o Homem Aranha! Não preciso nem dizer que levei alguns minutos para me organizar e dizer para ele que a comida estava uma delícia e que ele precisava comer pra virar o Homem Aranha.

3 Antônio Emílio Leite Couto é conhecido no universo da literatura apenas como Mia Couto. Como gostava muito de gatos quando era criança, Antônio Emílio pediu que os pais o chamassem por Mia e assim o apelido se perpetuou ao longo dos anos. O escritor nasceu no dia 5 de julho de 1955 na cidade da Beira, em Moçambique, filho de emigrantes portugueses.

4 Madalena Freire é professora, arte-educadora e pedagoga. Dedicou-se desde 1981 à formação de educadores com grupos de reflexão e estudo. Foi fundadora do Espaço Pedagógico e, atualmente, é coordenadora do curso de formação de professores de educação infantil - Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), no Rio de Janeiro.



Por essas e outras que a gente percebe o tanto que a gente aprende com os pequenos. Enquanto vou registrando momentos deles em suas brincadeiras, falas, interações, vou valorizando nossas trocas, porque é isso que gera a energia boa que me faz refletir sobre estar num ambiente de educação infantil acompanhando e sendo responsável pelo desenvolvimento de crianças. É uma grande responsabilidade. Mas qual seria a profissão em que eu receberia todos os dias abraços carinhosos e sorrisos sinceros? Esse é o combustível que nos move quando trabalhamos com crianças: a gargalhada desprentensiosa, a felicidade gerada pelas coisas simples. E como diz a música de Gonzaguinha, *O que é o que é?*, de 1982, as crianças nos ensinam a “beleza de ser um eterno aprendiz”. Sim, porque crianças estão sempre disponíveis para as novidades, para as surpresas; se encantam com o que é simples e esse “encantamento” vem carregado de sabedoria que talvez a dureza de nossas vidas cotidianas não nos deixe enxergar de imediato. Mas, se a gente tiver a sensibilidade de se deixar encantar e se deixar “abduzir” pelas interações com as crianças, aprenderemos muitas coisas, como por exemplo, que o abraço tem poder de cura, que é ótimo poder falar sem filtrar, que sorrir significa que te aceito do jeito que você é.

Tenho a felicidade de trabalhar no que gosto e de fazer disso algo libertador, onde registro momentos que são únicos, valiosos, surpreendentes de tal maneira, que me fazem buscar palavras para defini-los e às vezes não as encontro. Por isso existe em mim essa vontade de buscar, pesquisar, ler e me aprimorar para que meu trabalho seja algo de bom na vida dessas crianças; que eu consiga plantar uma semente de amor, de respeito, de cidadania. Que apesar de estarem na mais tenra idade, possam perceber que a educação é o caminho para uma vida melhor. Que eu possa passar pra eles, que a educação é algo libertador.

Capturando experiências

Tales tinha dificuldade para calçar os sapatos, precisava sempre que um adulto o ajudasse. Talvez seja por isso que, ao perceber a dificuldade da amiguinha Lana, ele resolveu ajudá-la. Com esse gesto ele nos reafirma que “Gentileza gera gentileza”.⁵

Imagem 1. Príncipe Tales colocando o sapatinho na princesa Lana.



Fonte: Autora. 2019.

⁵ Profeta Gentileza: José Datrino, mais conhecido como Profeta Gentileza (Cafelândia, 11 de abril de 1917 – Mirandópolis, 29 de maio de 1996), foi um pregador urbano brasileiro, que se tornou conhecido por fazer inscrições peculiares nas pilastras do Viaduto do Gasômetro, no Rio de Janeiro, e se tornou uma espécie de personalidade daquela cidade. Andava pela Zona Central com uma túnica branca e longa barba. «Gentileza gera gentileza» é sua frase mais conhecida. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Profeta_Gentileza>. Acessado em 19 maio 2020.

A mãe de Lisa costumava levá-la ao Salão Beleza Natural, para relaxar os cabelos. Partindo dessa experiência, ela gostava de brincar de cabeleireira e chamava as amiguinhas de clientes, comandando a brincadeira.

Imagem 2: Lisa chamando “as clientes” para fazer o cabelo.



Fonte: Autora. 2019.

Rita é uma *aluninha* curiosa, que gosta de saber sobre coisas da natureza. Concentrada e observadora, sempre perguntando sobre tudo que lhe chamasse a atenção, em uma manhã, enquanto observava um bichinho no chão, perguntou:

- Tia Jane, como é o nome dele?
- É um Gongolo.
- Ele Morde tia?

Algumas experiências não precisam de grandes explicações.

Imagem 2. Rita e o gongolo.



Fonte: Autora. 2019.

Uma folha que cai,
O pássaro que voa,
O reflexo do sol na parede,
Uma formiga carregando um pedacinho de biscoito,
A chuva fina trazida pelo vento,

Tudo isso exerce um fascínio enorme nos nossos “jovens cientistas”. Um dia desses momentos mágicos aconteceu. E era um dia de chuva.

Imagem 3. Olhando a chuva cair.



Fonte: Autora. 2019.

Continuemos daqui, sem conclusão...

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SUSTENTABILIDADE



BI

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SUSTENTABILIDADE

Larissa Santos¹
Simone Gomes²

INTRODUÇÃO

“Incluir não é simplesmente levar uma criança com deficiência a frequentar o ensino regular. A inclusão é uma conquista diária para a escola, para a criança e para seus pais. Todo dia é um dia novo na inclusão.” (FACION, 2009, p. 203)

Tendo como questão preliminar de uma pesquisa monográfica, estabelecer o conceito de Educação Especial e a importância da inclusão de alunos especiais, com qualidade, nas redes regulares de ensino, a apresentação com o tema educação inclusiva e sustentabilidade, ocorrida durante o *II Seminário de autoformação docente: o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil?*, realizado na C.M. Elza Machado dos Santos – Tia Elza, em 2019, trazida para o presente texto, tem por objetivo ressaltar a importância de se construir um mundo sustentável onde todos, sem nenhuma discriminação, possam viver em harmonia e equilíbrio com a natureza da qual somos parte. Na educação, com *projetos verdes*, sustentáveis, a inclusão é um desafio que deve ser enfrentado pelo governo, pela comunidade escolar, por responsáveis e por toda a sociedade. Pensamos, assim, que a educação inclusiva deve pautar-se em princípios éticos,

1 Agente de Educação Infantil, Graduanda em Pedagogia (UNILEYA).

2 Professora Adjunta de Educação Infantil, Graduada em Pedagogia (UFRJ), Especializada em Gestão de Recursos Humanos (UCAM) e em Psicopedagogia e Atendimento Educacional Especializado (UNILEYA).

formação profissional de qualidade, competências e eficiência profissional. É de grande importância refletir e pesquisar sobre o tema, pois os educadores precisam estar conscientes das dificuldades que se pode enfrentar em sala de aula, e devemos estar preparados para trabalhar a diversidade como um todo e não, apenas, entre alunos especiais.

Iniciamos nossa apresentação no Seminário, explicando porque escolhemos esse tema, pois há crianças que podem ser consideradas *especiais*, mas não sabem que o são, ou tem conhecimento da inclusão, e não se sabe como lidar com a mesma, pois, no dia a dia, existem casos em que se está promovendo a inclusão, mas, nem todos os direitos da criança são respeitados, a começar pela acessibilidade no espaço físico. Isso quer dizer que, não basta matricular uma *criança especial* numa escola regular se não há as condições mínimas necessárias. Também gostaríamos de ressaltar que, havendo necessidade de diagnóstico, profissionais qualificados são importantes para realizar o acompanhamento da criança. O outro motivo vem da nossa experiência em acompanhar o desenvolvimento de uma criança, do Berçário ao maternal II, ou seja, desde que ela tinha, aproximadamente, 2 anos até os 4 anos. Com essa relação foi observada a necessidade de termos um conhecimento mais aprofundado sobre *educação inclusiva*, mais especificamente, sobre autismo, que não aprofundaremos aqui, visto ser um tema de grande complexidade, mas enfatizamos que a criança nunca será diagnosticada pelas professoras, mas poderá ser melhor acompanhada se conhecermos cada caso.



O *projeto verde* sugere a inclusão e, ao mesmo tempo, mostra o quanto é importante a preservação e as ações sustentáveis para o presente e o futuro através dos seus objetivos de ensinar a plantar mudinhas, cuidar da terra, regar as plantas, e não machucar as mesmas, reciclar os mais diversos objetos nas mais variadas atividades, podendo ser coletivas ou individuais, como formas de integrar a criança especial ao grupo em que ela está inserida, pois a criança com Transtorno de Espectro Autista - TEA, por exemplo, precisa de uma rotina e de aprender a lidar com as mudanças, independentemente do grau de TEA. Uma atividade simples dentro do projeto: todo dia olhar as plantinhas e cuidar, sugerindo uma rotina, pode trazer à criança um conforto tanto em relação às mudanças de tempo quanto de espaço. Outra forma poderia ser identificar objetos que ela gosta e mostrar que, com o material disponível, ela pode construir, criar, não só sozinha mas também com os outros colegas de turma. O nível do TEA da criança é que vai apontar se é necessária uma atividade mais individualizada ou se, no momento, será possível acontecer uma integração com os demais colegas. A ajuda da especialista, a participação da criança na atividade, de forma coletiva ou individual, respeitando o seu tempo já pode mostrar os benefícios da inclusão.

Educação e Inclusão

Para Sasaki (2006), na passagem do século XX para o XXI, estávamos vivendo a fase de transição entre a integração e a inclusão. Portanto, é compreensível que, na prática, ambos os processos sociais coexistam por mais algum tempo até que, gradativamente, a inclusão aconteça de forma integral. Seguindo para dar continuidade à discussão, é importante entendermos o que é *inclusão*. Incluir vem do latim *include*, que significa compreender; abranger; conter em si; envolver; implicar; inserir; intercalar; introduzir; fazer parte; figurar entre outros; pertencer, juntamente com outros. Em nenhum momento essa definição pressupõe que o ser incluído precisa ser igual ou semelhante aos demais aos quais se agregou. De acordo com Mantoan (2003), a *educação inclusiva* é fruto de uma educação plural, democrática e transgressora, haja vista que a mesma gera uma crise escolar, ou seja, uma crise de identidade institucional, que, por sua vez, abala a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a identidade do aluno. Reforçamos que a educação inclusiva pressupõe a igualdade de oportunidades e a valorização das diferenças humanas. Já a *Educação Especial* (Almeida, 2006) é uma modalidade de ensino cuja aplicação permeia todo o sistema educacional do país e visa proporcionar à *pessoa com deficiência* a promoção de suas capacidades, o desenvolvimento pleno de sua personalidade, a participação ativa na sociedade e no mundo do trabalho e aquisição de conhecimentos. Existe diferença entre educação especial e educação inclusiva, e a diferença está no termo *inclusiva*. Segundo a psicóloga Marina Almeida (2006), no “Manual Informativo sobre inclusão: informativo para educadores”, pode-se definir Educação Especial como:

uma modalidade de ensino que visa promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas portadoras de necessidades especiais, condutas típicas ou altas habilidades, e que abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino. Ou seja, uma modalidade de ensino para pessoas com deficiência ou altas habilidades. (p. 1)

Enquanto que,

na escola inclusiva o processo educativo deve ser entendido como um processo social, onde todas as crianças portadoras de necessidades especiais e de distúrbios de aprendizagem têm o direito à escolarização o mais próximo possível do normal. (p. 3)

A inclusão começa em casa e deve ser garantida em todos os cenários e ambientes da vida de uma criança considerada especial. O autor Carvalho (2008) diz que a educação inclusiva surgiu como realidade, não sendo mais aceitável ignorar sua existência, sendo então preciso uma nova análise por parte da escola, onde esta passa a deixar de lado o que colocava como o aluno ideal, buscando “aceitar” o diferente. O autor ainda completa que, “somos diferentes e queremos ser assim e não uma cópia malfeita de modelos considerados ideais. Somos iguais no direito de sermos inclusive, diferentes” (CARVALHO, 2008, p.23). Carvalho (2005) ainda enfatiza que incluir não significa apenas pôr todas as crianças em uma mesma condição, tendo em vista que se pode correr o risco de, a partir da inclusão, se praticar a exclusão, analisando que, estar fisicamente em um lugar não significa que se esteja inserido no grupo social.



A inclusão escolar possibilita aos seres humanos novos conhecimentos, com novas técnicas e formas para a produção da vida material, formando novas sociedades, culturas e formas de trabalho. É essencial que todas as ações apontem para a inclusão das pessoas com necessidades especiais, com estruturas e planejamento, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade, respeitando todos os direitos. É necessário fazer uma avaliação quando os *portadores de deficiência* são excluídos da sociedade levando em consideração a importância de se debater este tema que ainda não foi superado pela comunidade, destaca Sánchez (2005). Portanto, a inclusão de *pessoas com deficiência* na escola é muito mais que uma simples inovação educacional, isso implica no reconhecimento de que o “outro” é diferente, embora, em alguns momentos, possamos observar que a comunidade escolar não está vivendo a inclusão como sinônimo de entender essas diferenças. Sabemos que não é fácil, muitas vezes devido ao número de alunos excedentes nas turmas, muitos para poucos profissionais, principalmente na rede pública. Mas, é importante compreender o “outro” com sua diferença e tentar oferecer um ensino adequado, oferecer qualidade e não incluir por incluir, entendendo que todo ser humano, independente de ter ou não *deficiência*, possui tanto capacidades quanto limitações e é possuidor de direitos como qualquer um. A escola deve atuar como facilitadora da comunicação e da difusão de informações sobre o assunto, estimulando a inclusão social, a melhoria da qualidade de vida e o exercício de cidadania para todos. A inclusão é uma inovação, e muitas vezes, seu sentido tem sido muito distorcido e polemizado pelos mais diferentes segmentos educacionais e sociais. No entanto, inserir alunos no ensino regular nada mais é do que garantir o direito de todos à educação e isto está assegurado pela Constituição Brasileira de 1988.

Segundo Mantoan (2003), o melhor atendimento escolar para pessoas com deficiência, como também para qualquer outra criança, é mesmo a escola regular. O complemento oferecido pela educação especializada não diz respeito ao ensino de conteúdos curriculares da escola regular como alfabetização, matemática, ciências etc., mas ao ensino de recursos, linguagem, usos de equipamentos, códigos que sirvam para os alunos enfrentarem as barreiras que suas deficiências impõem à aprendizagem nas salas de aula das escolas regulares. A organização de salas de recursos multifuncionais se constitui como espaço de promoção de acessibilidade curricular aos alunos das classes comuns do ensino regular, onde se realizam atividades da parte diversificada, como o uso e ensino de códigos, linguagens, tecnologias e outras, complementares à escolarização, visando eliminar barreiras pedagógicas, físicas e de comunicação nas escolas. Em uma escola inclusiva, o ensinar e o aprender são processos dinâmicos, onde a aprendizagem não fica restrita a conteúdos e ao espaço físico da escola, ela vai muito além. Com relação ao ambiente escolar adequado, o autor Soodak (2003) faz referências ao desenvolvimento de estratégias para melhorar a qualidade global do ambiente da sala de aula para acolher os alunos com deficiência. Essas estratégias contemplam a organização de um ambiente no qual os alunos se sentem acolhidos, seguros e apoiados. Ele sugere, principalmente, criar uma comunidade inclusiva, promover o sentimento de pertença, facilitar a aproximação das crianças, favorecendo a amizade entre os alunos, desenvolver a colaboração entre pais e professores e entre professores e outros membros da escola.

O Projeto Político Pedagógico - PPP³ de uma unidade escolar é um instrumento orientador, que pode definir as relações da escola com a comunidade na qual está inserida e vai atender. E o projeto pedagógico orienta as atividades, revelando a concepção da escola e as intenções da equipe de educadores. Com base no projeto pedagógico a escola pode organizar seu trabalho e pode garantir apoio administrativo, técnico e científico para uma educação inclusiva, planejando ações, possibilitando a existência de propostas curriculares diversificadas e abertas, flexibilizando seu funcionamento, atendendo à diversidade e estabelecendo redes de apoio. As práticas inclusivas de educação beneficiam todos os envolvidos neste processo, pois estes aprendem a lidar com as diferenças, com as dificuldades e diminuir preconceitos desde a infância. Desenvolvem sentimentos como respeito e solidariedade, sem se deixar levar por sentimento como pena, estranhamento e sensação de superioridade. Porém, para a inclusão ser efetivamente realizada, toda a escola deve se envolver e precisa estar estruturada. Assim, todo o projeto pedagógico pode ser reelaborado promovendo uma reflexão para além da equipe escolar, chegando a toda a comunidade. A Creche Tia Elza ainda não está conseguindo fazer isso por completo, principalmente por fatores físicos, como espaço (a unidade possui 3 andares com escadas, não há rampa ou elevador para acesso às salas), e ainda alguns fatores humanos, já que não há profissionais especializados suficientes para acompanhar os processos de inclusão na unidade escolar. Apesar disso, já houve grandes avanços e acreditamos estar no caminho certo para fazer uma verdadeira inclusão. A unidade procura adaptar seus espaços da melhor forma possível, a equipe como um todo busca, dentro do

3 C.M. Elza Machado dos Santos - Tia Elza. Projeto Político Pedagógico - PPP. *Transformando ideias em ações e criações coletivas*. Gestão 2018-2020. Disponível em: <<https://crechetiaelza.blogspot.com/p/ppp.html>>. Acesso em 06 abril 2020.

possível, realizar a inclusão, fazendo com que o aluno se sinta parte da turma, parte da creche, independentemente de suas necessidades. E faz isso em suas mais diversas atividades pedagógicas. O projeto político pedagógico precisa ser focado nessa questão da inclusão, desenvolvendo e realizando mais projetos de integração entre a família e a escola, mais do que se é feito do ponto de vista da inclusão. Essa integração, focando na importância do processo e mostrando, tanto para a família quanto para o grupo, o quanto se tem trocas para melhor realizarmos a inclusão é importante, sobretudo para que a equipe esteja preparada para receber os alunos especiais.

Rosa (2004) destaca que a participação da família e da comunidade amplia o processo educativo, desempenhando um papel vital na educação e na inclusão social de seus membros, tendo acesso a serviços sociais, saúde, serviços educacionais e profissionais existentes na comunidade e a todas as demais oportunidades disponíveis. A idade escolar e, ainda mais, a pré-escolar são os momentos ideais para se estabelecerem bases sólidas de relação da criança com o meio. Mas, antes mesmo de incluir, é importante certificar-se dos objetivos dessa inclusão, desses educandos com necessidades especiais, quais os avanços que eles poderão alcançar, estando junto aos alunos da rede regular, e produzir transformações.

O que dizem as Leis?

Em 1961, temos a Lei N° 4.024: A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) que fundamenta o atendimento educacional às pessoas com deficiência, chamadas no texto de “excepcionais”. Segue trecho: “A Educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de Educação, a fim de integrá-los na comunidade.” (Artigo 88) Dez anos depois, em 1971, surge no Brasil a Lei N° 5692. A segunda Lei de Diretrizes e Bases Educacionais do Brasil é da época da ditadura militar e substitui a anterior. O texto afirma que os alunos com “deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial”. (Artigo 9) Essas normas deveriam estar de acordo com as regras fixadas pelos Conselhos de Educação, ou seja, a lei não promovia a inclusão na rede regular, determinando a escola especial como destino certo para essas crianças.

Em 1988, a Constituição Federal Brasileira, em seu artigo 5º, garante o princípio de igualdade: todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]. Além disso, a Constituição Federal garante, em seu artigo 205, que a educação é direito de todos e dever do estado e da família. Ainda se tem o artigo 206, onde se estabelece a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Por fim, em seu artigo 208, inciso III, garante o atendimento educacional especializado, oferecido preferencialmente na rede regular de ensino. Portanto, a Constituição Federal garante a todos os alunos a frequência no ensino regular, com base no princípio de igualdade.

Em 1990, a Lei N° 8.069, mais conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, garante, entre outros, o atendimento educacional especializado às crianças com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino; trabalho protegido ao adolescente com deficiência e prioridade de atendimento nas ações e políticas públicas de prevenção e proteção para famílias com crianças e adolescentes nessa condição. Em geral, a educação inclusiva é um direito de todos assegurado por diversos documentos. A Declaração Mundial de Educação para Todos, que foi aprovada em Jomtien, na Tailândia, em 1990, tem como objetivo garantir o atendimento às necessidades básicas da aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos. Em seu Artigo 3º, a Declaração trata da universalização do acesso à educação e do princípio de equidade. Especificamente em relação à educação dos alunos com deficiência, o documento diz que “as necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiência requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte do sistema educativo (p. 4)”. Em 1994, a Declaração de Salamanca afirma o direito de todas as pessoas à educação, assegurando a igualdade de acesso às pessoas com deficiência. Essa Conferência Mundial de Educação deu ênfase à educação integradora, capacitando os professores e escolas para atender as crianças, jovens e adultos deficientes, e proclamou, também, que as escolas regulares com orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias e que alunos com deficiência devem ter acesso à escola regular, tendo como princípio orientador que “as escolas devem acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais sociais, emocionais, linguísticas ou outras” (Brasil, 2006, p.330). Também em 1994, passa a existir a Política Nacional de Educação Especial. Em termos de inclusão escolar, o texto é considerado, por especialistas, um atraso, pois propõe a chamada “integração instrucional”, um processo que permite que ingressem em classes

regulares de ensino apenas as crianças com deficiência que “[...] possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os alunos ditos normais”. (p. 19) Ou seja, a política exclui grande parte desses alunos do sistema regular de ensino, “empurrando-os” para a Educação Especial. Dois anos depois, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, em seu Artigo 58, diz que “todos os alunos devem estudar em escolas regulares a não ser que não tenham condições de se integrar”, ou seja, a criança que tenha alguma questão especial tem o direito de estar em uma escola regular, mas ela poderá não estar se demonstrar que ela não apresenta condições para estudo nestas escolas, devendo ser matriculada em uma escola especial, sendo esse um direito dela. Em caso dessa criança ou adolescente estar matriculado em uma escola regular, também é um direito dela ser atendida em um horário escolar regular e possuir uma pessoa especializada para dar suporte a ela no aprendizado.

A Lei Nº 10.172 é de 2001 e espelha o Plano Nacional de Educação (PNE) anterior, criticado por ser muito extenso, pois tinha quase 30 metas e objetivos para as crianças e jovens com deficiência. Entre elas, afirmava que a Educação Especial, “como modalidade de educação escolar”, deveria ser promovida em todos os diferentes níveis de ensino e que “a garantia de vagas no ensino regular para os diversos graus e tipos de deficiência” era uma medida importante. (p. 25) Também em 2001, temos a Resolução CNE/CEB Nº 2. O texto do Conselho Nacional de Educação (CNE) institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Entre os principais pontos, afirma que “os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos”. Porém, o documento coloca como

possibilidade a substituição do ensino regular pelo atendimento especializado. Considera ainda que o atendimento escolar dos alunos com deficiência tem início na Educação Infantil, “assegurando-lhes os serviços de educação especial sempre que se evidencie, mediante avaliação e interação com a família e a comunidade, a necessidade de atendimento educacional especializado”. (p. 12) Um ano depois temos uma nova Resolução, a CNE/CP N°1/2002, de 2002. A Resolução dá “diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena”. (p. 13) Sobre a Educação Inclusiva, afirma que a formação deve incluir “conhecimentos sobre crianças, adolescentes, jovens e adultos, aí incluídas as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais”. Também em 2002, a Lei N° 10.436/02 reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Já em 2005, temos o Decreto N° 5.626/05, que regulamenta a Lei N° 10.436, de 2002.

Aprovada pela Organização das Nações Unidas – ONU, em 2006, a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da qual o Brasil é signatário, estabelece que os Estados devem assegurar um sistema de educação inclusiva em todos os níveis de ensino, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social compatível com a meta de inclusão plena, adotando medidas para garantir que:

A) As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob alegação de deficiência;

B) As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem (Art.24, apud BRASIL, 2008).

Em 2007, surgem dois documentos, o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) que, no âmbito da Educação Inclusiva, trabalha com a questão da infraestrutura das escolas, abordando a acessibilidade das edificações escolares, da formação docente e das salas de recursos multifuncionais, e o Decreto Nº 6.094/07. O texto dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, do Ministério da Educação e Cultura - MEC. Ao destacar o atendimento às necessidades educacionais especiais dos alunos com deficiência, o documento reforça a inclusão deles no sistema público de ensino. Em 2008, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, surge como documento que traça o histórico do processo de inclusão escolar no Brasil para embasar “políticas públicas promotoras de uma Educação de qualidade para todos os alunos” (p. 15), e, também, o Decreto Nº 6.571, que dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica e o define como “o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular”. (p. 16) O decreto obriga a União a prestar apoio técnico e financeiro aos sistemas públicos de ensino no oferecimento da modalidade. Além disso, reforça que o AEE deve estar integrado ao projeto pedagógico da escola.

O Decreto Nº 7.611, de 2011, que revoga o Decreto Nº 6.571, de 2008, e estabelece novas diretrizes para o dever do Estado com a educação das pessoas público-alvo da educação especial, determina, entre outros, que o sistema educacional seja inclusivo em todos os níveis, que o aprendizado seja ao longo de toda a vida, e impede a exclusão do sistema educacional geral sob alegação de deficiência. Também determina que o ensino fundamental seja gratuito e compulsório, asseguradas adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais, que sejam adotadas medidas de apoio individualizadas e efetivas, em ambientes que

maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena, e diz que a oferta de educação especial deve se dar preferencialmente na rede regular de ensino. Com relação ao Sistema Único de Saúde – SUS, desde 2012, com a lei nº 12.764, o indivíduo com o diagnóstico do espectro autista é considerado uma pessoa com deficiência. Essa inclusão pode ser benéfica por garantir aos “olhos” da Lei o tratamento multidisciplinar junto ao Estado, segundo sugere Ricardo Piccinato (2019) no livro *Autismo do diagnóstico ao tratamento: As melhores orientações sobre o universo autista*.

Para finalizar, visto que há uma gama de documentos relacionados à Educação Especial e ao processo de inclusão, em 2014, o Plano Nacional de Educação (PNE), traz a meta nº 4, que trata do tema no atual PNE, com a redação:

“Universalizar, para a população de 4 a 17 anos, com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados”. (p. 18)

Todas essas legislações que foram aqui apresentadas e os fatores que apresentamos contribuíram para a efetivação do atendimento às pessoas com deficiência, reafirmando que a Educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, como assegurado pela Constituição Brasileira (1988), no Art. 205, e promovendo assim uma sociedade que aceite e valorize as diferenças sem exceção. Pensamos, assim, que para que aconteça realmente uma “educação para todos” é primordial que seja feita uma verdadeira revolução nos conceitos, uma transformação de mentalidades, ainda “cheias” de preconceitos, para que se desencadeie um movimento realmente inclusivo de respeito, dignidade e integração em prol das pessoas com deficiência.

Práticas inclusivas

Retomando as práticas sustentáveis, durante o Seminário, além de destacarmos as mais diversas leis, decretos, diretrizes, entre outros documentos, cujo presente texto não comportaria, foi dado destaque ao manual *Autismo: Uma realidade*, escrito pelo autor Ziraldo (2013). Esse manual conta, através de uma história em quadrinhos, o que é o autismo, como e quais os sinais para se identificar uma criança autista. Uma forma lúdica de trazer a questão para o ambiente escolar. Com base nisso, aproveitamos para levantar questões sobre a realidade da educação inclusiva, e assim apresentamos nossa experiência com a educação inclusiva na Creche Municipal Elza Machado dos Santos – Tia Elza.

Figura 1. Capa do livro em PDF.



Fonte: Internet. 2020.

Foi destacado, antes de tudo, a questão do suporte profissional, que algumas unidades escolares possuem e outras não. Pontuamos que, há alguns anos atrás, tivemos, na creche, uma criança com dificuldade de locomoção, mas o espaço físico não era preparado para a mesma, pois não havia rampas, e ainda não há, e a unidade

conta com 3 andares de escadas, como dito anteriormente. As profissionais precisavam levar a criança no colo para que ela pudesse se deslocar pelos espaços da instituição. Alguns casos como autismo, paralisia e outros, fizeram parte da rotina na creche, alguns com e outros sem acompanhamento especializado. Em nossas práticas cotidianas, costumamos observar crianças que apresentam algum tipo de dificuldade, portanto, saber qual profissional buscar, como abordar os responsáveis e as próprias crianças é importante em situações de inclusão.

Algumas experiências colocadas pelas participantes durante o Seminário, e de acordo com a nossa percepção, a inclusão na Creche Tia Elza é realizada da melhor forma possível com os recursos que possuímos. Algumas de nossas práticas foram mostradas através de imagens de atividades com o aluno do maternal IIB, hoje com 4 anos, incluído com autismo.⁴ Em sua rotina no Berçário II, com 2 anos, quando ainda não havia um diagnóstico, as observações aconteciam por parte das professoras. Foi apenas no maternal I, com 3 anos de idade, que iniciou-se a solicitação de ajuda especializada. Algumas atividades da rotina no Berçário II e nos Maternais I e II, mostram Milton⁵ com outras crianças no parquinho, brincando e tomando sol, tanto sozinho como interagindo com as outras crianças. Essa interação com as outras crianças, brincando junto, procurando os outros colegas para brincar mostra uma grande evolução e crescimento dessa criança, pois era algo que ela não fazia. Acreditamos, então, que esse resultado é graças ao trabalho das professoras e, também, do acompanhamento especializado com o qual pudemos contar. Também acreditamos que a questão da observação é algo que não deve ser feito apenas com as crianças consideradas especiais, mas de forma geral, com todas as crianças, principalmente buscando suas potencialidades e respeitando o tempo de cada uma, e conversando

4 A inclusão foi acompanhada por meio da parceria da Creche Tia Elza Machado dos Santos com a Clínica da Família, NUPPSAM/UFRJ e CARIM/UFRJ, em trabalho colaborativo no Território Pavão-Pavãozinho /Cantagalo.

5 Nome fictício.



diretamente com ela, sempre que possível, olhando nos olhos. Quando temos uma criança especial em sala é muito importante que as professoras conversem com as outras crianças, sobre o caso especial que tem na sala, quais as necessidades delas e até mesmo mostrar para elas como podem ajudar. Um exemplo: uma criança que somente brinca com um determinado brinquedo, se os colegas sabem do porquê, é provável que se tenha auxílio deles para que nenhuma outra criança tire o brinquedo das mãos dela, pois, no seu tempo, ela emprestará o brinquedo. Ao analisar essas crianças em sala, também pode ser vista essa colaboração entre as crianças, elas se ajudam. Isso foi muito bem observado não só no caso do brinquedo, mas também no auxílio à locomoção pelos espaços da creche.

A questão da inclusão é um assunto muito vasto, nem sempre se tem todas as informações necessárias, e temos muita coisa a aprender. Na rede pública há formações, mas ainda estão mais focadas para crianças maiores, fora do segmento creche. O diagnóstico de uma criança especial, principalmente se ela ainda está no processo de desenvolvimento na creche, é difícil e delicado. O professor não faz diagnósticos, como já mencionado, apenas acompanha, buscando os melhores recursos materiais e humanos possíveis e disponíveis. É muito importante ter cuidado com diagnósticos precoces para não prejudicar a criança de forma desnecessária. Diagnosticar uma criança precocemente pode ter seu lado bom, como pode ser observado na leitura do manual do Ziraldo, que mencionamos aqui, para, dessa maneira, se começar um tratamento, mas, há, na verdade, uma diferença muito grande entre diagnosticar e intervir precocemente, porque existem características específicas. O diagnóstico de um autista tem possibilidades infundáveis, não existem crianças ou adultos autistas iguais. As manifestações podem ser semelhantes, mas não idênticas, por essa razão os tratamentos, a inclusão e a observação dos comportamentos devem ser processos realizados individualmente.



A experiência de plantar sementes, realizada na creche Tia Elza, em função do Projeto Pedagógico da Unidade - PPA de 2019⁶, mostrou-se como um exemplo de atividade de inclusão. Se aprendermos e ensinarmos às crianças a aceitarem a diversidade como algo *normal*, não será necessário falar de inclusão, mas sim de convivência. Inclusão é lidarmos com o diferente como algo *normal*, que não é diferente, mas mantém suas diferenças, e respeita momentos e tempos. “A função da escola não é ser segregadora, estamos aqui justamente para cumprir esse papel de inclusão social”, afirma a professora Nazaré Costa, da Escola Municipal Prof.^a Eladir Skibinski, em Joinville, que propôs a construção de um “jardim sensorial”. Aliada à necessidade de adaptar a criança à nova condição, as experiências já demonstram que pessoas com deficiência necessitam de estímulos para o seu desenvolvimento psicomotor. “Elas só aprendem por meio daquilo que veem ou sentem. Tocar, sentir, cheirar, olhar são fundamentais para o seu crescimento e fazem parte do aprendizado. Essa é a função do nosso “jardim sensorial”, afirma a Prof.^a Eladir.

6 Sustentabilidade na prática: a Creche Tia Elza convida a reciclar, reduzir e reutilizar, semeando o verde por onde passar. Disponível em <<https://crechetiaelza.blogspot.com/p/ppa.html>>. Acessado em 20 mar 2020.

Imagem 1. Plantando Sementes.



Fonte: Autora. 2019.

No estabelecimento de parcerias e na articulação do social com a educação, a sustentabilidade empreende ações e a busca pela sustentabilidade, na Tia Elza, tem sido um projeto muito importante, pois além de auxiliar na integração das crianças com necessidades especiais, como em Joinville, tem trazido mais contato das crianças com o verde e de como é importante reciclar e cuidar de nosso planeta. Sonhamos com uma escola inclusiva onde os sistemas educacionais modifiquem não apenas as atitudes e expectativas em relação aos alunos, mas que se organizem para construir uma escola para todos, dando conta das especificidades e das diferenças. O nosso desafio é, portanto, atender a todos sem discriminação, valorizando as diferenças, enriquecendo o processo educacional com participação e igualdade de oportunidades. A inclusão não é uma utopia (FREIRE, 2002) sendo fundamental que professores, alunos considerados *normais*, o Poder Público e toda a sociedade cumpram cada qual o seu papel na instância crítica da realidade. Compreendemos que

a educação para todos, ou o caminho da integração à inclusão de qualquer cidadão, com necessidades especiais ou não, envolve mais do que simples ações de melhoramentos, pois dependem das condições sociais, econômicas e culturais da família, da escola e de toda a sociedade. Hoje, sabemos que pessoas com necessidades especiais podem desenvolver ao máximo suas potencialidades e com isso terem qualidade de vida se respeitados os seus direitos.

Referências

ALMEIDA, Marina. *Manual informativo sobre inclusão*. Editora Didativa. 2006

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Centro Gráfico do Senado Federal – Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constitucao/constituicao.htm. Acessado em 10 mar 19

_____. *Educação inclusiva: Conheça o histórico da legislação sobre inclusão*. Disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br>. Acessado em 03 fev 2019.

_____. *Lei 8.069 de 13 de julho 1990. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e da outras providencias*. Brasília: Congresso Nacional, 13 de julho de 1990. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acessado em: 18 mar 19.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Ministério da Educação. *Lei 4024/61*; MEC; Brasília, 1961. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/108164/lei-de-diretrizes-e-base-de-1961-lei-4024-61>. Acessado em 23 mar 19

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Ministério da Educação. Lei 5692/71; MEC; Brasília, 1971. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71>. Acessado em: 30 mar 19

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Ministério da Educação. Lei 9394/96; MEC; Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 16 mar 2019.

_____. Ministério da Educação. *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. Secretaria de Educação Especial. MEC; SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acessado em: 20 abr 19.

_____. *Plano Nacional de Educação*, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/L10172.pdf>. Acessado em 20 jan 19.

CARVALHO, R. E. *Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico*. Mediação: Porto Alegre/RS, 2008.

_____. *Educação inclusiva: com os pingos nos is*. Porto Alegre. Mediação. 2005.

FACION. J.R. *Inclusão e suas implicações*. 2 ed. Curitiba, IBPEX, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à prática educativa*. 24 ed. São Paulo. Paz e Terra, 2002.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

PICCINATO, Ricardo. *Autismo do diagnóstico ao tratamento: As melhores orientações sobre o universo autista*. Coleção Síndromes e Distúrbios. Ed Alto Astral, 2019.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação da Cidade do Rio de Janeiro – SME/RJ. C.M. Elza Machado dos Santos – *Tia Elza. Projeto Político Pedagógico – PPP*. Transformando ideias em ações e criações coletivas. Gestão 2018-2020.

RIO EDUCA. *Educação inclusiva*. Disponível em: <http://www.rioeduca.net/blogViews.php?bid=20&id=3444>. Acessado em: 10 abr 19.

SASSAKI, R. K. *O direito à educação inclusiva, segundo a ONU*. In: *A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada*. Brasília: Corde, 2006.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED. *Diretrizes Curriculares da Educação Especial para a Construção de Currículos Inclusivos*. Governo do Estado do Paraná. Secretaria de Estado da Educação Superintendência da Educação: Curitiba, 2006.

ZIRALDO. *Autismo: uma realidade*. São Paulo: A&R – Associação de Estudos e Apoio 2013. Disponível em: <http://autismo.institutopensi.org.br/wp-content/uploads/manuais/cartilha-ziraldo-autismo-uma-realidade.pdf>. Acesso em 09 abr 2020.

CULTURA VISUAL E PRÁTICAS DOCENTES EM TRANSFORMAÇÃO



CULTURA VISUAL E PRÁTICAS DOCENTES EM TRANSFORMAÇÃO

Rosane Tesch¹

INTRODUÇÃO

A visibilidade invoca todo um horizonte perceptível, que se oferece ao nosso olhar e, como tal, se encontra à superfície visível do mundo.

(Campos, Brighenti e Spinelli, 2011)

O presente texto tem como objetivo compartilhar conhecimentos que contribuam com processos de formação e autoformação docente a partir da análise coletiva de alguns registros visuais produzidos na C. M. Elza Machado dos Santos – Tia Elza, durante o processo de *verdejamento* da unidade proposto no Projeto Pedagógico Anual de 2019, intitulado *Sustentabilidade na prática: a Creche Tia Elza convida a reciclar, reduzir e reutilizar, semeando o verde por onde passar*. As práticas docentes têm apontado para a potência nos usos de recursos tecnológicos e audiovisuais, sobretudo de registros com dispositivos móveis, como o smartphone, como possibilidade para análise, compreensão, reelaboração e intervenção sobre as próprias práticas e no *II Seminário de Autoformação Docente: o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil?* foi possível perceber esse processo. Os devires imagéticos, em meio à cultura visual contemporânea, abrem caminho para a possibilidade de pensar a alteridade que salienta a relação que envolve tanto o ‘eu’ quanto o ‘outro’, num vínculo de aproximação e transformação mútua. Pensar-praticar com a

¹ Professora e Diretora, Graduada em Letras (UERJ), Especializada em Arte e Cultura (UCAM), Mestre em Educação (UERJ) e Doutoranda em Educação (UNIRIO).

docência, com a natureza, com as crianças e todas as pessoas envolvidas com os cotidianos da Educação Infantil torna-se, então, um movimento de (des)construção de conhecimentos, de transformação e de produção de novas redes de saberes e de fazeres.

Rose (2001) considera que a vida ocidental contemporânea é repleta de referências visuais, incluindo aí o conhecimento científico que cada vez mais se apoia em imagens mais do que em textos. A autora também ressalta que a imagem visual nunca deve ser tomada como inocente, pois ela sempre será construída por várias práticas, tecnologias e conhecimentos. Por outro lado, Tourinho e Martins (2013) dizem que “a cultura contemporânea está cada vez mais sendo regulada e modelada por imagens”, enquanto Campos (2013), ao referir-se à relação humana com as suas imagens, diz que a imagem é uma entidade extremamente poderosa e que por seu poder perturbador, foram inúmeras as tentativas de “domesticação que pretendem sinalizar balizas socialmente admissíveis para a sua atuação.” (p.23)

Não se pode pensar cultura visual sem imagens, considerando a afirmação de Campos (2013) de que

a invenção da fotografia e, mais tarde, do cinema foram acontecimentos marcantes para a história cultural da humanidade, acarretando profundas consequências na forma como concebemos e registramos visualmente aquilo que nos cerca. (e que) esses são apetrechos fundamentais para uma mediação visual do mundo, assistindo propósitos ficcionais, narrativos e estéticos, mas igualmente documentais e científicos. (p.21)

Com a cultura visual podemos (re)pensar nossos olhares e o que está nos constituindo hoje, na contemporaneidade, não só pelas tecnologias digitais às quais temos acesso, mas

entender a *visualidade* como algo que vem desde sempre. Basta pesquisarmos as pinturas rupestres² para percebermos que, à época, já existia uma cultura visual. Na Idade Média, os vitrais³ também eram uma forma de contar histórias com imagens. As narrativas bíblicas, prescindindo da escrita, tornavam-se *visíveis* para aqueles cuja cultura das letras fora negada. Com o advento da modernidade e a ideia da escrita como um saber superior, um saber de quem tem conhecimento em uma relação de poder, as letras foram alçadas a um novo patamar hierárquico.

Em artigo intitulado “Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do “outro”, Castro-Gomez (2005) expõe a ideia de um *projeto de modernidade* que se refere a uma “tentativa fáustica de submeter a vida inteira ao controle absoluto do homem sob a direção segura do conhecimento” cujo pilar é a escrita. Todavia, é inegável que as imagens estão presentes nas relações sociais e, hoje, são veiculadas por inúmeros meios, tais como a internet, os jornais, a televisão, as revistas, os anúncios publicitários etc. Como defende Rose (2007), “cada vez mais, as imagens substituem as palavras e é por esta razão que o interesse pelo campo da cultura visual tem se expandido,” (p.178).

2 Arte rupestre, pintura rupestre ou ainda gravura rupestre, são termos dados às mais antigas representações artísticas conhecidas, as mais antigas datadas do período Paleolítico Superior (40.000 a.C.) gravadas em abrigos ou cavernas, em suas paredes e tetos rochosos, ou também em superfícies rochosas ao ar livre. Disponível em: <<https://www.portaldarte.com.br/pinturarupreste.htm>> Acesso em: 14 jan 2020.

3 O vitral (do francês *vitrail*) é um tipo de vidraça composta por pedaços de vidro coloridos ou pinturas sobre o vidro que, geralmente, representam cenas ou personagens. O vitral originou-se no Oriente por volta dos séculos X e XI. Tendo florescido na Europa durante a Idade Média, os vitrais foram amplamente utilizados na ornamentação de igrejas e catedrais, uma vez que o efeito da luz do sol que, por eles, penetrava, conferia uma maior imponência e espiritualidade ao ambiente, efeito reforçado pelas imagens retratadas, em sua maioria cenas religiosas. Adicionalmente, serviam como recurso didático para a instrução do catolicismo a uma população majoritariamente iletrada. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Vitral>>. Acesso em 14 jan 2020.

Busco, neste texto, então, as pesquisas contemporâneas em cultura visual que estudam

[...] “visualidades” e artefatos visuais compreendidos através de situações e circunstâncias de constante conflito – pelo poder de ver, de ser visto, de controlar o que pode ser visto e, ainda, de organizar campos de visualidades para diferentes tipos de recepção/interação. [...] A diversidade de ideias, abordagens e interpretações é necessária para o crescimento intelectual e sensível não apenas do/a pesquisador/a, mas também de sua comunidade, aprofundando e gerando novos rumos para a reflexão sobre aspectos da investigação. (TOURINHO; MARTINS, 2013, p. 64-74)

Mirzoeff (2018, não paginado) definiu a Cultura Visual como “uma tática para estudar as funções de um mundo abordado por via de imagens de todo o tipo e visualizações, e não através de textos e palavras”, dito de outro modo, a cultura visual é uma tática que tem por objetivo “abrir a teoria e descolonizar o conhecimento” (Idem), mas, para isso, precisamos começar do simples, do familiar, do invisível, do miudinho do cotidiano. É o que está proposto no presente texto.

(In)visibilidades

É comum passarmos pelo mesmo local, todos os dias, e nos acostumarmos com uma imagem, ou uma paisagem, deixando de percebê-la em seu conjunto e, sobretudo, nos detalhes, visíveis e/ou *invisibilizados* pelas nossas práticas culturais. Gumbrecht (2010, p. 22) nos diz que a experiência estética depende da “presença” e do “estranhamento” ao que nos é familiar. Precisamos, então, estranhar, desconstruir e desconstituir o olhar, já fossilizado, para perceber o que está posto, mas que não mais o vemos, pois nos acostumamos ou naturalizamos o que nos *parece familiar*, mesmo que esse familiar não nos faça sentir bem, nos incomode. E o que não nos é familiar? Rejeitamos? Muitos preconceitos e exclusões se originam daquilo que não vemos como familiar, necessitando, portanto, que a experiência e o estranhamento produzam novas condições de visibilidade e inclusão. Como ressalta Campos (2013, p.41), assim como o olhar é fruto da história, a *visualidade* “é um conceito que endereça para a forma como social e historicamente o olhar (ferramenta de percepção) e o visível (percepcionável) são forjados”. Ou seja, a cultura visual e a cultura de uma forma geral como ela é pensada-praticada, dependendo do tempo-espaço, tem um caráter humano de intervenção, em oposição à natureza. Se tudo o que produzimos, qualquer artefato, qualquer objeto, material ou conjunto de modos de vida e costumes de uma época ou grupo social, pode ser descrito como cultural, podemos entender porque tudo o que praticamos depende do tempo-espaço em que estamos vivendo, um tempo histórico não linear, que revela práticas muito semelhantes e ao mesmo tempo completamente distintas umas das outras em vários campos. As práticas docentes, por exemplo, estão sempre em transformação.



Resultado ou efeito de cultivar conhecimentos ou crenças humanas, a área da educação traz a diversidade e as diferenças culturais como lugares de conflito, e de culturas que disputam posições de poder, mas, também, de convergências e aproximações que podem ser percebidas de várias formas nos cotidianos escolares. A visualidade, ou o que está visível ou invisível, independe da nossa visão fisiológica, é uma questão de olhar, de ver, de perceber, de sentir, são hábitos e costumes visuais que praticamos. Campos (2016, p.54) salienta “o quanto a posse de dispositivos de registro ou reprodução visual altera a nossa capacidade de olhar, na medida em que alarga a nossa esfera do visível.” São, então, essas experiências visuais, atravessadas por todos os sentidos, que serão compartilhadas aqui, a partir de fragmentos das conversas realizadas durante o *II Seminário de Autoformação Docente*, com o objetivo de compartilhar olhares e visibilidades com a docência presente⁴ no evento, a partir da análise coletiva dos registros visuais capturados na Unidade Escolar em que o Seminário aconteceu, a Creche Tia Elza Machado dos Santos. Lançar mão de algo bem simples e fazer um (des)dobramento desse simples, disso que o nosso olhar já está acostumado, já viu inúmeras vezes, e refletir com essas imagens, ou com as relações produzidas por e com elas, tornou-se o nosso propósito.

O primeiro registro exibido na TV de 50' disponível para o evento foi o da imagem que serviu como base para a identidade visual do Seminário: um pequeno jardim, que está em construção permanente na entrada da unidade com o objetivo de aproximar as pessoas e criar um local de pausa, convivência e acolhimento, e uma menina brincando com um catavento.

Imagem 1. A menina, o jardim e o catavento.



Fonte: Autora. 2019

A exibição da imagem foi iniciada com a observação de que aquela era uma imagem que todas já haviam visto, pois era a paisagem de entrada da unidade e estava no material de divulgação do Seminário. Propus, então, que o grupo dissesse o que pensava sobre cultura, independente do que eu havia falado no início da apresentação e que dissesse o que essa imagem *provocava*. Ressaltei a importância de não haver certo ou errado no processo, porque no momento em que a gente olha para a imagem, o que a gente percebe ou sente tem a ver com a nossa experiência e os saberes de experiência (LAROSSA, 2002), com as nossas redes, com o nosso conhecimento, sendo válidas, portanto, todas as percepções. A ideia era compartilhar essas percepções porque, às vezes, o que um viu ainda não foi visto pelo outro e, quando há troca, o outro também passa a *ver*. Logo depois que foram feitas as considerações sobre a imagem exibida, uma das participantes perguntou:

Posso falar? Você falou em remeter, essa imagem remeteu à minha infância, isso também faz parte da cultura, né? Porque essa imagem dela (menina) aí me lembrou, eu, quando criança, que tinha a minha avó, ela sempre ensinou a gente a amar a natureza, então, tinha canteiro cheio de plantas, esse aí, hoje, está muito lindo, aí eu me lembrei, hoje, essa criança e essa natureza, que faz parte da gente, da nossa cultura, então, me remeteu à minha infância. Sabe? Eu queria, pela minha avó, minha mãe, que está um pouco ausente, a natureza junto com a gente. Foi uma emoção, agora que eu vi. (Rosa)

Didi-Huberman (2010, p.59) nos diz que “a mais simples imagem nunca é simples, nem sossegada como dizemos irrefletidamente das imagens [...] as imagens inquietam nosso *ver*”. Rosa compartilhou, em meio às lágrimas e à emoção que tomaram conta da sua fala, experiências vividas na infância cujo disparador foi uma imagem do aqui-agora cotidiano da unidade escolar onde atua como Agente de Educação Infantil. O relato fez outras duas professoras de Educação Infantil, participantes do Seminário, compartilharem, também, suas percepções da imagem em consonância com o relato de Rosa.

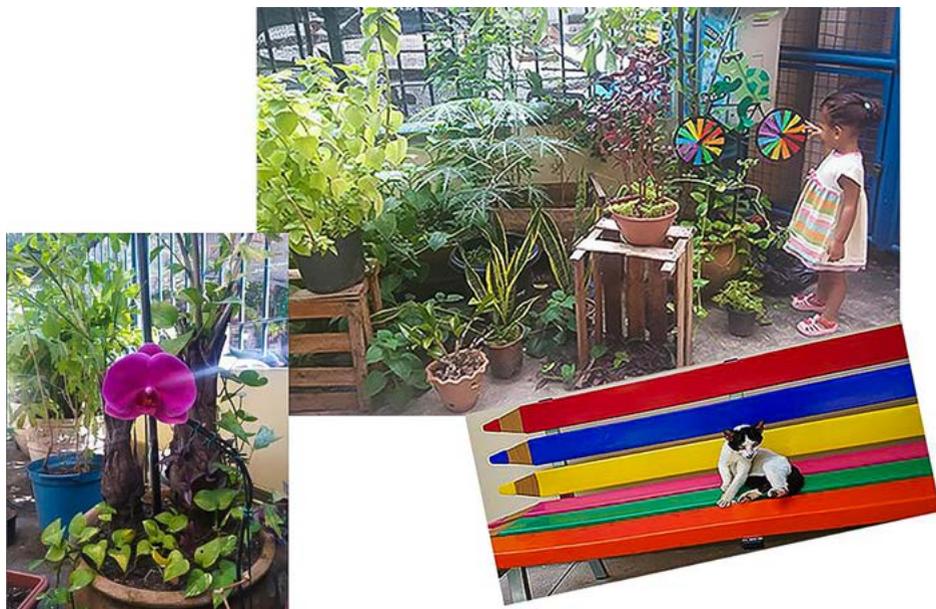
É isso mesmo, essa natureza controlada que a gente trouxe da própria natureza aqui pra dentro [...] remete a outro nível, o que os elementos culturais são capazes de fazer com a gente, nos reequilibrar, de repente, um vasinho desse (planta), essa criança olhando o catavento, isso tudo vai reequilibrando a gente aqui dentro, [...] e essa criança me lembrou isso. Sobre esse controle, vasilhos que a gente pega, que a gente acompanha, que a gente aduba, **isso pra mim é a natureza controlada, mas as emoções não.** (Áurea) (Grifo da autora)

Acho que quando você traz presença, ausência e presença [...] porque eu vejo presença, vejo verde, vejo a criança olhando, mas, quando a Rosa vem com essa potência, a emoção dessa história, dessa cultura, que nós não estamos vendo naquela imagem, então, remeteu a uma emoção, remeteu a algo que nós, aqui, estamos vendo, hoje, agora, na fala dela, a gente consegue ver. O que a Áurea falou, a cultura está aí, a cultura humana, o tipo de planta que a gente colocou, essa plantação, o caixote já representa até uma certa moda que a gente tem agora de aproveitar o caixote (madeira), tornar mais sustentável. (Elma)

As perguntas continuavam, era “apenas” uma fotografia, mas as relações que se produziam com ela eram múltiplas.

[...] a natureza dentro do espaço [...] as escolas extremamente fechadas devido a tanta violência, então, ter um espaço dentro de um universo escolar que remete à natureza é excelente, não só para as crianças, mas pra nós mesmas porque realmente todo mundo olha pra essa imagem, e só em olhar já fica tranquilo. (Ângela)

Ao perguntar se alguém gostaria de acrescentar algo à imagem, para exibir a seguinte, uma voz quase tímida comentou: “isso quando não aparece o gatinho. Quando aparece o gatinho eles (as crianças) ficam encantados - gatinho cadê você?”. Era o prenúncio para o novo registro fotográfico, que ainda não havia sido exibido, mas já permeava aquelas relações cotidianas.

Imagem 2. Composição 1.

Fonte: Autora. 2019.

Na entrada da Unidade Escolar, além do jardim que estava sendo cultivado, ou, de alguma forma “controlado”, como observou Áurea, também havia um banco lápis colorido para compor o ambiente de acolhimento, que recebia visitas de vários gatos que circulavam pela vizinhança e encantavam as crianças, as professoras e todas as outras pessoas que também circulavam por lá.

Então, faz diferença quando acrescento esses detalhes à imagem? Perguntei. “Faz muita!” Foi a resposta quase uníssona que ouvi. Na verdade, continuei, vocês acrescentaram os gatos à imagem (Imagem 2) antes mesmo que eu a exibisse. A presença deles já parece estar com vocês. E se eu acrescento essa aqui? Perguntei, novamente, e inseri um terceiro registro (Imagem 3), incluindo a fachada do prédio da unidade.

“É uma obra de arte!”, alguém comentou. “Mas, não é uma obra de arte qualquer, comum...”

Não. Uma obra que seria de rua, caso ela tivesse um estilo próprio, mas não deixa de ser de rua, é um grafite. Na verdade, a gente já tem outro conteúdo a mais, né? Não é só aquele grafite, é uma obra de arte. Gente, atrás desse desenho todo aí, dessa arte, tem uma campainha, todo mundo reclama, todo mundo querendo tocar a campainha que não funciona, campainha do interfone, porque tem uma outra campainha mais visível lá, e nesse meio, tentei descobrir e não percebi, só as crianças descobrem, as crianças que sabem, elas acham e tocam. (Conversas entre várias participantes).

0Imagem 3. Composição 2.



Fonte: Autora. 2019.

Campos (2013) frisa que,

Observador e observado constituem-se enquanto polos de um processo que é mediado por um dispositivo tecnológico que, de alguma forma, ambiciona retratar visualmente uma situação social. A observação é sempre negociada a partir de um olho mecânico (e digital) que foca, perspectiva e registra fragmentos selecionados no tempo e no espaço. [...] E as fotografias e os filmes expressam aqueles que estão diante da câmera, tal como os que estão por detrás dela. Desse modo, os registros visuais também são vislumbrados como parciais, incompletos ou, se quisermos, ficcionais. (p.36)

A intervenção no muro da Unidade Escolar, que chama a atenção das participantes do Seminário quando olham a composição da imagem, foi realizada por PXE⁵, um artista da comunidade, em 2012. PXE produziu, com imagens, uma integração entre a comunidade, a escola e o asfalto, que é facilmente percebida na composição das casas, incluindo o prédio da UE, com a praia de Ipanema e o Morro Dois Irmãos ao fundo, o que traz um sentido de pertencimento ao grupo.

Uma abordagem crítica da imagem visual necessita considerar um pensar sobre o ‘agenciamento da imagem’, ou seja, na sua capacidade em intervir no mundo, considerando as práticas sociais, os efeitos de suas visões, bem como as especificidades das visões de imagens por diferentes audiências, incluindo a acadêmica, é o que nos diz Rose (2001), enquanto Campos (2013) observa, em relação ao que se vê à distância do objeto, que

5 A arte de PXE está disponível em <<http://streetartrio.com.br/tag/pxe-2/>>. Acesso em 21jan2020.

O olhar e a percepção visual do mundo não são mecanismos lineares, unívocos e transparentes, como uma aparente naturalização do processo, concebido como uma mera operação fisiológica poderia dar a entender. O olhar é 'o que define a intencionalidade e a finalidade da visão' [Aumont, 2009, p.42]. [...] (CAMPOS, 2013, P.40-41)

As imagens acrescentam mais alguma coisa para vocês? Não deixava de indagar, repetidamente. “Acréscenta o espaço de tempo porque as pessoas estão representando esse tempo que está passando, que a gente está atuando, tentando transformar e construir.” Comenta Áurea sobre uma nova imagem exibida com três gerações representadas pela avó, a filha e a neta sentadas no banco lápis, mas que não foi inserida no texto por envolver as crianças e seus direitos de imagem.

Ainda dialogando com Campos (2013) e com as ideias do autor, que crê na potência multivocal e polissêmica dos objetos, contrariando a crença no caráter univocal e unisensorial do objeto em si,

A maioria dos objetos que se apresentam enquanto elementos que comunicam sentido, exigindo uma ação qualquer de decifração, encerram em si potencialidades comunicativas que podem despertar diferentes órgãos sensoriais, numa relação assaz complexa. (p.38)

E o conjunto das imagens? Segui, finalizando com mais uma *provocação*.

Quando a Áurea falou da questão do tempo, a primeira imagem me remete justamente a uma harmonia, uma tranquilidade muito grande, o tempo que a gente se dedica muito mais em criança, esse tempo de encantamento, do que a gente consegue se dedicar hoje em dia, a loucura, a correria da vida de todo mundo e por diversas pressões de todos os lados. Então, o que a gente precisa? Buscar esse tempo pra voltar a perceber esses detalhes, as sutilezas, a delicadeza das coisas, que mesmo no cenário dentro de uma comunidade, como Ângela falou, rodeado de tanta violência, a gente consegue se encantar com o olhar de uma criança com uma plantinha. (Léia)

As palavras de Leia me fizeram lembrar de um momento em que conversava com a responsável por uma das crianças na entrada da unidade. “Ai, tem uma abelha!”, exclamou enquanto olhava o jardim, em um dia qualquer. Logo depois, na sequência da conversa, ela disse que “o jardim está atraindo abelhas.”; “a abelha vai picar.”; “tem que matar.”

Indagada em suas colocações por algumas funcionárias que também estavam no local e achavam lindo ver os “bichinhos que passeiam sobre as plantas”, ao final da conversa, a responsável havia mudado sua fala inicial e seu olhar: “é legal ter os bichinhos aqui!”; “tem borboleta e passarinho!”; “é legal ter a abelha também!”.

Os fragmentos de conversa relatados, durante o Seminário e no encontro cotidiano, mostram como nossos modos de ver, nossos olhares, experiências, percepções e sensibilidades estão em constante transformação. Tornar visíveis elementos antes tomados, *naturalmente*, como fora do campo da *visibilidade* é uma prática que pode ser compartilhada, gerando práticas outras de *sentir* a educação.

Referências:

CAMPOS, R.; BRIGHTENTI, A.; SPINNELLI, L. (Org.). *Uma Cidade de Imagens: produções e consumos visuais em meio urbano*. Mundos Sociais, Lisboa, 2011.

CAMPOS, R. *Visibilidades e invisibilidades urbanas*. Revista de Ciências Sociais – periódico do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC n. 1 (1970) – Fortaleza, UFC, volume 47 – número 1, 2016.

_____. *Introdução à Cultura Visual. Abordagens e metodologias em ciências sociais*. Mundos Sociais, Lisboa, 2013.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”*. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 169-186. (Coleção Sur-Sur).

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução de Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2010.

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, Jan-Abr, 2002, p. 20-28.

MIRZOEFF, Nicholas. *A 'teoria' não são só palavras numa página, mas também coisas que se fazem*. Entrevista a Inês Bezerra Barreiros. 11 jun 2018. Disponível em: <<https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/a-teoria-nao-sao-so-palavras-numa-pagina-mas-tambem-coisas-que-se-fazem-entrevista-com-n>> Acesso em 14 out 2019.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies: an Introduction to the Interpretation of visual materials*. London: SAGE, 2007.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo (Orgs). *Reflexividade e pesquisa empírica nos infiltráveis caminhos da cultura visual. Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação*. RS: Editora UFSM. 2013.

Trabalhos
inscritos
sem
apresentação
no
Seminário



**BRINCANDO COM ELEMENTOS DA
NATUREZA PARA UM MUNDO MELHOR**



BRINCANDO COM ELEMENTOS DA NATUREZA PARA UM MUNDO MELHOR

Agda Oiticica¹

INTRODUÇÃO

Fui professora do Maternal IB, na Creche Municipal Elza Machado dos Santos – Tia Elza, no ano de 2019, e trabalhei com uma equipe composta por duas Agentes de Educação Infantil, uma com Licenciatura plena em Educação Física pela UERJ, cursando *Bebês e Crianças pequenas: concepções e práticas em debate*, na UFF, e a outra graduada em Pedagogia. Penso que o local de trabalho não deve ser apenas o lugar onde as pessoas cumprem suas tarefas e recebem suas remunerações. O trabalho deve ser em um lugar onde existam oportunidades de desenvolvimento profissional, onde seja possível estabelecer ligações interpessoais e haja espírito colaborativo.

Optei por participar do *II Seminário de Autoformação Docente: O que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação infantil?, na Creche Tia Elza*, por reconhecer a importância de ampliar meus conhecimentos por meio das trocas de experiências com minhas colegas, e, assim, aprofundar, também, meus conhecimentos relacionados aos temas debatidos, especialmente os referentes aos campos de experiências na Educação Infantil, presentes na Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018). E, ainda, aumentar a rede de

¹ Professora de Educação Infantil, Graduada em Direito (UNIVERSO) e Especializada em Educação Infantil e Desenvolvimento (AVM).

relacionamentos, já que houve a confirmação da participação de profissionais de outras unidades escolares.

Nos organizamos fazendo pesquisas e planejando diversas atividades relacionadas ao nosso Projeto Pedagógico Anual – PPA de 2019: *Sustentabilidade na Prática: a Creche Tia Elza convida a reciclar, reduzir e reutilizar, semeando o verde por onde passar*. Estávamos preparadas para a apresentação, mas não foi possível participar devido à suspensão dos Centros de Estudos Parciais – CEPs², causando a todas um sentimento de extrema tristeza. O lado positivo é poder, agora, compartilhar nossas experiências com mais pessoas por meio dessa publicação.

Nossa participação no *II Seminário de Autoformação Docente* teria como tema o planejamento do mês de junho de 2019, que tinha como objetivos brincar com a natureza para o desenvolvimento da coordenação motora fina, da criatividade, e chamar a atenção das crianças para formas e texturas com a exploração de diversos materiais como: argila, sementes, pedras, conchas, galhos de plantas, folhas secas, gravetos etc. Mas, como não foi realizada a apresentação oral, trago algumas das atividades e experiências que aconteceram ao longo do ano para compartilhar.

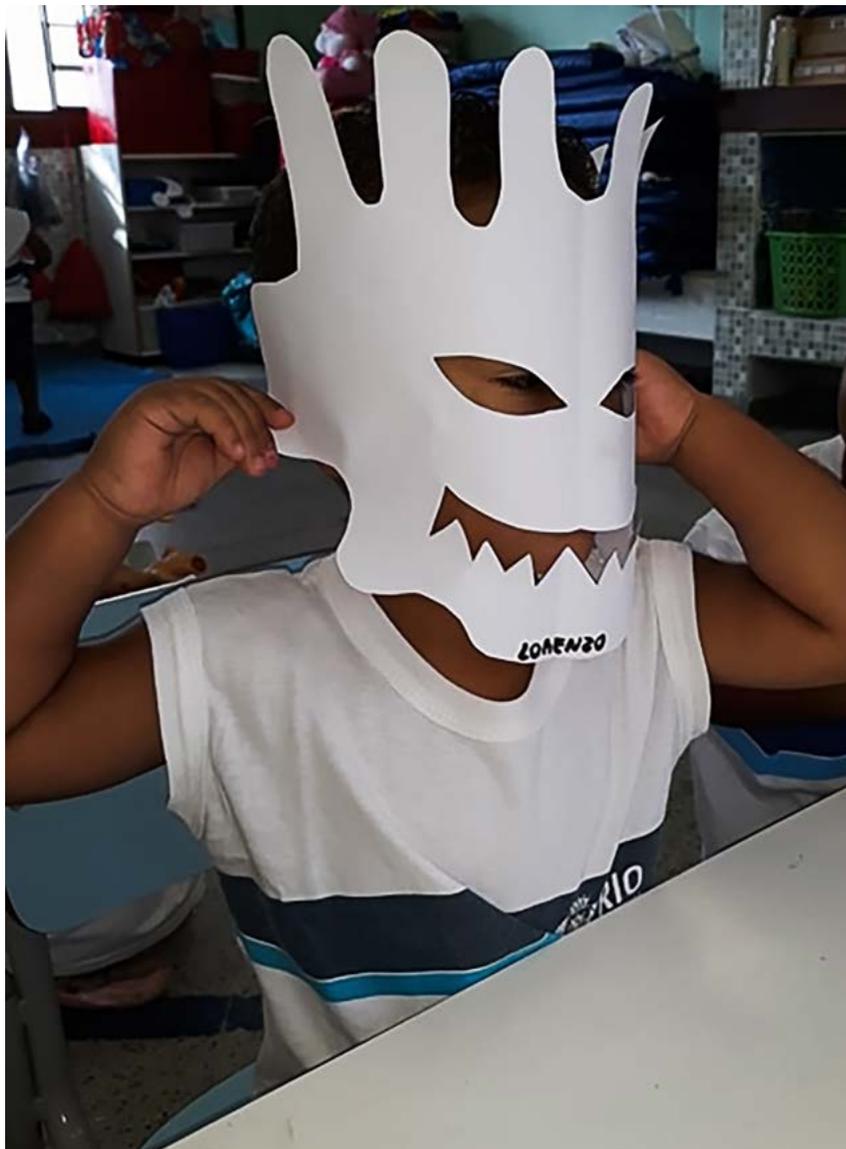
2 CEP – Centro de Estudos Parcial, horário reservado para estudos e planejamentos na unidade escolar, suspenso no final do ano letivo de 2019, conforme Calendário Oficial da Secretaria Municipal de Educação – SME/RJ.

As brincadeiras pedem passagem no maternal IB: vamos brincar?

Iniciamos o ano vivenciando muitas brincadeiras com as crianças do Maternal IB, cuja faixa etária está entre 2 e 3 anos incompletos. Como norte, escolhemos o livro *Vai embora, grande monstro verde!*, de Ed Emberley, já que as crianças têm preferência por personagens como lobo mal e bruxa, que aguçam a imaginação e os levam a outros lugares. Foram feitas colagens em máscaras de monstros com materiais recicláveis. Confeccionamos chocalhos com garrafinhas de refrigerantes e potes de diversos tamanhos, utilizando materiais naturais como feijão, arroz, milho, sementes de girassol e pedras.



Imagem 1. Máscara de monstro.



Fonte: Autora, 2019.

Tínhamos como objetivos estimular a imaginação, desenvolver a percepção auditiva e rítmica, expressar a criatividade por meio de atividades artísticas e proporcionar momentos de liberdade criativa e autoexpressão.

Imagem 2. Colagens com materiais diversos.



Fonte: Autora. 2019.

Como em fevereiro também foi comemorado o Carnaval, houve momentos de dança ao som de um CD de Marchinhas de carnaval, de autorias diversas, e aproveitamos para fazer uma paródia com a música *Mamãe eu quero*, composta por Vicente Paiva e Jararaca, em 1937.

Mamãe eu quero, mamãe eu quero
Mamãe eu quero reciclar
O meu espaço, o meu espaço
O meu espaço pra poder preservar

Mamãe eu quero, mamãe eu quero
Mamãe eu quero cuidar
Do meu espaço, do meu espaço
Do meu espaço pra poder preservar

Vamos todos juntos, vamos todos juntos
Vamos todos juntos pra poder preservar

Foi o maior sucesso, pois fazia referência ao projeto relacionado à sustentabilidade. Confeccionamos fantasias com sacolas plásticas e jornais, que encantaram a turma e todas as crianças queriam vestilas. Como culminância foi realizado o baile *Marchando, Reciclando e Cantando*. Os responsáveis trouxeram as crianças fantasiadas ou com roupas coloridas e passamos o dia visitando os espaços da Creche, sempre cantando e chocalhando. No parquinho, um dos espaços para brincadeira, houve um momento muito emocionante quando as crianças dançaram ao som do instrumento musical Bongô³. Elas também puderam interagir com outras turmas, como o Maternal IA, da mesma faixa etária, que foi à nossa sala e

3 Instrumento musical de percussão composto por dois pequenos tambores unidos entre si. Há controvérsias sobre a origem dos bongôs. Curiosidade: O professor de música e percussionista José Cunha de Oliveira Mourão, o Mestre Boca, transforma tábuas de carne em bongôs, ensino musical associado ao trabalho de consciência e defesa dos recursos naturais. Disponível em <https://www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/cultura/lixo-vira-mat%C3%A9ria-prima-para-fabrica%C3%A7%C3%A3o-de-instrumentos-1.278156.html>

todos dançaram com muita alegria. Já no refeitório, especialmente preparado para o baile, a turma do Maternal IIA, com crianças entre 3 e 4 anos, chegou com seu bloco *Todos contra a Dengue* e nossos alunos relembrou uma outra atividade, do *cineminha*, que utilizou o vídeo *Zum, Zum, Zum...*, com composição de Serginho Vilem, criando uma relação entre memória, imagem e escuta. O Carnaval faz parte do nosso planejamento por entendermos que a Cultura Brasileira é extremamente rica, consistindo, assim, em manifestações autênticas da cultura popular, por isso é considerável conhecer suas raízes e influências. O carnaval nos lembra alegria, fantasia, música e remete-nos ao brincar junto, proporcionando e valorizando a convivência, o coletivo, o relacionamento com o outro. A BNCC diz que a *intencionalidade*

consiste na organização e proposição, pelo educador, de experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica, que se traduzem nas práticas de cuidados pessoais (alimentar-se, vestir-se, higienizar-se), nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. (BNCC, 2018, p.39)

Demos continuidade ao projeto, que denominamos de *Cuidados com o ambiente. Diga não à Dengue!*, construindo um circuito para que as crianças pudessem vivenciar concretamente os cuidados para evitar a proliferação do mosquito. Para isso, utilizamos três mosquitos desenhados em papel A4 e materiais recicláveis, pote de sorvete, bambolê e lata de leite, que representaram, no jogo simbólico, respectivamente, a caixa d'água destampada, o pneu e a lata aberta com água suja. Cada criança era convidada a realizar a limpeza do ambiente, onde primeiro retirava o mosquito de dentro

da caixa d'água e a tampava; depois retirava o mosquito de dentro do pneu e o limpava; e, em seguida, retirava o mosquito de dentro da lata, limpando, jogando fora a água suja e tampando a lata.

A Literatura Infantil nos convidou a desbravar outras trilhas e, abrindo espaço no nosso planejamento, nos propomos a investigar e conhecer um pouco mais os mistérios da natureza. Que surpresas viriam? Para isso, foi preciso *viajar com a sementinha*, de Regina Sigemoto, e, no meio do caminho, conhecer *O bosque encantado* de Ignácio Sanz, além de outras histórias instigantes. Nesse caminhar, fomos vivenciando o contato com a natureza, explorando seus elementos, reaproveitando materiais, conversando sobre a importância do cuidado com ela. Sabemos do quão fundamental é que as crianças tenham experiências concretas.

Conforme ressalta Tamassia (2018),

para organizar as experiências concretas da vida das crianças e seus saberes com os conhecimentos que fazem parte do nosso patrimônio cultural, a BNCC traz um arranjo curricular distribuído em campos de experiências, baseados nas Diretrizes Curriculares Nacionais, sendo eles O eu, o outro e o nós; Traços, sons, cores e formas; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações; Escuta, fala, pensamento e imaginação. (não paginado)

O primeiro foi a base para a realização da atividade *O feijão é uma semente! Vamos plantá-lo?* As crianças colocaram primeiro o algodão dentro do copo descartável, depois alguns feijões, e, por fim, um pouco de água.

Imagem 3. Plantando sementes.



Fonte: Autora, 2019.

Foi muito gratificante poder observar os múltiplos sentimentos estampados nos rostos dos pequenos, teve quem colocasse a água na dosagem certa, quem fez o copo transbordar e molhar o chão e até quem se recusou a colocar água com receio ou insegurança, necessitando ser acarinhada e ajudada. E não parou por aí! Todos os dias, durante a semana, todos puderam observar o crescimento das sementinhas.

Segundo Kishimoto,

Respeitar o meio ambiente significa não jogar papéis e brinquedos pelo chão e aprender a preservar os recursos naturais: usar os materiais sem desperdiçar, reutilizar materiais, como caixas, copinhos de iogurte e garrafas de plástico para construir brinquedos. Ao brincar com coisas que conhece, que aprendeu com a família e amigos do seu grupo étnico/racial, a criança aprende a construir sua identidade e compreende que outras crianças brincam de forma diferente. (2010, p.13)

Ao longo dos meses, priorizamos, em nosso trabalho, o cuidado com a natureza, utilizando, também, o livro *João da Água*, uma lenda budista recontada por Patrícia Engel, que conta a história de um menino que precisa buscar água em latões para sua mãe cozinhar, mas como um de seus latões está furado muitos de seus amigos riam, pois ele deixava uma marca de água por onde passava. Mas, o menino não se preocupava, mesmo sendo ofertado um galão novo, agradecia e dizia: - meu galão está ótimo. Ao final da história, João mostra que de um lado do caminho existem lindas flores, verdes e cuidadas, enquanto do outro lado apenas terra. Isso aconteceu por que seu galão furado regava as plantas todos os dias. Esse livro nos ajudou a aproximar as crianças de nosso pequeno jardim que temos

cultivado na entrada da creche, buscando cuidar e regar todos os dias para que nossas flores se mantenham sempre verdes e bonitas, mas, também, acompanhando o processo que as plantas passam, como por exemplo, perderem suas folhas no outono. Assim, vamos por meio de nosso jardim, construindo práticas sustentáveis com nossas crianças e famílias.

Em meio a tantos brinquedos eletrônicos chamativos aos olhos das crianças, as brincadeiras ao ar livre, o contato com a natureza não podem ser esquecidos, especialmente na infância. Por isso, nosso planejamento nos levou a refletir sobre a importância do brincar ao ar livre para o desenvolvimento da criança e os benefícios que esse efeito proporciona. A criança vai percebendo diversas possibilidades à sua volta, nas cores, texturas e, assim, vai construindo contato com a natureza e compondo novos sabores. Ela compreende que a natureza interage com ela e vai entendendo que, da mesma forma, é responsável pelo seu cuidado e respeito. Nessa imersão na natureza, fomos ao encontro de vários personagens, como o Curupira, o protetor da floresta, e tivemos a curiosidade de imitá-lo. Para isso, desenhamos circuitos em linhas com fitas crepe e andamos para trás, em linha reta, tentando se equilibrar, percebendo que não era fácil, mas que ajudamuito na coordenação motora e no movimento corporal. Coitado do Curupira! As crianças estavam encantadas com os personagens da floresta e também com nosso pequeno jardim, e isso se refletia nas conversas, no olhar, ao ver os livros, revistas, vídeos, pois remetiam ao que estava sendo vivenciando. Um belo dia, uma criança chega na sala com um pequeno bichinho, o que causou curiosidade em todas, logo queriam pegar, investigar minuciosamente. Percebendo o interesse do grupo, sentamos e perguntamos: o que isso? Logo a criança respondeu: - Minha vó disse que é um percevejo. Aproveitamos para conversar sobre a importância de devolvermos o bichinho para a natureza, já que lá é sua casa. E assim fizemos, devolvendo-o para o jardim

da Creche. Com a experiência, construímos nossos planejamentos seguintes investigando os bichos de jardins.

Como a literatura se faz presente no nosso cotidiano, o livro *O Mundinho e os Bichinhos de Jardim*, de Ingrid B. Bellinghausen, e *Um Som... Animal! Animais do Nosso Entorno*, de Lô carvalho, com Ilustrações de Ana A. Sigaud, foram excelentes meios para continuarmos nossas investigações. Conhecemos as minhocas, grilos variados, caracol, tatu, tatu-bola e joaninha, e também nos utilizamos de outras linguagens, ampliando, assim, as possibilidades de investigação, como o desenho, pois cada um, à sua maneira, desenhou seu bichinho favorito. Depois construímos um grande *Jardim Sensorial* usando plástico bolha, celofane, papel corrugado, pedras brancas e marrons, sementes de feijão e abóbora, embalagens de ovos, papelão, plástico, gravetos e lixas de parede.

Imagem 4. Construção do Jardim Sensorial.



As crianças têm encanto pela natureza e os jardins despertam a atenção por ser um espaço colorido, vivo, cheio de plantas e povoado por bichinhos que despertam fascínio e curiosidade. É fundamental que a criança, desde pequena, compreenda a importância dos animais para o meio ambiente, respeitando-os e preservando-os. A criança cresce e se depara com fenômenos e objetos novos, percebe que ocorrem mudanças fundamentais no mundo. Este processo de reorganizar ideias modifica o pensamento, pois a natureza disponibiliza inúmeras possibilidades de aprender.

Conclusão

Concluimos que as brincadeiras infantis fazem parte das nossas tradições, de nossos hábitos e celebram o que há de mais genuíno em uma cultura. Assim, a reflexão que fica é que a sustentabilidade, em minhas práticas, é ampliada e que as crianças exploram o mundo de muitas maneiras,

[...] vendo casas, prédios, morros, florestas, árvores com flores e frutos, pássaros, animais, nuvens, céu, plantações, rios e riachos, jardins, ruas, bueiros, lixos, fumaça das fábricas, mangues, supermercado e carros. E, dessa forma, brincando sozinha ou com seus amigos, vai compreendendo o mundo em que vive, cuidando em preservar a natureza, sem desperdício dos recursos naturais. (KISHIMOTO, 2011, p.13)

Referências

BELLINGHAUSEN, Ingrid B. *O Mundinho e os Bichinhos de Jardim*. São Paulo: DCL Editora. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular - BNCC*. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf. Acesso em: 10 abr 2020.

CARVALHO, Lô. *Um Som... Animal! Animais do Nosso Entorno*. Ilustrações de Ana A. Sigaud. São Paulo: Bamboozinho Editora. 2013.

EMBERLEY, Ed. *Vai embora, grande monstro verde!*. São Paulo: Editora Brinque-Book. 2009.

KISHIMOTO, Tisuko. *Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais*. Belo Horizonte. 2010.

MARTINEZ. Regina Sigemoto. *A viagem da sementinha*. Rio de Janeiro: Paulinas. 13ª edição. 2007.

RIO DE JANEIRO. C.M. Elza Machado dos Santos – *Tia Elza. Projeto Pedagógico Anual – PPA. Sustentabilidade na prática: a Creche Tia Elza convida a reciclar, reduzir e reutilizar, semeando o verde por onde passar*. Disponível em <<https://crechetiaelza.blogspot.com/p/ppa.html>>. Acesso em 20 mar 2020.

SANZ, Ignácio. *O bosque encantado*. Ilustrações de Noemí Villamuza. Tradução de Diego Ambrosini. São Paulo: Editora: Macmillan. 2013.

SECCO, Patrícia Engel. *João da Água*. Fundação Educar Dpaschoal. 2007.

TAMASSIA, Silvana. *A BNCC e os campos de experiência da Educação Infantil*. Disponível em: <https://www.eloseducacional.com/educacao/a-bncc-e-os-campos-de-experiencia-da-educacao-infantil/>. Acesso em 11 abr 2020.



**REFLEXÕES E RESSIGNIFICAÇÃO
DA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE**

REFLEXÕES E RESSIGNIFICAÇÃO DA MINHA FORMAÇÃO DOCENTE

Graciele Andrade Rangel¹

O presente trabalho visa elucidar a importância da formação docente na Educação Básica, tendo como recorte as minhas experiências na Creche. Na atualidade, as informações sofrem mudanças a todo tempo. Hoje, entendo que o professor não é mais o detentor do saber, os alunos não apenas ouvem, mas são participantes na construção do próprio conhecimento. Desta forma, é imprescindível que o educador reflita, investigue e pesquise a sua prática para que possa aprimorar suas competências, atualizando-se continuamente frente às evoluções, buscando, sobretudo, promover aprendizagens significativas e de qualidade junto aos seus pares e alunos.

Meu primeiro contato com a Educação Infantil se deu em uma creche comunitária conveniada com a Prefeitura do Rio de Janeiro, situada no Complexo do Alemão, e que atendia 50 crianças na época, entre os anos de 2007 a 2013, uma turma de maternal I e outra de maternal II, com crianças de 2 anos à 4 anos, minha formação era apenas o Ensino Médio e quando comecei a trabalhar achava que esta formação era o suficiente, mas com o passar do tempo, percebi que minhas práticas eram repetitivas, as mesmas cantigas, os mesmo jogos, assim entendi que precisava trocar com meus pares para que pudesse desenvolver um bom trabalho e desta forma ampliar meus conhecimentos de como saber lidar com crianças pequenas e suas especificidades.

¹ Professora de Educação Infantil, Graduada em Pedagogia (UERJ) e Especializada em Neurociência Pedagógica (AVM).

A princípio houve compartilhamentos das práticas, rotina, mas logo em seguida, estes assuntos pareciam acabados e caíamos nas mesmas práticas, pois naquela unidade só havia duas turmas. Assim, acabei me acomodando com práticas repetitivas, as mesmas cantigas, atividades pedagógicas, a forma como víamos os responsáveis, de não serem nossos parceiros e aliados em prol de uma educação de qualidade, pois acreditava que encontravam na instituição um modo de deixarem seus filhos para ter um descanso. Além do pensamento em relação aos afazeres, a comunidade escolar, entre outras práticas, algumas não tão adequadas, apesar da intenção de ser, como por exemplo: não respeitar a vontade da criança quando dizia que não queria fazer atividade com tinta, não dar opções de outras cores, todas as árvores da mesma cor, embora a creche fique situada em uma área arborizada e era possível ver na natureza plantas de cores variadas.

Com o decorrer dos tempos, a compreensão de que necessitava de formação, novos afazeres, outros olhares sobre Educação foram aumentando, principalmente quando discordava de algumas ordens, práticas que não achava necessárias, como trabalhar todas as datas comemorativas, que apareciam naquele único dia no planejamento, e as crianças deveriam sair com fantasias ou lembrancinhas confeccionadas em e.v.a/papel e deveriam estar perfeitas, sem estar tortas ou picotadas muitas vezes passávamos horas fazendo este trabalho e não eram raras as vezes que passávamos pela rua e encontrávamos a tal “lembrancinha” jogada, era perceptível que não havia sentido para elas daquelas datas, mas meus argumentos não pareciam suficientes para que a gestora entendesse meu ponto de vista.

Deste modo, busquei melhor compreender os nossos projetos, passei a perguntar para algumas amigas, que são professoras, o que faziam com as crianças em determinadas situações de

“mal comportamento”, de perguntas inusitadas, como atingir determinados objetivos propostos, elas até alcançavam muitos dos objetivos, mas a maioria, assim como eu, não sabia explicar, ou seja, embasar os nossos discursos e propostas, ou até nossas visões contrárias a algumas práticas, assim tudo decorria por meio do instinto e das vivências que tivemos com outras educadoras que por ali passaram e exerceram anteriormente a função, não que fosse errado, uma vez que os saberes/fazeres na Educação Infantil são de suma importância, mas todas naquela instituição haviam parado de buscar outros modos de fazer, de experienciar outros espaços formativos.

Mesmo não sabendo como transformar minha prática, já que, hoje, percebo o nascimento do “embrião” de meu descontentamento e questionamentos, embora ainda fosse, por uma questão que entendia como gastos desnecessários, mas, não avançava ainda para refletir sobre a questão pedagógica. Entrelacei contatos com mais professores, descobri algumas revistas e alguns textos soltos que falavam sobre Educação Infantil, atividades propostas, concomitantemente, com a Lei de Diretrizes e bases que regem a educação (1996) que me ajudaram a compreender melhor sobre esse tema, mas ainda assim almejava mais, foi quando abriu concurso para Agente de Educação Infantil que comecei a conhecer o acervo com os documentos, diretrizes, leis voltadas para este segmento, muitos destes materiais nunca havia ouvido falar.

Anteriormente, não havia tido contato com esses materiais, não pela falta de interesse, mas pela falta de conhecimento e acesso a informação de forma clara e objetiva. Sou moradora do Complexo do Alemão e nesta época não tinha computador, a internet ainda não chegava a todos, o meio mais utilizado para conseguir tais materiais eram as *Lan houses* que cobravam caro, principalmente para imprimir algo, uma vez que nesse espaço era difícil estudar,

pois era também um lugar “novo” que outras pessoas iam para jogar online e acessar o Orkut², porém mesmo diante dessas dificuldades, consegui imprimir alguns materiais de estudo como o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (1996).

Contudo, mesmo estudando para o concurso e tendo conhecimento dos documentos e leis para a Educação Infantil, continuava achar normal ter estagnado a minha formação, uma vez que não era cobrado além, estava dentro do padrão local. Foi quando minhas irmãs começaram a me questionar por que não faz uma faculdade, pois era o sonho delas cursarem uma faculdade pública e quando conseguiram, passaram a incentivar todos à sua volta. Minha irmã, Monike, me inscreveu no vestibular, não me achava capaz, afirmava que meu ensino tinha sido fraco e que aquele espaço não era pra mim, e nem sabia o que gostaria de cursar, não fui educada e incentivada a fazer o ensino superior, ela me acalmou e disse para pensar nesse assunto depois, que apenas fizesse a prova e mesmo em conflito e sem acreditar na minha capacidade fiz a prova. E quão grande foi a surpresa e alegria de ver meu nome na lista e saber que tinha passado na primeira fase, e aí não teria mais jeito deveria escolher um caminho para trilhar, a princípio pensei em biblioteconomia, por gostar de livros, porém só isso não bastava, no entanto minha irmã me sugeriu pedagogia, por achar que já tinha perfil, gostava de estar com crianças, gostava de ler e já estava na área.

Acatei o conselho, fiz a segunda prova e para meu total entusiasmo passei na segunda fase, caí de paraquedas na faculdade, nunca antes havia estado nesse espaço, não fazia ideia de como eram

2 Orkut foi uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de janeiro de 2004 e desativada em 30 de setembro de 2014. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google. O alvo inicial do orkut era os Estados Unidos, mas a maioria dos usuários foram do Brasil e da Índia. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>. Acesso em 19 mar 2020.

as aulas, as dinâmicas daquela instituição, comecei achando que os assuntos não tinham nada a ver com minhas práticas, e custou um pouco a entender os conceitos e porque era importante saber a história da Educação no Brasil, por exemplo. O primeiro período foi um pouco desestimulante, pois não reconhecia minhas práticas e o que eu fui buscar ali, pois estavam focados na teoria, mas com o avançar dos períodos, a aproximação entre a teoria e a prática foram acontecendo, as apresentações, os seminários, palestras, trabalhos em grupos, contribuíram e foi alargando o meu olhar, descobri novos conceitos e ideias de fazer a Educação Infantil.

Comecei a dizer dos espaços que nunca havia ido antes como: museus, centros culturais, assim como levar textos, falar sobre o que estava estudando/aprendendo com minhas amigas de trabalho, saber dizer a explicação do porque as crianças menores levarem tudo à boca, a importância das brincadeiras ao ar livre, do significado das diferentes atividades ao longo do dia, saber quais os direitos das crianças, os meus deveres enquanto educadora, o que discordava das nossas práticas e projetos, tudo isso foi acrescentando em mim a vontade de saber mais, compartilhar, debater. Levei algumas propostas pedagógicas que vivenciava nestes ambientes formativos para a creche, mesmo quando deixei de trabalhar lá, pois fui trabalhar como contratada da Prefeitura como Agente de Educação Infantil. Afinal, queria compartilhar com todos os novos conhecimentos adquiridos. Kramer aponta que:

A formação é necessária não apenas para aprimorar a ação do profissional ou melhorar a prática pedagógica. A formação é direito de todos os professores, é conquista e direito da população, por uma escola pública de qualidade. Podem os processos de formação desencadear mudanças? Sim, se as práticas concretas feitas nas creches, pré-escolas e escolas e aquilo que sobre elas falam seus profissionais forem o ponto de partida para as mudanças que se pretende implementar. (KRAMER, 2005, p. 224)

Assim foi se formando a minha identidade enquanto educadora. Terminei a faculdade, mas continuei me nutrindo de várias fontes, lugares e experiências que me são muito queridas como a Casa Daros³, que foi um espaço cultural de Arte e Educação onde tive acesso a exposições, materiais diversificados para trabalhar na Educação Infantil, alguns em que eu nunca havia pensado como aprender/brincar com a sombra, desenhar com água no chão, na parede, utilizar caixas e corpo como suporte, debater dúvidas e anseios do meu cotidiano com arte-educadores, psicólogos, artistas, professores do mesmo e de outros segmentos, um ambiente acolhedor e de afetos, onde cada encontro era preparado instalações pensando nas pessoas que ali estariam e nas propostas do dia.

Imagem 1. Luz e sombras.



Fonte: Arquivo FRESTAS. Ano: 2015.

3 A Casa Daros foi um espaço de arte, educação e comunicação, que ocupou um casarão neoclássico do século XIX, preservado pelo Patrimônio da cidade do Rio de Janeiro. Projetado pelo arquiteto Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831-1912), localizava-se num terreno de mais de 12 mil metros quadrados, em Botafogo, Rio de Janeiro. A instituição cultural abriu ao público em março de 2013 e encerrou suas atividades em dezembro de 2015. Disponível em: <http://carioca.rio.rj.gov.br>. Acessado em 19 mar 2020.

Imagem 2. O corpo como suporte.



Fonte: arquivo-pessoal Ano: 2014.

Outro lugar muito importante para mim é o Grupo de Pesquisa FRESTAS⁴ do qual faço parte há algum tempo, espaço de afetos, companheirismo, nutrição, de trocas, debates, apoio que pesquisa a Infância, Arte e Natureza, que é pensado em nós professores, que me faz desejar ser uma pessoa melhor a cada dia, nas minhas vivências, no meu trabalho, um refrigério que me permite após um dia cansativo desejar estar ali para pensar em uma Educação outra. Diferentemente desse espaço, é possível perceber que a grande maioria das ofertas de formação são oferecidos no momento que temos que estar cumprindo carga horária, outro obstáculo são a quantidade de vagas oferecidas nesses espaços que infelizmente são poucas, é um desafio grande encontrar formação que nos contemple tanto fora como dentro da nossa unidade escolar que

⁴ Grupo criado em 2014, visando pensar a formação e ressignificação do educador sob a ótica dos saberes, trocas, arte e sentidos.

seja de qualidade, que propiciem e seja fonte contínua de pesquisa do professor.

Por fazer parte do FRESTAS e das experiências vividas nos espaços de formação, percebo o quanto ela se faz necessária, uma vez que me incita a sair do meu lugar de conforto e mesmo do comodismo, me ajuda a perceber os engessamentos do cotidiano, uma formação que é alimentada consegue contagiar outras pessoas e conseqüentemente me faz estar motivada, isto me mostra o quão importante e necessária é a formação continuada e porque devemos buscá-la mais a cada dia. Entendo-a como essencial e não como uma obrigação a ser cumprida, uma vez que me instiga a ter objetivos e vão de encontro as minhas dúvidas e anseios, penso que esta é uma fonte rica e inesgotável para o melhor aprimoramento no meu trabalho, mas principalmente como instrumento de transformação social.

E com este entendimento, fui convidada a participar do Seminário na Creche Municipal Elza Machado dos Santos – Tia Elza, e fiquei surpresa, ao perceber que esta foi a primeira participação de formação docente em lócus que pude participar sem ser a Jornada Pedagógica da Educação Infantil, formação oferecida pela Secretaria Municipal de Educação – SME/RJ⁵. E foi este espaço que me trouxe outro olhar e também muitos questionamentos. Nas apresentações pude observar quantas riquezas podemos encontrar na porta ao lado, muitas experiências vivenciadas, vislumbrar o afeto ao falar do trabalho desenvolvido nas minúcias que as crianças trazem no dia a dia, enxergar que muitos ainda mantêm viva a esperança de uma educação de qualidade, o desejo de afetar o outro, de se aprimorar

⁵ A Jornada Pedagógica é uma ação de formação para todos os profissionais de Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Ela promove o múltiplo desdobramento das ações de formação continuada desenvolvidas pela Gerência de Educação Infantil da SME-Rio. Disponível em <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/busca?mult=&cat=&tip=&proj=15071&txt=>. Acesso em 19 mar 2020.

a cada dia e, principalmente, o quanto essa educação outra vem se mantendo ao longo do tempo, não deixando se engessar com as adversidades cotidianas.

Frente a isso, observei que as experiências compartilhadas ao longo da história dessa unidade escolar mantém um processo contínuo, organizado e sustentável em suas práticas, e tal processo é reflexo da busca de formação destes docentes que durante os seus percursos vieram se desenvolvendo profissionalmente e aperfeiçoando os modos de fazer, viver, compreender a realidade local, as demandas e transformações sociais que operam sobre o contexto da sala de aula.

Nesse contexto, algumas questões me atravessaram: o quanto conheço do trabalho que estão sendo desenvolvidos nas salas da minha unidade? Por que há uma supervalorização de trabalhos e formações de “fora” em detrimento das unidades em que estamos lotados? Como fazer com que minhas práticas sejam conhecidas/debatidas e compartilhadas em lócus de forma interessante, agradável, sem julgamentos, mas como forma de gerar questionamentos e reflexões para desenvolver meu trabalho?

O II Seminário de Autoformação Docente: o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil, realizado em 2019, veio ao encontro dos meus questionamentos e apontam pistas de percursos que possam aprimorar a minha trajetória na educação, uma vez que esses encontros trouxeram reflexão e enriquecimento, que reconhece os docentes, assim como seus saberes e o que tem a oferecer e contribuir para a educação de um modo geral. Vale ressaltar, que acompanhei o trabalho realizado no Berçário da Creche Municipal Elza Machado dos

Santos – Tia Elza durante o período de um mês, acompanhando de perto o desenvolvimento dos bebês, a forma como eram acolhidos, percebidos ao longo do dia, as relações entre docentes e seus pares, assim como a comunidade atendida, constatei as interações e os esforços para uma formação com sentido e a busca para transformar o espaço escolar em um lugar enriquecedor e de potências. Nóvoa (1992, p. 28) corrobora com este pensamento ao apontar que:

A formação não se faz antes da mudança, faz-se durante a mudança, produz-se nesse esforço de inovação e de procura de melhores percursos para a transformação da escola. É esta perspectiva ecológica de mudança interativa dos profissionais e dos contextos que dá um novo sentido às práticas de formação de professores centradas nas escolas.

Nessa direção, detectei uma inversão incomum na realidade em que convivo, onde o campo das pesquisas partem das teorias, aqui as práticas/experiências/o saber e as teorias, o fazer tomou um lugar de destaque, demonstrando que há vários modos de se pesquisar e mostrar o quão importante, necessário, fomentador e desafiador este movimento pode ser. Desta forma, o Seminário enriqueceu muito em minha prática, principalmente nessa imensa rede de educação que é a Secretaria Municipal de Educação – SME/RJ, e, apesar de, atualmente, estar em outra unidade escolar, na Creche Municipal José Vieira da Silva, as experiências compartilhadas aqui, serão norte para uma educação outra em minha trajetória, de olhar aguçado, escuta atenta, registros, planejamentos, ética, seriedade e muito afeto.



Referências

BRASIL. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996.

KRAMER, Sonia. *Profissionais de Educação Infantil: Gestão e Formação*. São Paulo: Ática, 2005.

NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org.). *Os professores e a sua formação*. 1ª Edição. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

**BERÇÁRIO II: NATUREZA, RECICLAGEM E
REUTILIZAÇÃO DE MATERIAIS**





BERÇÁRIO II: NATUREZA, RECICLAGEM E REUTILIZAÇÃO DE MATERIAIS

Julia Gama Andrade¹

Atividades sustentáveis com foco na oralidade

O presente texto trata da apresentação de atividades desenvolvidas com elementos naturais, reciclagem e reutilização de materiais pela turma do Berçário II, da Creche Elza Machado dos Santos – Tia Elza, em 2019, no *II Seminário de autoformação docente: o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil?*

No ano de 2019 trabalhei com a turma de Berçário II, onde, em fevereiro, a criança mais nova, nascida em dezembro de 2018, tinha 1 ano e 2 meses, e a mais velha, nascida em abril, 1 ano e 10 meses. Uma característica dessa faixa etária é que as crianças ou ainda não falam ou falam muito pouco e, geralmente, utilizam expressões faciais e corporais para comunicação. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Infantil: “O desenvolvimento da fala depende das interações sociais, das possibilidades que a criança tem de observar e participar de situações comunicativas.” (2010, p.18) Assim, um dos grandes desafios de ser professora é incentivar a linguagem oral das crianças no dia a dia. A meu ver, os pequenos aprendem a falar falando e, para isso, não se faz necessário utilizar somente atividades voltadas para esse fim, como por exemplo: a chamada, as rodas de conversa, rodas de música e de contação de histórias. Basta que o professor durante as atividades diárias não fragmente o conhecimento. Seu desafio será incentivar a linguagem oral em todos os momentos possíveis e para isso deve sempre ter

¹ Professora de Educação Infantil, Especializada em Educação Infantil (PUC-RIO), Licenciada em Pedagogia e Artes (UCAM) e Graduada em Desenho Industrial/Design (UniverCidade).

em mente seu objetivo de modo a aproveitar as oportunidades comunicativas que sempre aparecem no cotidiano.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil:

Considerando-se que o contato com o maior número possível de situações comunicativas e expressivas resulta no desenvolvimento das capacidades linguísticas das crianças, uma das tarefas da educação infantil é ampliar, integrar e ser continente da fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante. Isso significa que o professor deve ampliar as condições da criança de manter-se no próprio texto falado. Para tanto, deve escutar a fala da criança, deixando-se envolver por ela, ressignificando-a e resgatando-a sempre que necessário. (1998, vol.3, p.135)

Ao ler esse último trecho lembrei-me de Anita², à época com 1 ano e 8 meses. Estávamos em maio, no dia do meu aniversário e as agentes de educação infantil haviam cantado com as crianças uma música comemorativa para mim. No final daquele dia, estava sozinha com Anita, que resolveu fazer um barulhão, bem empolgada. Em princípio não entendi nada, mas ao perceber que a criança batia palmas e o som era semelhante ao da música “Parabéns para Você”, comecei a cantar com ela, emitindo as palavras de forma clara para que ela entendesse.

Na nossa turma, para maior desenvolvimento da fala, associamos os objetivos da ampliação de vocabulário com o foco da nossa Creche atualmente: reutilização de materiais e a natureza. Logo, trabalhos com sucata e a observação de elementos naturais também foram utilizados para tornar as crianças competentes como falantes. Por esse motivo, muitas atividades tinham propositadamente relação direta com a música. A ideia era incentivar as crianças a cantarem, utilizando assim a linguagem oral e a expressão facial e corporal.

No início do ano, com a turma ainda em adaptação, as crianças participaram do bailinho de carnaval onde conheceram fantoches do mosquito *Aedes Aegypti* e bateram palmas ao som de adaptações de marchinhas. Tais adaptações incentivavam o uso de repelente, informavam sobre o perigo do inseto, salientavam a importância de jogar lixo no local correto e valorizavam a reciclagem. Os pequenos reutilizaram garrafas pet para a confecção de chocalhos com sementes diversas e em quantidades variadas. Eles também participaram de atividades onde deveriam recolher e jogar o lixo na lixeira, incentivando também as famílias que estavam presentes.

imagem 1. Lixo é no lixo?



Fonte: Autora, 2019.

Imagem 2. Texturas.



Fonte: Autora. 2019.

Durante todo o ano, também tocamos, cheiramos e falamos com as flores plantadas em vasos autoirrigáveis no nosso andar, plantamos algumas sementes e mudinhas com o intuito de tornar a nossa Creche ainda mais verde e observamos e conversamos sobre o crescimento gradual delas. As crianças quebraram e colaram cascas de ovos secas em atividades artísticas, folhas de revistas e jornais também foram pintadas e amplamente utilizadas em trabalhos diversos. Um desses representando a música “Era uma casa bem fechada”, onde as folhas viraram telhados, portas e janelas das casas.

Imagem 3. Vasos autoirrigáveis.



Fonte: Autora, 2019.

Imagem 4. Plantando sementes, sentindo a terra.



Fonte: Autora, 2019.

Materiais naturais como farinha de trigo serviram como base para massinha de modelar. Lembro-me de músicas que cantávamos com as crianças na hora de amassar os ingredientes e depois na hora de puxar a massa. A farinha também serviu como ingrediente de receitas. Anunciávamos e mostrávamos cada novo ingrediente, chamávamos um a um para incorporar os ingredientes a massa, bem como para a experimentação dos ingredientes. Fizemos 3 bolos durante o ano. Foi uma festa, inclusive nos momentos de degustação.

Imagem 5. Fazendo bolos.



Fonte: Autora. 2019.

O rolinho de papel higiênico foi o reciclável mais utilizado,; ao cortar um pedaço e moldá-lo em formato de folha, serviu para uma atividade coletiva onde as crianças carimbaram folhas em uma grande árvore representando uma música infantil adaptada por mim:

Cadê a água?
As árvores não crescem mais,
Até o girassol murchou,
O lambari morreu,
O sapo se mandou,
Porque o ribeirão secou...
O chala-lá-lá-lá lá ô
O chala-lá-lá-lá lá ô
O chala-lá-lá-lá lá ô
O chala-lá-lá-lá lá ô
O chala-lá-lá-lá lá ô

Imagem 6. Cantando no carro.



Fonte: Autora. 2019.

Os rolinhos também serviram para virar bandeirinhas e com elas, fizemos um trabalho inspirado no pintor Alfredo Volpi³. Nesse momento também sempre buscava a fala das crianças: “Você quer colar mais bandeirinhas?”; “Quer mais uma ou acabou?”; “Para colar bem você tem que bater com a mão aqui. Já bateu?”. Ainda com rolinhos, aproveitamos a música infantil “Pintinho amarelinho” e fizemos um boneco de sucata representando o pintinho, bem como um representando a borboleta presente em outra música infantil. Com o mesmo material, fizemos binóculos de sucata e papel celofane por onde enxergamos o mundo todo amarelado como o pintinho amarelinho. Fizemos coletivamente um jacaré, presente em outras músicas e para isso utilizamos embalagens vazias de ovos. Uma colega sugeriu a confecção de um automóvel com caixa grande de papelão e, com o auxílio das profissionais da sala, as crianças participaram de todas as fases da confecção: passaram cola, colaram jornais, pintaram etc. Claro que, após todos esses trabalhos prontos,

3 Alfredo Volpi foi um pintor italo-brasileiro considerado pela crítica como um dos artistas mais importantes da segunda geração do modernismo. Uma das características de suas obras são as bandeirinhas e os casarios. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfredo_Volpi>. Acesso em 20 mar 2020.

as crianças se entusiasmavam ainda mais em cantar as músicas relativas às produções, mas este automóvel, confeccionado no mês de setembro, além de estimular as crianças a cantarem músicas sobre carros e motoristas, particularmente até por conta de sua configuração, serviu de pano de fundo para várias interações sociais e diálogos.

Relato, agora, um desses momentos em que as crianças interagiram no automóvel de sucata:

Daniel, na época com 2 anos e 5 meses, sentou-se com Paulo, 2 anos e 2 meses, no carrinho e disse para uma criança que estava do lado de fora: “Valeu, tchau!”

Aproveitei para puxar conversa: “Tchau! Para onde você está indo?”

Daniel respondeu: “Com carro ali.”

Continuei: “Você vai com carro?”

- “É. Com carro ali, por ali.”

Questionei um pouco mais: “Você vai colocar o carro ali aonde?” Não obtive resposta, pois nesta hora, Norton, de 2 anos e 4 meses, apoiou o corpo no carro e, enquanto Daniel rodava o volante, disse várias vezes com preocupação: “Carro é minha...” Até que Norton respondeu: “Quero entrar.” Logo depois se afastou, deixando Daniel brincando tranquilo.

Insisti: “Você vai por ali, mas vai fazer o que, passear?”

Ele, então, respondeu: “Passear.” [...] “Por ali.”

Júlio, de 2 anos e 1 mês, aparece na porta e grita: “Bi-bi!”

Daniel responde, enquanto aponta para as pernas e para a toalha presa no gancho da parede da sala de aula: “Ahnnn... A toalha tem que botar aqui.”, apontando para o carro.

Pareceu-me um convite para que Júlio se sentasse no carro usando uma toalha como separação entre eles, mas podemos fazer

outras leituras. Nesse momento, o passageiro aproveita a oportunidade para apertar o local do volante onde estaria posicionada a buzina e diz para Daniel: “Só bi-bi”; “Só bi-bi”. Parecia esclarecer que não queria tomar o lugar do outro como motorista, só queria apertar um pouquinho a buzina. Daniel confirma para o “passageiro”: “Esse, aqui?” E aperta o mesmo local. Aqui, pareceu-me que Daniel estava tentando confirmar o posicionamento da buzina para depois apertar também.

Pensando em outras experiências, lembrei-me de uma criança que gostava de fazer graça e me chamar diversas vezes com uma voz diferente que parecia um uivo e eu respondia imitando-o. Aquilo acabou virando uma brincadeira com toda a turma e por fim, quando um brincava de falar meu nome com voz diferente, todos imitavam em sequência e riam muito. Geralmente esse momento acontecia antes ou depois das refeições, enquanto as crianças estavam sentadas e reunidas às mesas do refeitório.

Em uma ocasião, durante a permanência no solário, espaço externo e aberto com vista para as comunidades do Cantagalo-Pavão-Pavãozinho, aproveitamos para dar “tchau” e falar com passarinhos e aviões quando os mesmos apareciam. Bento balançou a mão e falou: “Tchau!” Logo depois, apontou para o pombo e falou:

“Olha tia, o pombo.”

Aproveitei para perguntar onde é que estava o pombo?

“Tá ali, tá contente ali na casa.” - Respondeu Bento.

Continuei com a pergunta: “Está na casa?”

“É. Cadê ele? Tá ali atrás [...]”

Desta forma, percebemos que até o inesperado pode se transformar em oportunidade para ampliar a comunicação dos pequenos.

Algumas considerações

Ao começar a redigir esse texto, precisei assistir registros em vídeo, feitos durante o ano, com calma e atenção e me dei conta do quanto as crianças evoluíram durante o ano. Lembrei-me de Anita, que em maio, na época com 1 ano e 8 meses, tinha fala incompreensível devido a muitas trocas fonêmicas e que no início do segundo semestre já conseguia chamar alguns amigos pelo nome e sobrenome, demonstrando grande avanço na oralidade.

Muitas vezes é difícil perceber que nosso trabalho também está presente nos pequenos detalhes do dia a dia. Refleti, que mesmo tendo feito um trabalho ligando o PPA 2019, *Sustentabilidade na prática: a Creche Tia Elza convida a reciclar, reduzir e reutilizar, semeando o verde por onde passar*, à oralidade, eu poderia não ter puxado assunto com as crianças no cotidiano. Poderia ter ouvido uma criança falar e ficado quieta, sem buscar por mais informações e sem resignificar a fala da mesma. Aquelas brincadeiras no refeitório poderiam ter sido tolhidas por mim com um pedido de silêncio e com isso perderia grandes oportunidades de comunicação. Oportunidades inesperadas que bem aproveitadas, fizeram com que as crianças falassem cada vez mais e melhor.



Referências

BRASIL, Educação, Ministério e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental; *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/ SEF, 1998. v.3.

RIO DE JANEIRO, *Orientações Curriculares para a Educação Infantil*. Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro, 2010.

RIO DE JANEIRO, C.M. Elza Machado dos Santos –Tia Elza (SME/RJ). *Projeto Pedagógico Anual – PPA*. Sustentabilidade na prática: a Creche Tia Elza convida a reciclar, reduzir e reutilizar, semeando o verde por onde passar. 2019.

AN JOVNA
144

OFICINA SEMENTEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL



OFICINA SEMEITEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Laís Somberg¹
Simone Gomes²*

INTRODUÇÃO

Consciência ecológica, isto é, a consciência de habitar, como todos seres mortais, a mesma esfera viva (biosfera): reconhecer nossa união consubstancial com a biosfera conduz ao abandono do sonho prometido do domínio do universo para nutrir a aspiração de confiabilidade sobre a Terra. (MORIN, 2000, p.76)

Quando se pensa em sustentabilidade na Creche, pensamos em como trazer esse assunto com as crianças e seus responsáveis, como demonstrar de forma simples e direta o que pode ser sustentável, pois existem muitas informações importantes que devem ser passadas para eles como: planejar a economia de água, reciclagem de lixo, realizar projeto para logística de reserva de embalagens de produtos, cuidado com as plantas, a importância do verde etc. Tudo isso está envolvido na questão da sustentabilidade. Com pensamento neste último ponto, no foco das plantas, a presente prática tem por objetivo mostrar uma forma de se trabalhar a importância de cuidar do verde, pois, o que se planta hoje florescerá amanhã, trazendo a ideia do que queremos para nossas crianças no futuro. E elas são o futuro. Se, hoje, elas entendem que cuidar do verde é uma questão primordial, já teremos “plantado” uma semente promissora.

1 Professora Articuladora, Graduada em Fonoaudiologia (UNESA) e Graduada em Pedagogia (UNILEYA).

2 Professora Adjunta de Educação Infantil, Graduada em Pedagogia (UFRJ), Especializada em Gestão de Recursos Humanos (AVM) e em Psicopedagogia e Atendimento Educacional Especializado (UNILEYA).

Como prática de conscientização dessa importância, realizamos uma oficina com as famílias dos educandos, levando-os a uma reflexão sobre a continuidade da vida no planeta, pensando no presente para se construir um futuro mais fraterno e humano. Esse foi o propósito da nossa prática: Oficina Sementeira, realizada no mês de agosto de 2019, que apresentáramos no *II Seminário de autoformação docente: o que vejo nas minhas práticas sustentáveis com a Educação Infantil*, na C. M. Elza Machado dos Santos – Tia Elza, marcado para um dia de Centro de Estudos Parcial – CEP, previstos no calendário da Secretaria Municipal de Educação – SME/RJ, mas que, com o cancelamento das últimas datas, não foi possível. Sendo assim, o presente texto traz, então, nossa prática sustentável “Oficina Sementeira” com o objetivo de compartilhar nossas experiências.

Teoria

Estamos na era da sustentabilidade. A cada dia mais pessoas buscam mudar os seus hábitos para cuidar melhor da Terra, nossa casa. E mesmo que ainda tenhamos um caminho longo pela frente, podemos perceber que cada pequena ação pode ter um grande impacto na recuperação do planeta. É justamente pensando em espalhar esses aprendizados que se torna importantíssima a discussão sobre sustentabilidade na Educação Infantil.

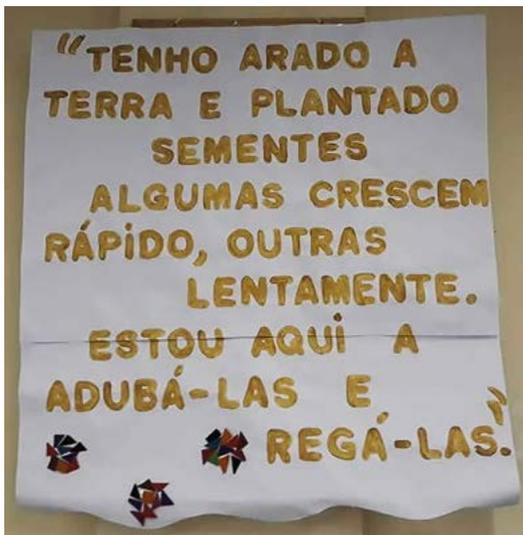
Imagem 1. Plantando amor e carinho.



Fonte: Simone, 2019.

Para podermos colocar temas relevantes de acordo com cada momento da história, a educação precisa evoluir sempre, isso inclui trabalhar sustentabilidade nas escolas. Esse assunto se tornou indispensável devido ao contexto das relações entre as pessoas e o meio ambiente. A sustentabilidade é uma palavra comprida que precisa ter um significado para as crianças. A forma como as crianças atribuem significado é através da ação, ou seja, através de uma atitude que explica a palavra. Ensine pela ação e tenha certeza de que as crianças aprendem e copiam os exemplos. Essa questão da sustentabilidade pode estar em alta por uma razão muito simples: a necessidade de se reestruturar e se ter um futuro. Quanto mais cedo o tema for abordado com as crianças, maiores as chances de despertar a consciência pela preservação. Por isso, a educação para uma vida sustentável deve começar já na Educação Infantil.

Imagem 2. Crianças sementes.



Fonte: Simone. 2019.

Como estamos vendo, essa palavra sustentabilidade está em alta, mas o que ela significa? Ela não é apenas um conjunto de letras que não possuem um significado, mas sim um conjunto de letras que possuem um significado muito forte em nossas vidas. Uma forma de transformar essa palavra em uma ação prática, com um verdadeiro significado é através de incluir este tema a partir do universo das crianças. E essas crianças que estamos falando são dadas desde a Educação Infantil. Pois a importância de se preservar para se ter um futuro deste se começa com as crianças desde muito pequenas.

Na Constituição Federal de 1988 encontramos o princípio da Política Nacional de Meio Ambiente onde diz que o poder público deve promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, pois todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado,

bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (BRASIL, 1988, não paginado)

O objetivo definido pelo Referencial Curricular Nacional (RCNE) é observar e explorar o meio ambiente com curiosidade, percebendo-se como ser integrante, dependente, transformador e, acima de tudo, que tem atitudes de conservação. O RCNEI para a Educação Infantil (1998) possui três volumes. Esse documento faz parte da série de documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ao analisar os três volumes do RCNEI, em nenhum deles encontramos o termo Educação Ambiental. Dos três volumes destacamos o terceiro, onde nele se encontra o trabalho que envolve a questão ambiental, mas como dito não usa o termo educação ambiental. A ausência do termo chama a atenção pois o RCNEI é um documento oficial que passa referenciais curriculares para escolas e creches desenvolverem seus trabalhos, ou seja, voltado para auxiliar ou guiar o trabalho do educador, a elaboração de projetos pedagógicos de creches e escolas de educação infantil.

O RCNE, em seu eixo “Natureza e sociedade”, presente no volume 3, encontramos minimamente os temas que podemos colocar como relevantes ao trabalho da educação ambiental que é o que fazemos quando queremos trabalhar sustentabilidade. A Educação Ambiental é muito mais do que conscientizar sobre o lixo, a reciclagem e a poluição. É trabalhar situações que possibilitem a comunidade escolar pensar propostas de intervenção na realidade que nos cerca. Os componentes da paisagem são tanto decorrentes da ação da natureza como da ação do homem em sociedade. O RCNEI afirma que

“O fato da organização dos lugares ser fruto da ação humana em interação com a natureza abre a possibilidade de ensinar às crianças que muitas são as formas de relação com o meio que os diversos grupos e sociedades possuem no presente ou possuíam no passado. (1998, p.184).

No primeiro volume do RCNEI, onde se encontra os objetivos gerais da educação infantil, vê-se que a preservação do meio ambiente está presente: “observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação”, corroborando com a definição de educação ambiental estabelecida na Política Nacional de Educação Ambiental, que sustenta que “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente”, que é um “bem de uso comum do povo”, e é “essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”. (Idem)

Anos mais tarde foi elaborada a BNCC – Base Nacional Comum Curricular onde se reforça a visão da criança como protagonista em todos os contextos de que faz parte: ela não apenas interage, mas cria e modifica a cultura e a sociedade. Tem por objetivo a partir de um significativo avanço no entendimento de como a criança aprende, oferecer referências para a construção de um currículo, baseadas em direitos de desenvolvimento e aprendizagem bem definidos. E, diferente do RCNEI, ele está dividido em diversas áreas de conhecimento e as diferentes linguagens são integradas por meio dos Campos de Experiências. Parte-se do pressuposto de que a criança aprende por meio das experiências vividas no contexto escolar. E isso é fundamental para a compreensão da sustentabilidade, como será visto mais adiante.

Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. Sabendo dessa importância do meio ambiente, reciclagem e sustentabilidade a C.M. Tia Elza tem trazido não só no ano de 2019, em que foi dado enfoco mais forte ao tema, mas em outros anos esta vivência e ensinamento para as crianças, através de atividades e brincadeiras.

O termo sustentabilidade engloba um conjunto de ações e atividades humanas que podem vir a ajudar a se ter um futuro mais sustentável. Estamos falando tanto em sustentabilidade, a importância da palavra, mas afinal o que é sustentabilidade? A sustentabilidade envolve atender às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade do futuro realizar suas necessidades. Sustentabilidade é um conceito relacionado ao desenvolvimento sustentável, ou seja, formado por um conjunto de ideias, estratégias e demais atitudes ecologicamente corretas, economicamente diversas. Portanto, sustentabilidade é um conceito que está relacionado ao desenvolvimento sustentável, ou seja, formado por um conjunto de ideias, estratégias e demais atitudes ecologicamente corretas, economicamente viáveis, socialmente justas e culturalmente diversas. Um dos preceitos básicos da sustentabilidade é a relação entre as

coisas. As ações de cada um repercutem na família, na escola, no bairro, na cidade, no país e no mundo, ou seja, na sociedade de forma geral. Não podemos analisar em se ter uma sociedade com o foco na sustentabilidade, colocando ela como um peso nas mãos e nas costas de cada pessoa, com um foco na individualidade e nem apenas uma responsabilidade dos governantes, mas sim considerar que cada um de nós é responsável, é participante de um sistema que deve fazer a sua parte para que esse objetivo seja alcançado. A sustentabilidade na escola consiste na aplicação no meio escolar de um conjunto de práticas e ensinamentos voltado para a questão do desenvolvimento sustentável no planeta. Sabendo agora o que é sustentabilidade e sustentabilidade na escola, porque trabalhar o tema com as crianças? Por que a creche C.M. Tia Elza escolheu realizar esse trabalho?

Respondendo a pergunta, são pequenas mudanças que levam a grandes conquistas. Sendo assim, é necessário ensinar sustentabilidade para as crianças, pois quanto mais cedo criarmos a consciência da importância que esse assunto tem, maiores chances de alcançarmos o objetivo de preservar o meio ambiente e se ter destruições desnecessárias. Devemos influenciar nossas crianças para que elas cresçam com a consciência de ter uma vida mais sustentável, conseguindo realizações em seu dia-dia. Com essa ideia em mente e entendendo a fundo a importância da sustentabilidade e que devemos trazer o tema desde a Educação infantil, a Creche Tia Elza vem desenvolvendo ao longo de vários anos e, principalmente, no ano de 2019, o trabalho de ensinar às crianças a jogarem o lixo na lixeira, na cor certa, preparando os diferentes materiais, a importância de não se desperdiçar os alimentos e a cuidar das plantinhas, além de não maltratá-las, arrancando-lhe as folhas, mas, também, a plantar e cuidar de suas plantações. Quanto mais verde tivermos melhor, pois está em nossas mãos fazer escolhas para preservar o planeta. Isso tudo traz para as crianças o conceito da sustentabilidade através

de brincadeiras. Mas, como não basta só ensinar e conscientizar as crianças, fizemos essa oficina com o objetivo de trazer os responsáveis a reflexão para que essa conscientização aconteça junto com as crianças.

O que reforça esse tipo de trabalho nas creches e escolas, de se trabalhar a sustentabilidade, é o fato de que os principais hábitos de um indivíduo são desenvolvidos desde cedo, durante a infância. As crianças estão o tempo todo percebendo o espaço onde vivem. Elas estão atentas a tudo que acontece. Assim, a melhor maneira de trabalhar sustentabilidade com elas é ser sustentável, praticar ações sustentáveis o tempo todo, em todos os momentos da rotina escolar. E o melhor suporte que temos para esse aprendizado é a natureza. Porque ela funciona em fluxo sem fim, conectando e transformando todos os seus elementos o tempo todo.

Brincando coletivamente com a natureza

Na creche, é através da brincadeira, de jogos, de atividades lúdicas que trabalhamos o tema sustentabilidade, pois o ato de brincar auxilia a criança a ter uma compreensão de mundo bem como qual é o seu papel nele. É com ela que podemos chamar a atenção das crianças, criando atividades que envolvem personagens que agem de forma correta em relação ao planeta, e criando brinquedos feitos de material reciclado. Ou seja, atividades lúdicas e brincadeiras nos levam à ação, à prática e é através dessas práticas que elas compreendem, assimilam e conhecem a importância do tema e até podem questionar seus familiares e amigos quanto às suas ações não sustentáveis. Em um momento de atividade em que

aprendia sobre reciclagem, na C. M. Tia Elza, uma das crianças do Maternal II, que inclui crianças entre 3 e 4 anos, relatou que viu a mãe jogar o lixo pela janela, e por conta da atividade, falou que a atitude da mãe estava errada. Também é com a brincadeira que podemos transformar algo importante em interessante e legal, pois só fazemos algo de forma verdadeira, como parte de nossas vidas, se gostamos, principalmente a criança que, com sua sinceridade e franqueza, só realiza com prazer aquilo que gosta. O momento da brincadeira é uma oportunidade de desenvolvimento, de aprendizado, experimentação do mundo, de possibilidades, relações sociais, autonomia e organização de emoções. O principal objetivo da brincadeira é exploração. Para uma criança pequena, tudo é experimento, até jogar e brincar com o prato de comida. E a brincadeira é uma oportunidade para explorar sentimentos e valores, assim como para desenvolver suas habilidades.

Imagem 3. Plantando sementes.



Para o trabalho ser bem desenvolvido é importante que todos da comunidade escolar estejam envolvidos, inclusive os responsáveis. É papel da família incentivar toda essa transformação. Por isso é importante a parceria com a família e que eles também tenham a consciência. Sem essa parceria fica difícil o trabalho de conscientização e transformação, pois o que se aprende na escola pode ter a validade questionada. Portanto, ações que são desenvolvidas na creche devem ser incentivadas em casa.

Parte importante do ensinamento da sustentabilidade na educação infantil pode começar, com os pais dando exemplo para as crianças: jogando lixo no lugar certo, poupando água. A ajuda dos responsáveis, com conversas, e como dito anteriormente, mostrando com ações o que é o consumo e quais os seus efeitos são algumas iniciativas que podem ajudar as crianças a construir um melhor entendimento sobre questões ambientais. Isso tudo pode provocar uma mudança de atitude e comportamento muito positiva. Por isso é tão importante a parceria da escola com a família e da família com a escola, pois é uma via de mão dupla. Saber tanto a teoria quanto a prática sobre sustentabilidade é a melhor forma de se desenvolver uma atitude mais saudável na relação do ser humano como o meio ambiente.

Ao trabalhar esse tema na creche é necessário ter muito cuidado. O desenvolvimento de projeto costuma exigir muito tempo para a realização, por isso, em geral, escolas e creches determinam apenas um período para esse trabalho, como por exemplo uma semana ecológica, mas, isso não é realmente realizar um trabalho de conscientização e sustentabilidade. Isso não é algo que fazemos, pelo contrário, tentamos criar projetos, colocá-los em um Projeto Pedagógico Anual – PPA, para que esse trabalho seja desenvolvido de forma ampla. A *Oficina Sementeira*, por exemplo, foi parte da culminância do PPA no ano de 2019.

Imagem 4. Plantando sementes 2.

Fonte: Simone. 2019.

Esse é um trabalho de sustentabilidade, que não dura apenas uma semana e é esquecido. Ele implementa ações no dia a dia, com outras produções como os vasos autoirrigáveis feitos de material reciclável e a diminuição e o uso de descartáveis, por exemplo. Mas ainda é preciso buscar mais formas de conscientização por parte de todos, pois ainda há projetos que precisam ser postos mais em prática, ou seja, deixar da teoria e passar para a ação, como, por exemplo, a reciclagem de lixo, que apesar de se ter lixeiras para a separação do lixo, isso não ocorre efetivamente, não tendo ainda uma total conscientização por parte de todos. E para se ter essas ações efetivamente não basta a escola ou creche desenvolver atividades, não adianta ter como um dos seus pilares o conceito de sustentabilidade, buscar conscientizar os responsáveis e as crianças a reciclar e reaproveitar materiais se na hora de realizar uma festa, por exemplo, elas utilizarem materiais descartáveis, no lugar de buscar materiais sustentáveis. Uma iniciativa que a Creche Tia Elza tem

desenvolvido e trouxe resultado positivo junto aos responsáveis foi utilizar copos de requeijão em lugar dos descartáveis como parte do trabalho de conscientização.

Enfim, se o tema for abordado com as crianças, maiores são as chances de despertar a consciência pela preservação do planeta e o senso de responsabilidade para com as gerações futuras. Para isso, é importante sensibilizá-las de forma lúdica sobre o uso sustentável dos recursos naturais através de suas próprias ações. Desse modo, é importante que trabalhemos a sustentabilidade no sentido de envolver nossos alunos a partir da conscientização do meio ambiente na creche, resgatando a necessidade de conciliar a teoria com a prática no dia a dia, garantindo, o futuro do planeta e da humanidade de forma lúdica.

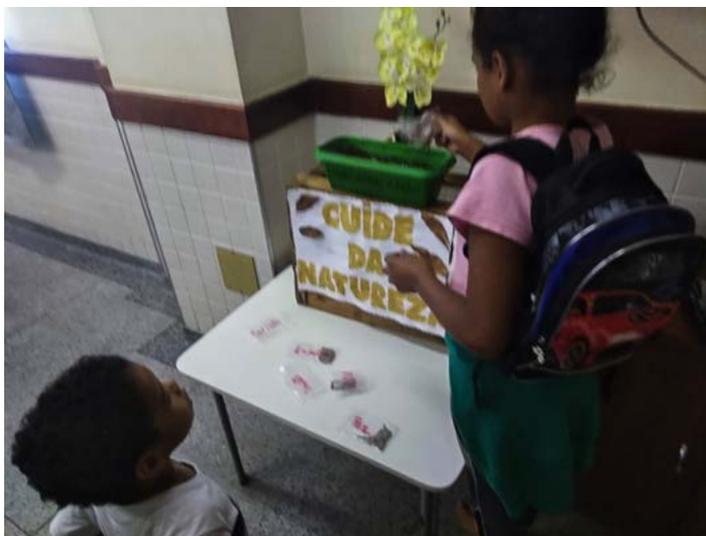
Práticas Sustentáveis: Oficina Sementeira

O Projeto Político Pedagógico - PPA anual da Creche Tia Elza em 2019 foi relacionado a sustentabilidade e, como parte da culminância dos mais diversos projetos gerados em torno dessa temática, foi desenvolvido, em agosto, a *Oficina Sementeira*, onde as turmas do Berçário I ao Maternal II, com crianças entre 1 e 3 anos, convidaram os responsáveis a realizar uma oficina para plantação de sementes.

As oficinas aconteceram ao longo de uma semana, em cada dia uma turma recebia seus responsáveis com a proposta de pensarem sobre a sustentabilidade, mas especificamente sobre a importância do verde. Com a frase “Tenho arado a terra e plantado sementes,

algumas crescem rápido outras lentamente. Estou aqui a adubá-las e regá-las” foi proposta uma atividade de pintura e desenho, respondendo a frase “Gostaria de deixar sementes de: (proteção, respeito, amor, amizade...) para (o nome da criança)”. A proposta era que escolhessem uma das sementes para plantar o que desejavam para seus filhos.

Imagem 5. Plantando sementes 3.



Fonte: Simone. 2019.

Imagem 6. Atividade de pintura e desenho.



Fonte: Simone. 2019.

A plantação foi realizada e mensagens e desenhos em papel foram sendo produzidos. Após, sementes de girassol eram entregues a eles em saquinhos com uma das palavras mencionadas escritas. Foi um momento muito importante e de grande troca entre os responsáveis, a creche e as crianças. Pôde ser visto um verdadeiro empenho dos responsáveis junto às crianças na realização das atividades. Os vasos foram colocados em frente à creche de forma suspensa, onde tanto as crianças quanto os responsáveis pudessem acompanhar o crescimento dos girassóis, e as crianças, além de acompanhar pudessem cuidar deles. Essa ação foi além dos muros da creche onde responsáveis plantaram em suas casas as sementes de girassol e enviaram os resultados através de fotos para as educadoras.

Diante de tudo que vimos aqui, podemos concluir o quanto é importante trazer para as crianças o verde e valorizá-lo. A *Oficina Sementeira* foi um grande exemplo de quanto é importante a parceria entre a Creche, os responsáveis e a comunidade. Isso é algo muito valioso que conquistamos.

Referências

ANDRADE, Maria Carolina Pires de; Piccinini, Cláudia Lino. *Educação Ambiental na Base Nacional Comum Curricular: retrocessos e contradições e o apagamento do debate socioambiental*. Disponível em: http://epea.tmp.br/epea2017_anais/pdfs/plenary/0091.pdf. Acessado em: 21/03/20.

BEMGLO. *Sustentabilidade na Educação infantil*. Disponível em: <https://blog.bemglo.com/sustentabilidade-na-educacao-infantil/>. Acessado em: 17/04/20.

BRASIL, MEC. *BNCC – Base Nacional Cumum Curricular*. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acessado em: 30/08/2019.

BRASIL, MEC. *BNCC na prática*. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/ke2UDdaH5hPjDUZbFbqfWu6kg9jPzZ8wKaCgXwN8MpmGa/bncc-educacao-infantil--ebook-nova-escola.pdf>. Acessado em: 28/07/19.

BRASIL, BNCC. Sustentabilidade x Educação, preservar é nossa missão! Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-fundamental-anos-iniciais/145-sustentabilidade-x-educacao-preservar-e-nossa-missao>. Acessado em 22/09/19.

BRASIL escola. *O que é sustentabilidade?*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/quimica/o-que-e-sustentabilidade.htm>. Acessado em: 09/11/19.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Volume 1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acessado em: 20/08/19.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Volume 3. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acessado em: 20/08/19.

CULTURA MIX.COM. *Sustentabilidade na Educação Infantil*. Disponível em: <https://meioambiente.culturamix.com/gestao-ambiental/sustentabilidade-na-educacao-infantil>. Acessado em: 10/09/19.

COLEGIO Geração. *Como ensinar sustentabilidade para crianças?* Disponível em: <https://www.colegiogeracao.com.br/como-ensinar-sustentabilidade-para-criancas/>. Acessado em: 11/010/19.

CULTURA MIX.COM. *Sustentabilidade Para Crianças: Ensine Pela Ação*. Disponível em: <https://meioambiente.culturamix.com/natureza/sustentabilidade-para-criancas-ensine-pela-acao>. Acessado em 12/10/19.

MARANGON, Cristiane. *Preservar também é coisa de criança*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/297/preservar-tambem-e-coisa-crianca>. Acessado em 19/06/19.

NOVOS, alunos. *A importância de trabalhar a sustentabilidade na escola*. Disponível em: <https://novosalunos.com.br/a-importancia-de-trabalhar-a-sustentabilidade-na-escola/>. Acessado em 21/09/19.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo. Cortez, 2000.

RIO DE JANEIRO. C.M. Elza Machado dos Santos – Tia Elza. Projeto Pedagógico Anual – PPA. *Sustentabilidade na prática: a Creche Tia Elza convida a reciclar, reduzir e reutilizar, semeando o verde por onde passar*. 2019.

SPES. *O papel das brincadeiras no desenvolvimento infantil*. Disponível em: https://phomenta.com.br/papel-brincadeiras-desenvolvimento-infantil/?gclid=CjwKCAjwp-X0BRAFEiwAheRui4WAT4A3u0_8oE1RJfLFdqXzUCuN4cQ8mYBuKoRODqQq9V6TPeb57RoCcuYQAvD_BwE. Acessado em 19/04/20

